

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - JÚLIO DE MESQUITA FILHO**  
**Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara/SP Programa de Pós-  
Graduação em Linguística e Língua Portuguesa**

LARISSA CAMPOI PELUCO

***Nós e a gente mora aqui: um estudo da produção  
linguística, crenças e atitudes sociolinguísticas em  
Monte Azul Paulista***



ARARAQUARA – S.P.

2022

LARISSA CAMPOI PELUCO

***Nós e a gente mora aqui: um estudo da produção  
linguística, crenças e atitudes sociolinguísticas em  
Monte Azul Paulista***

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras- Unesp/Araraquara, como requisito à obtenção do título de Doutora.

**Linha de pesquisa:** Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

**Orientadora:** Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

ARARAQUARA – S.P.

2022

P393n Peluco, Larissa Campoi  
Nós e a gente mora aqui : um estudo da produção linguística, crenças e atitudes sociolinguísticas em Monte Azul Paulista / Larissa Campoi Peluco. -- Araraquara, 2022  
175 p. : tabs., fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara  
Orientadora: Rosane de Andrade Berlinck

1. Sociolinguística. 2. Alternância pronominal de primeira pessoa. 3. Concordância verbal. 4. Crenças. 5. Atitudes sociolinguísticas. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

**Data da Defesa: 24/08/2022**

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidenta e Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck**  
**Universidade Estadual Paulista – UNESP / FCLAR**

---

**Membro Titular: Profa. Dra. Lilian Coutinho Yacovenco**  
**Universidade Federal do Espírito Santo - UFES**

---

**Membra Titular: Profa. Dra. Joyce Elaine De Almeida Baronas**  
**Universidade Estadual de Londrina – UEL**

---

**Membra Titular: Prof. Dr. Cássio Florêncio Rúbio**  
**Universidade Federal de São Carlos – UFSCar**

---

**Membra Titular: Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa**  
**Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM**

*“O real não está no início nem no fim, ele se mostra pra gente é no meio da travessia”.*

Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas (2019)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer aos meus pais, Oscar e Claudia, por acreditarem em mim, mesmo quando eu não mais acreditava. Isso foi essencial, para que eu pudesse prosseguir nessa jornada tão árdua, mas tão satisfatória, que é a busca pelo conhecimento. Obrigada por não me deixarem desistir e fazer com que eu busque ser, a cada dia, uma versão melhor de mim mesma. Vocês me inspiram, todos os dias.

Ao meu irmão, Arthur, por também me apoiar. É sempre muito bom saber que posso contar com você em qualquer momento da minha vida.

Quero agradecer à Clarissa, por ouvir meus questionamentos, inseguranças e compartilhar comigo também os seus. Sou eternamente grata por nossos caminhos terem se cruzado desde à graduação e, mesmo à distância, nosso laço nunca afrouxou. Viva à internet que possibilitou esse contato sincero e essa troca, que muito me faz bem.

À Silvania, que torce e vibra por cada conquista minha. Obrigada por acreditar em mim. Ser sua amiga é saber que sempre terei apoio e companheirismo, mesmo que também, à distância.

À Bruna, por termos nos reaproximado nesse período, graças ao nosso grupo “Clube do Livro”, que fala sobre qualquer coisa, menos livros. Obrigada por compartilhar suas vivências acadêmicas comigo, elas me acalmaram e também, por incentivar a minha escrita.

À Fernanda, obrigada pelas conversas leves que sempre deixaram meu dia mais feliz. A distância de muitos mil quilômetros e fuso-horário não impediram nosso sentimento de apoio, de cuidado e amizade.

À Rafaela, pelo companheirismo durante nossas viagens à UNESP, músicas cantadas, artigos escritos, noites de terça animadas e congressos. Obrigada pela ajuda, pelas ideias e pelo ânimo. Nesse processo tão solitário que é a escrita, foi muito bom poder contar com quem também passava pelo mesmo.

À minha orientadora, Rosane de Andrade Berlinck, pela gentileza, paciência, humanidade e ensinamento compartilhado. Obrigada por cada apontamento em minha escrita, reunião para discussão de resultados, acolhida em momento de dúvida. Ser sua orientanda foi um grande privilégio em minha vida acadêmica.

Ao professor Cássio Florêncio Rubio. Obrigada pelos valiosos apontamentos e comentários em minha qualificação. Eles foram essenciais para que eu amadurecesse minhas ideias e contribuíram muito para este trabalho.

À professora Livia Oushiro, pela discussão de meu trabalho na qualificação e pelas aulas de estatística.

À professora Juliana Bertucci Barbosa, por ter plantado a sementinha da pesquisa em mim, desde a graduação. Sem seu incentivo, eu não teria percorrido esse caminho.

Ao meu eterno professor Bruno Curcino (*In Memoriam*) que sempre verbalizava que queria ver seus alunos virando mestres e doutores.

Aos colegas do Solar- Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara-, pelos textos debatidos, apresentações de trabalhos, discussão de resultados. Sem dúvidas, fazer parte desse grupo foi imprescindível para cada etapa da minha vida de doutoranda. Um agradecimento especial à Letícia, que compartilhou comigo textos para estudo e também os resultados de sua pesquisa de mestrado, citada em meu trabalho.

Ao Marcus, por toda a gentileza que sempre teve comigo e com os demais colegas. Obrigada por sanar minhas dúvidas, pelas ideias que contribuíram para o andamento deste trabalho, pelos gráficos elaborados, por compartilhar seu conhecimento conosco.

À escola onde trabalho, por sempre permitir que eu escolhesse os dias que queria livres, a fim de poder assistir às aulas da pós e participar das reuniões do grupo de pesquisa. Gostaria de agradecer também às minhas amigas de trabalho, Dani e Maria Cecília, por sempre me ouvirem falar desta tese.

Aos participantes de minha pesquisa, que dispuseram de seu tempo para participar das entrevistas, alguns, devido à pandemia, via internet.

Aos alunos participantes do teste de crenças e atitudes sociolinguísticas, pela paciência ao responder cada item. Suas respostas foram importantíssimas para esta pesquisa.

Por fim, aos meus queridos alunos da escola pública e privada. Vocês, mesmo que não soubessem, me davam forças para continuar essa empreitada. É em sala de aula, com vocês, que eu me sinto realizada.

## RESUMO

Este trabalho estuda a alternância pronominal e a concordância verbal de 1ª pessoa do plural em Monte Azul Paulista- SP. Para tal, foram escolhidos dois bairros com características distintas. Um é o Itamaraty, com moradores de maior poder socioeconômico, o outro é o São Francisco, com moradores de menor poder aquisitivo. Interessou-nos investigar se essas diferenças refletiriam na produção linguística desses locais. Para isso, foi construída uma amostra de entrevistas sociolinguísticas com 28 informantes, 16 do São Francisco e 12 do Itamaraty, de diferentes faixas etárias, divididos entre homens e mulheres, com níveis de escolaridade distintos. Além da produção, também nos interessou as crenças e as atitudes sociolinguísticas que os alunos moradores do bairro São Francisco possuem a respeito das formas aqui estudadas. A partir disso, na produção, verificou-se que, em ambos os bairros, o uso da variante *a gente + 3PS* foi maior nos dois locais, tanto no Itamaraty (91%), como no São Francisco (69%), o que indica que essa forma não é avaliada negativamente. A ocorrência de *nós+ IPP* no bairro Itamaraty foi de 9%, enquanto, no São Francisco, a ocorrência dessa forma foi de 20%. A ocorrência de *nós + 3PS* foi produzida apenas por moradores do bairro São Francisco (11%). Compreendemos então, que os dois bairros mostram uma tendência ao uso da variante *a gente+ 3PS*, em todos os contextos analisados, seja linguístico ou extralinguístico. A forma *nós+ IPP* é favorecida pela 3ª faixa etária (60 anos ou mais) no bairro São Francisco. Quanto à relação dessa forma com o fator escolaridade, seu uso tem maior proporção conforme se avançam os anos de estudo. Já a variante *nós+ 3PS* é favorecida por moradores menos escolarizados e, também, da 3ª faixa etária. Para os fatores linguísticos, os contextos de *saliência esdrúxula* e verbos no pretérito imperfeito favorecem o uso das formas *a gente+ 3PS* e *nós+ 3PS*, visto que os falantes tendem a evitar o uso de proparoxítonas. Contextos de *saliência máxima* e verbos no pretérito perfeito são favorecedores da variante *nós+ IPP*. Para o teste de crenças e atitudes sociolinguísticas, obtivemos a participação de 25 alunos, que cursavam o 9º ano do Ensino Fundamental. O teste de crenças mostrou que os alunos acreditam que a língua escrita é mais correta que a falada e que, para escrever bem, é necessário conhecer as regras gramaticais. 76% reconhecem que falam de um jeito mais descontraído quando estão com pessoas com quem possuem intimidade. 60% dos alunos acreditam que as pessoas de seu bairro falam errado e 64% dos alunos acham que exista uma forma correta de falar. Em relação às atitudes sociolinguísticas, percebemos que a variante *a gente + 3PS* não é avaliada negativamente, pois os alunos reconhecem seu uso em contextos formais e informais. Já os usos de *nós + 3PS* e *a gente + IPP* foram relacionados a pessoas sem escolaridade. Quando os alunos foram perguntados sobre qual forma usariam para fatos já terminados e que acontecem todos os dias, o *nós + IPP* foi favorecido por contextos com verbo no pretérito perfeito (53%), enquanto o *a gente + 3PS* emergiria preferencialmente em contextos com verbos no presente (50%).

**Palavras-chave:** alternância pronominal de primeira pessoa; concordância verbal; crenças; atitudes sociolinguísticas.



## ABSTRACT

This work studies the 1<sup>st</sup> person pronominal alternation with regard to verb agreement in Monte Azul Paulista- SP. To this end, two neighborhoods with distinct characteristics were chosen. One of them is the Itamaraty district, which has residents of greater socioeconomic power, the other district is São Francisco, which has residents of lower purchasing power. We were interested in investigating whether these differences would be reflected in the linguistic production of these places. For this, a sample of sociolinguistic interviews was built with 28 informants, 16 people from São Francisco, 12 people from Itamaraty, from different age groups, divided between men and women with different levels of education. In addition to production, we were also interested in identifying the sociolinguistic beliefs and attitudes that students who live in São Francisco district have regarding the forms studied in this work. From that, in production it was found in both neighborhoods the variant *a gente + 3PS* was the most frequent in both locations, as far as Itamaraty and São Francisco, which indicates that this form is not negatively evaluated. The form *nós + 1PP* in the Itamaraty neighborhood occurred in 9% of the data, while in São Francisco this form corresponded to 20% of the uses. The form *nós + 3PS* was produced only by residents of São Francisco district (11%). We understand that both neighborhood show a tendency to use the variant *a gente + 3PS* in all these analyzed contexts, whether linguistic or extralinguistic. The *nós + 1PP* form is strengthened by the third age group (60 years and over) in São Francisco neighborhood. As for the relationship of this form with the education factor, its use has a greater extent as the years of study advance. The variant *nós + 3PS*, on the other hand, is favored by less educated residents and by the 3<sup>rd</sup> age group. For linguistic factors, odd salience contexts and verbs in pretérito imperfeito favor the use of the forms *a gente + 3PS* and *us + 3PS*, since speakers tend to avoid the use of proparoxytones. Maximum salience contexts and verbs in the past tense are promoters of the *we + 1PP* variant. For sociolinguistic beliefs and attitudes test, we obtained the engagement of 25 students who were in the ninth grade of elementary school. The belief test showed that students believe that written language is more correct than spoken language and, in order to write better, it is necessary to know the grammatical rules. 76% of students recognize that they speak in a more informal way when they talk to people they are familiar with. 60% of students believe that people in their neighborhood speak wrongly and 64% of students believe that there is a correct way of speaking. With regard to sociolinguistic attitudes, we noticed that the variant *a gente + 3PS* isn't negatively evaluated, as students recognize its use in formal and informal contexts. While the uses of *nós + 3PS* and *a gente + 1PP* were related to people with no schooling. When students were asked which they would use for facts already completed and that happen every day, *nós + 1PP* was benefited by contexts with verbs in the present (53%), while *a gente + 3PS* would emerge preferentially in contexts with verbs in the present tense.

**Palavras-chave:** First person pronominal alternation; verb agreement; beliefs; sociolinguistic attitudes.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Relação entre crença e atitude. ....	41
<b>Figura 2</b> - Localização da cidade de Monte Azul Paulista no estado de São Paulo. ....	58
<b>Figura 3</b> - Imagem do mapa da cidade. ....	59
<b>Figura 4</b> - Foto antiga da Igreja Matriz. ....	60
<b>Figura 5</b> - Foto atual da igreja Matriz. ....	60
<b>Figura 6</b> - Foto atual da prefeitura de Monte Azul Paulista. ....	61
<b>Figura 7</b> - Foto atual da cidade de Monte Azul Paulista. ....	62
<b>Figura 8</b> - Nuvem de palavras construída a partir das profissões dos informantes do bairro Itamaraty. ....	64
<b>Figura 9</b> - Nuvem de palavras construída a partir das profissões dos informantes do bairro São Francisco. ....	65
<b>Figura 10</b> - Apresentação na antiga quadra da escola. ....	74
<b>Figura 11</b> - Antiga fachada da escola. ....	75
<b>Figura 12</b> - Atual pátio da escola. ....	76
<b>Figura 13</b> - Nuvem de palavras com as respostas dos alunos sobre ocupação de pais ou responsáveis. ....	1012
<b>Figura 14</b> - Nuvem de palavras com as respostas do que os alunos gostam de fazer nas horas vagas. ....	104
<b>Figura 15</b> - Nuvem de palavras com as preferências musicais dos alunos. ....	106
<b>Figura 16</b> - Nuvem de palavras de que como os alunos acham que as pessoas veem o bairro onde eles moram. ....	108
<b>Figura 17</b> - Nuvem de palavras com as respostas dos alunos. ....	123
<b>Figura 18</b> - Falares “mais bonitos” que o de Monte Azul. ....	127
<b>Figura 19</b> - Falar mineiro. ....	129

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Proporção Geral da Variável Dependente.....	80
<b>Gráfico 2</b> - Variável dependente separada por bairros. ....	81
<b>Gráfico 3</b> - Proporção da variável dependente pela escolaridade no Itamaraty. ....	83
<b>Gráfico 4</b> - Proporção da variável dependente pela escolaridade no São Francisco. ....	84
<b>Gráfico 5</b> - Proporção da variável dependente pela Faixa etária no Itamaraty.....	86
<b>Gráfico 6</b> - Proporção da variável dependente pela faixa etária no São Francisco. ....	87
<b>Gráfico 7</b> - Proporção da variável dependente pelo sexo/gênero no Itamaraty.....	89
<b>Gráfico 8</b> - Proporção da variável dependente pelo sexo/gênero no São Francisco.....	90
<b>Gráfico 9</b> - Proporção da variável dependente pela saliência fônica no Itamaraty. ....	92
<b>Gráfico 10</b> - Proporção da variável dependente pela saliência fônica no São Francisco. .....	93
<b>Gráfico 11</b> - Proporção da variável dependente pelo tempo verbal no Itamaraty. ....	95
<b>Gráfico 12</b> - Proporção da variável dependente pelo tempo verbal no São Francisco. ..	96
<b>Gráfico 13</b> - Gráfico comparativo entre salário mínimo nominal e salário mínimo necessário.....	104
<b>Gráfico 14</b> - Respostas dos alunos ao teste de crenças: (a) a língua escrita é mais correta do que a falada e (b) para escrever e falar bem basta conhecer as regras gramaticais. .	113
<b>Gráfico 15</b> - Resultados do teste de crenças com respostas dos alunos.....	116
<b>Gráfico 16</b> - Resultados do teste de crenças com respostas dos alunos.....	117
<b>Gráfico 17</b> - Resultados da autoestima linguística dos alunos: (a) eu escrevo bem e (b) eu falo bem. ....	119
<b>Gráfico 18</b> - O jeito de falar de Monte Azul Paulista é bonito. ....	121
<b>Gráfico 19</b> – (a) O modo de falar no bairro São Francisco é diferente de outros bairros e (b) a vida das pessoas do meu bairro é diferente de outros bairros. ....	122
<b>Gráfico 20</b> – (a) As pessoas do meu bairro falam errado e (b) Existe uma forma correta de falar. ....	124
<b>Gráfico 21</b> – (a) O modo de falar do monteazulense é caipira e (b) Eu falo como meus pais falam.....	125
<b>Gráfico 22</b> - Observe as frases: “Nós gostamos de chocolate” e “A gente gosta de chocolate”. Você acha alguma delas a melhor? .....	131
<b>Gráfico 23</b> - Se uma pessoa falar pra você: “Nós gostamos de chocolate” em vez de “A gente gosta de chocolate”, o que você pensaria dessa pessoa? .....	133

<b>Gráfico 24</b> - Se uma pessoa falar: “Nós estuda muito na escola”, o que você pensaria dessa pessoa? .....	134
<b>Gráfico 25</b> - Se uma pessoa falar: “A gente vamos sair sábado?”, o que você pensaria dessa pessoa? .....	135
<b>Gráfico 26</b> - Se uma pessoa falar: “Nós <b>gostávamos</b> de Matemática” em vez de “ <b>A gente gostava</b> de Matemática”, o que você pensaria dessa pessoa? .....	137
<b>Gráfico 27</b> - E você, qual/quais formas mais usa?.....	138
<b>Gráfico 28</b> - Na sua casa e com seus amigos, qual/quais as formas mais usadas?.....	139
<b>Gráfico 29</b> - Na escola, qual/quais as formas mais usadas? .....	141
<b>Gráfico 30</b> - Em um texto escrito, qual/quais as formas mais usadas?.....	143
<b>Gráfico 31</b> - No bairro diferente do seu, que você citou na parte 2 da pesquisa, qual/quais seriam as formas mais usadas lá?.....	144
<b>Gráfico 32</b> - Se você quer contar sobre alguma coisa que <b>já aconteceu</b> com você e seus colegas, qual seria a melhor forma a utilizar? .....	146
<b>Gráfico 33</b> - Se você quer contar sobre alguma coisa que <b>acontece todos os dias</b> comigo e meus colegas qual seria a melhor forma a utilizar? .....	147

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Distribuição global dos usos de nós e a gente na fala da Baixada Cuiabana e de Vitória: análise ternária.....	53
<b>Tabela 2</b> - Profissões recorrentes do bairro Itamaraty.....	64
<b>Tabela 3</b> - Profissões recorrentes no bairro São Francisco.....	65
<b>Tabela 4</b> - Divisão de informantes por células. ....	67
<b>Tabela 5</b> - Classificação para a Saliência fônica verbal. ....	70
<b>Tabela 6</b> - Ocorrências relacionadas ao Tráfico e Porte de drogas no bairro São Francisco.....	109
<b>Tabela 7</b> - Total de ocorrências das formas nós e a gente e a concordância verbal. ....	110
<b>Tabela 8</b> - Diferença entre fala e escrita de um ponto de vista dicotômico.....	114

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1 SOCIOLINGÜÍSTICA: O CAMINHO PERCORRIDO PARA A IDEIA DE LÍNGUA COMO COMPONENTE SOCIAL .....	21
1.1 Longo caminho .....	21
1.2 O tal do sistema diferenciado.....	27
2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE NORMA LINGÜÍSTICA E SOCIOLINGÜÍSTICA EDUCACIONAL .....	33
2.1 Os tipos de normas.....	33
2.2 Norma-padrão e o ensino .....	35
2.3 Sociolinguística educacional.....	35
3 AS ATITUDES E AS CRENÇAS SOCIOLINGÜÍSTICAS.....	39
3.1 Definições múltiplas: atitudes e crenças .....	39
3.2 A importância dos estudos de atitudes e crenças sociolinguísticas para a Sociolinguística.....	43
3.3 Pesquisas precursoras de atitudes linguísticas .....	45
4 O QUE DIZ A LITERATURA SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL E A ALTERNÂNCIA PRONOMINAL ENTRE NÓS E A GENTE.....	47
4.1 O que as gramáticas dizem .....	47
4.2 O que as pesquisas sociolinguísticas dizem sobre a alternância pronominal de 1ª pessoa do plural .....	48
4.3 O que as pesquisas sociolinguísticas dizem sobre a concordância variável com referência de 1ª pessoa do plural.....	51
4.4 O que as pesquisas dizem quanto às crenças e atitudes sociolinguísticas sobre esses processos variáveis .....	54
5 O UNIVERSO DO ESTUDO .....	58
5.1 Monte Azul Paulista: a princesinha da colina.....	58
5.2 Um pouco da história desses bairros.....	62
5.2.1 Jardim Itamaraty .....	62
5.2.2 São Francisco.....	63
5.3 O perfil profissional dos entrevistados .....	63
5.3.1 As profissões do bairro Itamaraty.....	64
5.3.2 As profissões do bairro São Francisco .....	65
6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	66
6.1.1 A variável complexa dependente.....	68
6.1.2 As variáveis independentes .....	69

6.1.3	Variáveis linguísticas.....	69
6.1.4	Variáveis extralinguísticas.....	71
6.1.4.1	Sexo/gênero.....	71
6.1.4.2	Faixa etária.....	72
6.1.4.3	Escolaridade.....	72
6.2	Procedimentos metodológicos para montagem e aplicação do teste de crenças e atitudes.....	73
6.2.1	Uma escola requisitada em um bairro carente.....	73
6.2.2	O teste de crenças e atitudes sociolinguísticas.....	77
7	ANÁLISE DOS RESULTADOS DE PRODUÇÃO LINGUÍSTICA.....	80
7.1	Resultados Gerais da variável dependente na amostra.....	80
7.2	Análises univariadas.....	82
7.2.1	Variáveis extralinguísticas.....	82
7.2.2	Variáveis linguísticas.....	91
7.3	Conclusões a respeito dos dados de produção linguística.....	97
8	ANÁLISE DAS CRENÇAS E ATITUDES SOCIOLINGUÍSTICAS DE ALUNOS MORADORES DO SÃO FRANCISCO.....	99
8.1	Análise dos testes de crenças e atitudes sociolinguísticas.....	101
8.1.1	O perfil dos alunos participantes.....	101
8.1.2	Análise das crenças dos alunos do bairro São Francisco.....	112
8.1.3	Análise das atitudes sociolinguísticas dos alunos do bairro São Francisco	129
8.2	Síntese dos resultados do teste de crenças e atitudes sociolinguísticas.....	147
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	152
	REFERÊNCIAS.....	156
	APÊNDICE I.....	164
	APÊNDICE II.....	167
	APÊNDICE III.....	169
	APÊNDICE IV.....	173

## INTRODUÇÃO

O fenômeno da alternância pronominal de 1ª pessoa do plural (doravante *IPP*) em correlação à concordância verbal, alvo de análise neste trabalho, revela-se como um fenômeno variável, como atestam inúmeras pesquisas (COELHO, 2006; RUBIO, 2012; MATTOS, 2013; SCHERRE, NARO E YACOVENCO, 2018; PINTO, 2022). Sabemos que, por muito tempo, as pesquisas sociolinguísticas se debruçaram sobre o falar dos grandes centros urbanos. Com o tempo, as pequenas cidades e comunidades do interior se tornaram objeto de interesse desses estudos e, assim, vai se delineando um mapa sociolinguístico mais completo do Brasil.

Dizer que os usos de *nós* e *a gente* em relação à concordância verbal são um fenômeno variável significa que o falante tem à sua disposição uma série de combinações para expressar o que deseja. Vale lembrar que nenhuma das formas apresentadas a seguir deveria ser considerada melhor ou pior; são equivalentes do ponto de vista estrutural, pois transmitem a mesma informação.

Uma das opções seria com o verbo no plural com o *nós* (*nós* + *IPP*), constituindo a marcação de concordância, segundo a *norma-padrão*, como em (1); outra seria o *nós* com uma forma verbal no singular (*nós* + *3PS*), uma forma estigmatizada socialmente, como em (2). Ainda é possível o *a gente* com o verbo no singular (*a gente* + *3PS*), que seria uma forma não estigmatizada socialmente<sup>1</sup> (3) e, para finalizar, o *a gente* com uma forma verbal no plural (*a gente* + *IPP*), que indicaria uma forma estigmatizada pela sociedade (4). A escolha entre uma forma e outra se dá por fatores *linguísticos* e *extralinguísticos*.

- a. Nós vamos almoçar.
- b. Nós vai almoçar.
- c. A gente vai almoçar.
- d. A gente vamos almoçar.

Mais uma vez, reforçamos que todas as sentenças apresentadas possuem sentido completo. O indivíduo que a fala atinge seu propósito comunicativo normalmente, pois todos os falantes do Português Brasileiro (doravante PB) a entenderiam. Apesar de as

---

<sup>1</sup> Como demonstra pesquisa de Pinto (2022), entre outras.



formas *a gente*+ *3PS*, *nós* + *3PS* e *a gente* + *1PP* não serem contempladas de forma específica nas Gramáticas Tradicionais (doravante GT) e pela *norma-padrão*, Scherre (2005) afirma que a variação de concordância está “seguramente instalada na língua falada” (p.20) e que quem não segue as regras da GT não deve ser chamado de burro ou ignorante.

Para esta pesquisa, a fim de contribuir para o mapeamento sociolinguístico do interior do estado de São Paulo, assim como o fez Rubio (2012), interessa-nos investigar o comportamento linguístico, assim como as crenças e atitudes sociolinguísticas de dois bairros da cidade de Monte Azul Paulista. Interiorana, fundada por fazendeiros, para cumprir uma promessa pelo restabelecimento da saúde da mulher de um deles, atualmente, possui 18.928 mil habitantes<sup>2</sup> e uma economia de base agrária.

Para tanto, selecionamos dois bairros com características distintas para a coleta do *corpus* de produção linguística. Um deles- o Jardim Itamaraty- é o bairro cujos moradores possuem maior poder aquisitivo na cidade. Segundo a prefeitura da cidade, esse bairro possui o terreno com valor mais alto para compra e as moradias lá construídas devem obedecer a um padrão de metragem. O outro bairro abriga famílias com menor poder aquisitivo, o São Francisco, conhecido por COHAB, mais afastado do centro. Pretende-se investigar se essas diferenças estruturais se refletem no comportamento linguístico desses locais.

Para o estudo da produção linguística, os fatores linguísticos e extralinguísticos escolhidos baseiam-se em pesquisas anteriores (OMENA, 1986; LOPES,1998; TAMANINE, 2002; RUBIO, 2012; MATTOS, 2013; CAMACHO e SILVA, 2017): fatores como *saliência e tempo verbal, sexo/gênero, escolaridade e faixa etária*. Pesquisa como a de Omena (1986) revelou um maior uso de *a gente* na fala de jovens. Camacho e Silva (2017) apontam que tanto homens como mulheres preferem a forma *a gente* + *3PS*, e em relação à faixa etária, os mais jovens usam mais o *a gente*. Tamanine (2002) viu um uso crescente da forma *a gente* entre os falantes mais escolarizados. Rubio (2012) acrescenta que quanto maior a saliência entre as formas verbais utilizadas, mais o informante utilizará o pronome *nós* + *1PP* e evitará o uso do mesmo em formas proparoxítonas, utilizando mais o *a gente*+ *3PS* (*a gente* levava vs. *nós* levávamos). Tudo indica que os falantes preferem o *a gente*+ *3PS* por ser uma forma não avaliada negativamente.

---

<sup>2</sup> Segundo estimativa do IBGE para 2022.

Nosso estudo é sociolinguístico de base variacionista (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]). A Sociolinguística apresenta-se como um ramo da Linguística que estuda a relação entre língua e sociedade. O comportamento linguístico de um indivíduo é compreendido através dos papéis sociais que ele desempenha, do meio em que ele se insere, dos diversos sentidos que o rodeiam.

Campbell- Kibler (2006) afirma que a variação não está apenas relacionada a estruturas sociais, mas que ela carrega sentido social, influenciando as avaliações dos ouvintes através das estruturas sociais. E é justamente por isso que a linguista salienta que estudar variação deve incluir o entendimento de como ela é ouvida e processada, pois essas avaliações oferecem respostas para muitas questões da existência e natureza do sentido social.

Labov relata em seu trabalho na ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts, uma variação na alteração da posição fonética dos ditongos /ay/ e /aw/. Ao estudar a frequência e a distribuição dessas variantes, nas regiões da ilha, por diversas faixas etárias, profissões e grupos étnicos, o linguista observou fatores sociais que influenciam esse processo linguístico.

Assim como a Sociolinguística apregoa, nenhuma mudança acontece isolada dos fatores sociais. Ela ocorre em tempo e lugares específicos e envolve pessoas reais. Labov (2008 [1972], p. 21) afirma que “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo”.

Dessa forma, compreende-se que, para estudar a variação e mudança linguística verificadas na ilha, seria necessário lidar não apenas com os aspectos estruturais, mas também com a vida social dessa comunidade. E como o linguista averigua, estudar a ilha era vantajoso por ser essa uma unidade independente e complexa em termos sociais e geográficos.

Através de estudos preliminares, o linguista percebeu que as diferenças na altura dos ditongos /ay/ e /aw/ poderiam render respostas para seu anseio. As variantes em questão não são salientes para os habitantes da ilha, apenas para os linguistas. Dessa forma, o estudo fica significativo quando se percebe que a tendência de uso dessa variável na ilha se move contrariamente ao que ocorre com esses ditongos nos últimos duzentos anos.

Mais uma vez, para entender o fenômeno que ocorre na ilha, o linguista correlaciona os dados linguísticos com as características sociais da ilha e de seus

habitantes. Como já havia sido mencionado acima, nenhuma mudança acontece em um vácuo social. A ilha é o município mais pobre do estado de Massachusetts, seus habitantes sofrem constantes pressões econômicas e psicológicas. O turismo acaba sendo um fator importante para o estabelecimento da economia na ilha, há a dependência dos visitantes para fazer a economia girar. Os dados revelam que a alta centralização dos ditongos em estudo está relacionada às incursões dos veranistas, sendo o significado dessa centralização ser “vineyardense”. Labov (2008 [1972]) reitera que o significado da centralização é uma atitude positiva dos habitantes em relação à ilha, à vida na comunidade.

No Brasil, os trabalhos que se baseiam na Teoria da Variação e Mudança Linguísticas se preocuparam, em sua maioria, em descrever o funcionamento da língua (produção linguística). Esses estudos têm contribuído muito para a caracterização do PB, ampliando o mapeamento sociolinguístico do Brasil. No entanto, nos últimos anos, pesquisas (CAMPBELL-KIBLER, 2006; ECKERT, 2012; OUSHIRO, 2015) têm defendido que, para compreender de forma mais ampla a dinâmica da variação linguística, deve-se incluir as percepções, avaliações subjetivas e atitudes linguísticas dos falantes de diferentes comunidades de fala, pois uma língua em uso envolve “o falar, o ouvir, o codificar e o recodificar, o expressar e o interpretar” (SENE, 2019, p. 305).

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) trataram dos cinco princípios empíricos que têm importância para a teoria da mudança linguística. Entre eles, estava explicitado *o problema da avaliação*. Segundo os linguistas, os correlatos subjetivos, ou a avaliação subjetiva, são importantes para a mudança linguística, no sentido de aprofundar o entendimento de como ela pode contribuir para a propagação ou bloqueio de um fenômeno linguístico. Segundo Sene (2019), toda língua, variedade linguística ou dialeto é objeto de avaliação subjetiva.

Dessa forma, a partir do que pensam a respeito de um fenômeno linguístico, os usuários da língua podem reagir favoravelmente ou negativamente a ele. Essas atitudes sociolinguísticas podem contribuir para que uma variante seja utilizada por todas as camadas sociais e escolaridades, para que uma mudança linguística se cumpra mais rapidamente ou até mesmo frear o uso de uma forma (LÓPEZ MORALES, 1998). As atitudes são vistas como um processo: elas são formadas pelas crenças, conhecimentos, afetos diante de um objeto social que, no caso desta pesquisa, é a língua.

Pesquisas como a de Lambert et al (1960), que foi a pioneira em investigar as atitudes diante do bilinguismo franco-inglês no Canadá, Cyranka (2007), Bisinoto (2007),

Aguilera (2008), Ghessi (2020), entre outras, vêm prosperando e demonstrando uma forte influência dos significados sociais nas variedades linguísticas. Assim, nosso intuito, além de verificar como se distribuem as formas *nós* x *a gente* com a concordância verbal nos dois bairros selecionados, foi o de estudar as crenças e atitudes sociolinguísticas que os estudantes do bairro de menor poder aquisitivo mantêm a respeito do fenômeno em questão. A escolha por participantes em idade escolar se deu por se tratar de uma fase fundamental na vida do falante, de contato com a norma-padrão ensinada na escola e, assim, podermos entender as reflexões que eles possuem sobre o uso real e concreto do PB.

Entendemos que a sala de aula é um microcosmo onde ocorre uma ampla gama de variação linguística, equivalente à que ocorre no macrocosmo da sociedade em geral. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.183). Todos os indivíduos são formados pelas experiências, pelos contatos que fazem ou fizeram ao longo da vida, a formação escolar, a rede familiar. Os alunos são a representação da variedade linguística desse macrocosmo, o bairro. Além do mais, a escola caracteriza-se por ser um espaço importante no local investigado, de trocas sociais e educacionais.

A organização deste trabalho se dá da seguinte forma: na próxima seção (um), discutimos o caminho percorrido para chegarmos à ideia de língua como componente social, assim como os princípios teóricos da variação e mudança linguística.

Na seção dois, são apresentados breves conceitos sobre norma linguística e Sociolinguística Educacional. Na seção três, são apresentados os conceitos de atitudes sociolinguísticas e crenças, assim como as pesquisas precursoras que se valeram desses componentes em suas investigações, além de traçar sua importância para os estudos sociolinguísticos, bem como para esta pesquisa.

Na seção quatro há uma breve exposição do objeto de estudo: o percurso nas gramáticas, principais pesquisas sobre a alternância pronominal de 1ª pessoa do plural e os usos de *nós* e *a gente* com a concordância variável.

Na seção cinco apresentamos o universo do estudo: a cidade de Monte Azul Paulista, os bairros escolhidos para a pesquisa. Na seção seis, são descritos os procedimentos metodológicos da produção linguística e do teste de crenças e atitudes.

A seção sete empreende a análise e interpretação dos dados da produção linguística. Por fim, a seção oito explora os resultados do teste de crenças e atitudes sociolinguísticas dos alunos moradores do bairro São Francisco, sendo seguida por uma seção de Considerações finais.

## 1 SOCIOLINGUÍSTICA: O CAMINHO PERCORRIDO PARA A IDEIA DE LÍNGUA COMO COMPONENTE SOCIAL

Nesta seção, discutiremos o percurso que levou a se assumir que é preciso incorporar à discussão sobre língua o componente social, até chegarmos nos postulados da Sociolinguística.

### 1.1 Longo caminho

A comunicação é extremamente importante para a espécie humana, pois somos seres sociais. Com alto grau de complexidade, ela permite a interação social através da produção de uma mensagem, na recepção dessa mensagem e no modo de reagir a ela. É então, pela linguagem, faculdade do ser humano, que se efetiva a comunicação.

A manifestação da linguagem se faz por meio da língua, que para Saussure (1970 [1916]), é

[...] ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 1916, p.17).

Usando sua nomenclatura, falamos da *langue*. O linguista separou a *langue* da *parole*; essa última é a fala propriamente dita, o discurso. O interesse de Saussure concentra-se todo na *langue*, por tratar-se de algo que seria comum a todos os falantes, inconsciente, abstrato. E também por ser algo sistemático, ordenado (em oposição à fala, que seria o espaço do caos), segundo Saussure.

Muito antes da Sociolinguística, Meillet (1965 [1911]) também teceu considerações a respeito da língua e da linguagem, já considerando a importância do contexto social não só na relação, mas na constituição desse com a linguagem:

A linguagem é eminentemente um fato social. Com efeito, ela entra exatamente na definição proposta por Durkheim; uma língua existe independentemente de cada um dos indivíduos que a falam e mesmo que ela não tenha nenhuma realidade exterior à soma desses indivíduos, ela é, contudo, por sua generalidade, exterior a eles. Isso mostra que ela não depende de qualquer um deles para mudar e que qualquer desvio de uso individual provoca uma reação. Essa reação não é senão, na maioria das vezes, outra sanção ridícula imposta ao indivíduo que não fala como os demais [...]. As características que são exteriores ao indivíduo e de coerção pelas quais Durkheim definiu o fato social, aparecem, então, na linguagem como a evidência final. (MEILLET, 1905-1906, p. 230)

Meillet afasta-se de Saussure, pois, para o primeiro, é impossível compreender a língua sem uma referência à sua história. Saussure (1970 [1916], p.166) afirma que a língua “é considerada em si mesma e por si mesma”, distinguindo a língua de sua história.

Então, Meillet (1970 [1911]) propõe uma abordagem social da linguagem, que busca conciliar os estudos da mudança linguística com os estudos da estrutura da sociedade. Para ele, a Linguística pode ser vista como uma ciência social. Vale lembrar que, em sua época, a Linguística Geral se pautava nos postulados dos neogramáticos, que estavam interessados em conhecer as leis que determinam as mudanças nas línguas: as leis fonéticas. Meillet, então, reconhece a necessidade da Linguística de acolher um ponto de vista sociológico e possibilitar o entendimento do desenvolvimento linguístico e sua relação com os fatores sociais.

No entanto, o desejo de Meillet de estudar a língua sob o ponto de vista social foi alcançado apenas na segunda metade do século XX. Com a publicação póstuma do *Curso de Linguística Geral*, de Saussure, em 1916, a ideia de língua como sistema abstrato assumiu frente aos estudos da época.

Outro linguista que tratou da língua e da mudança foi Coseriu (1979). Esse linguista romeno inverte um conhecido postulado saussureano, ao afirmar que é necessário partir do terreno do falar para, a partir daí, tratar das outras formas de manifestação da linguagem. O falar torna-se uma referência para a linguagem. E ele defende que a linguagem envolve uma série complexa de elementos, dentre eles os extralinguísticos. O falar seria algo mais abrangente que a própria língua, e nele podem ser incluídos as mímicas, gestos, como fatores importantes na atividade linguística.

Coseriu (1979) afirma que “a língua não existe senão no falar dos indivíduos, e o falar é sempre falar uma língua” (COSERIU, 1979, p.33) e é importante conceber isso juntamente ao contexto social, incluídos aí os outros tipos de linguagem citados acima, como gestos, mímicas. O dinamismo da língua é verificado através da fala.

Em seu ensaio “Sistema, norma e fala” (1979), Coseriu propõe uma reformulação da dicotomia saussureana (da *langue* e *parole*), incluindo nela a instância da *norma*. A *norma* seria um *sistema* de realizações obrigatórias e o sistema abrangeria as formas ideais de realização de uma língua. A norma corresponderia à fixação da língua em moldes tradicionais e representaria a todo momento o equilíbrio sincrônico desse sistema (COSERIU, 1979, p.50).

Para ele, a língua deve ser entendida primeiramente como algo funcional, como atividade em si, para depois ser vista como sistema. Então, é essa língua funcional, como

ele próprio define, que se apresenta como um sistema de possibilidades aos falantes, ou, em suas palavras, um “sistema de oposições funcionais e realizações normais” (COSERIU, 1979, p.50).

Para efeito comparativo, as ideias de Coseriu aproximam-se das de Meillet, pois o primeiro afirma que “a língua não pode ser isolada dos fatores externos- isto é, de tudo aquilo que constituía fisicidade, a historicidade e a liberdade expressiva dos falantes” (COSERIU, 1979, p.19). Coseriu diz ainda que “a mudança linguística está ao alcance de qualquer falante, pois pertence à experiência corrente sobre a linguagem” (COSERIU, 1979, p.58).

William Labov (2008 [1972]) também reivindica para os estudos linguísticos a fala (ou *parole*), que foi pouco explorada nas elucubrações saussureanas. Em 1966, Labov publica *The Social Stratification of English in New York City*, sua tese de doutorado, escrita sob orientação de Uriel Weinreich, e defendida em 1964. Essa obra, junto com o texto *Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança* (2006 [1968]), de Weinreich, Labov e Herzog, mantém-se como base e referência mundial dos estudos sociolinguísticos. É nesse último texto que são apresentados os fundamentos da Teoria da Variação e da Mudança Linguística, ou também Sociolinguística Variacionista, viabilizando o estudo das relações entre a língua e seu contexto social.

Em relação ao termo *Sociolinguística*, Labov (2008 [1972]) afirma ser enganoso e redundante, pois para ele, é impossível conceber a linguística separada de seu contexto social. Segundo o linguista, a língua é usada pelos seres humanos na comunicação de seus interesses, emoções e podemos dizer que uma criança mantida em isolamento dificilmente vai adquirir uma língua.

Vale ressaltar que, por ser considerada um instrumento de comunicação, podemos ser levados a entender que há apenas relações neutras entre os falantes, o que, de fato, não se configura como tal. Por trás de cada língua, há sentimentos, atitudes, relações de poder, além de ser importante na construção da identidade de um indivíduo, como observado na *Introdução*, a respeito da pesquisa de Labov (2008 [1972]) em Martha’s Vineyard. A centralização do ditongo era característica identitária de moradores da ilha, daqueles que não possuísem desejo de alçar voo ao continente.

Então, além de marcação identitária, a língua é utilizada na expressão das crenças e atitudes que formam os seres humanos. Como seres essencialmente sociais, a língua é constituinte importante nosso, assim como do mundo que nos cerca e de nossas

percepções a respeito dele e dos outros indivíduos. Dessa forma, compreende-se que seu estudo seja indissociável do contexto social.

Ao discutir a importância do estudo da língua em seu contexto social, Labov (2008 [1972]) trata do *paradoxo saussureano*, que consiste no fato de o linguista genebrino ter concebido a linguística como uma ciência que estuda os signos na vida social, e esse aspecto social da língua poderia ser estudado observando-se qualquer indivíduo. No entanto, para estudar o aspecto individual, esse deveria ser estudado pela observação da língua no contexto social. As explicações dos fatos linguísticos deveriam ser dadas pela relação com outros fatos linguísticos, e não com aspectos externos à língua, pois o sistema em Saussure (1970 [1916]) é uma instância autônoma, que se basta a si mesma.

Labov (2008 [1972]) também traz à tona os conceitos de Chomsky (1965) para salientar a exclusão do comportamento social ou estudo da fala na linguística. Ao propor a oposição entre *competência* (conhecimento abstrato das regras da língua) e *desempenho* (a execução das regras da língua) e dar importância ao estudo da primeira, Chomsky (1965) reitera o estudo de uma língua abstrata, fora do domínio social.

Labov (2008 [1972]) assevera, no entanto, que essa prática linguística de trabalhar com informantes individuais, fora do contexto social, foi uma prática bem-sucedida para a abordagem da estrutura linguística. Por muito tempo, quando se pensava no estudo da fala, algumas dificuldades e crenças surgiam. Acreditava-se que um *corpus* extraído da fala não consistia em uma boa evidência, pois haveria muitas frases agramaticais, malformadas. Essa crença revelou-se um mito, pois muitos estudos mostraram que as falas espontâneas de indivíduos utilizadas nas pesquisas eram bem formadas e a porcentagem de frases agramaticais era mínima (LABOV, 2008 [1972]).

Labov (2008 [1972]) afirma que é comum ter, em uma língua, diferentes maneiras de se dizer algo. Dessa forma, a variação linguística é o processo pelo qual duas ou mais formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo significado. Neste trabalho, ao lidarmos com as formas *nós x a gente* e a concordância verbal, podemos definir que qualquer sentença que um falante produzir, utilizando qualquer uma dessas formas, possui o mesmo valor de verdade. Diante disso, o linguista reconhece que há “o problema de decidir o lugar dessa variação na estrutura linguística.” (LABOV, 2008 [1972], p. 221).

Uma análise formalista dessa questão poderia dizer que isso se trata de um caso de variação-livre. Nesse caso, a seleção entre duas formas não seria motivada pela estrutura linguística ou por fatores sociais. E isso seria difícil de comprovar empiricamente. Labov (2008 [1972]), para desmistificar o exposto, diz que a



heterogeneidade é comum e, mais que isso, ela é o “resultado natural de fatores linguísticos fundamentais”, passíveis de serem comprovados (LABOV, 2008[1972], p.238).

Para a coleta dos dados, a fim de comprovar a heterogeneidade linguística, Labov (2008[1972]) apresenta o *paradoxo do observador*: é o objetivo do pesquisador descobrir como as pessoas falam em situações naturais, sem observação sistemática. No entanto, não há forma de conseguir isso sem, de fato, observar. O linguista assevera que isso não é um ponto insolúvel. Inúmeras técnicas são postas em prática para a fim de reduzir esse paradoxo. Como já dito anteriormente, entrevistas que abordam assuntos de perigo de vida, infância, parecem conduzir o informante a um maior envolvimento com o tópico e diminuir seu automonitoramento da fala.

Na realização das pesquisas de cunho sociolinguístico, a metodologia tornou-se fundamental para entender como e por que os indivíduos falam de diferentes formas. Labov (2008 [1972]) propôs cinco axiomas metodológicos que surgiram de pesquisas empíricas. O primeiro é a *alternância de estilo*, pois o falante não possui um estilo único de fala. À medida que o contexto social e o tópico mudam, verifica-se uma alternância estilística por parte do falante. Para esse linguista, o critério de atenção é fundamental em sua proposta. Uma fala mais casual aconteceria em situações de menos monitoração da fala, em contextos mais descontraídos. Por outro lado, o estilo cuidadoso, formal apareceria em situações em que o falante monitorasse sua fala, prestasse atenção no seu discurso.

Esse critério para distinguir estilos foi bastante questionado por pesquisadores como Bell (1984), Eckert (2005), entre outros. Bell (1985) objetivou superar esse modelo de Labov (2008 [1972]) apresentando o conceito de *design de audiência*. Para ele, o estilo é social, diz respeito às relações pessoais, através da interação, então, o falante muda seu estilo baseado na audiência, com quem se comunica:

O falante é a primeira pessoa, participante principal no momento da fala, qualitativamente separado dos outros interlocutores. As características da primeira pessoa explicam diferenças de fala entre falantes. Contudo, os falantes desenham seu estilo para a sua audiência. (BELL, A., 1984, p. 159, grifo do autor).

Para Eckert (2005), o estilo é um recurso de criação e recriação da identidade. É uma manifestação do significado social, em que os falantes usam as variáveis para a construção de *personas* sociais. Por isso, a linguista afirma ser relevante entender o papel

que essas *personas* possuem dentro de uma comunidade de prática (estudo etnográfico); os falantes não possuem uma identidade fixa e passiva, mas estão sempre em processo de construção.

A segunda questão metodológica exposta por Labov (2008[1972]) e que se relaciona com a primeira é a *atenção*. Segundo o linguista, “os estilos podem ser dispostos ao longo de uma única dimensão, medida pelo grau de atenção prestada à fala” (LABOV, 2008, p. 243). O linguista afirma que essa segunda questão se trata mais de uma hipótese, de que os falantes exibiriam um mesmo grau de atenção tanto na fala casual (menos envolvimento) quanto na fala excitada (com profundo envolvimento), sendo o fator comum desses dois estilos a pouca monitoração para a própria fala.

A terceira questão concentra-se no *vernáculo* e como acessá-lo; a adversidade superada foi a de ouvir e gravar os dados. Era posto em questão que, se o informante fosse gravado sob condições ideais, sua fala teria características formais, o que não seria interessante para a investigação linguística. Com a ajuda de gravadores profissionais, programas de computador, técnicas para conseguir atingir o vernáculo do informante, esse problema pôde ser superado.

O vernáculo consiste justamente no uso linguístico espontâneo. Labov (2008 [1972]) afirma que é no vernáculo que um fenômeno variável surge. Assim, uma das técnicas empreendidas por diversos linguistas para a coleta dos dados desse modo mais espontâneo foram as entrevistas e o controle dos tópicos que emergiam nelas. O pesquisador, a partir de um roteiro prévio, toca em assuntos que fazem surgir emoções diversas no entrevistado, com perguntas sobre perigo de vida, infância, crenças, casos misteriosos. À vista disso, o participante esquece um pouco da situação de entrevista e fica mais descontraído, dando pouca atenção a seu modo de falar. Nesta pesquisa, empreendemos essa técnica de entrevista para o estudo de produção linguística do fenômeno estudado.

A penúltima questão é a *formalidade*. Como já foi afirmado, em uma situação formal, o vernáculo não emerge, pois o falante confere à sua fala mais do que o mínimo de atenção. Por fim, em relação à *bons dados* para a realização da pesquisa. Labov (2008[1972]) afirma que não importa a metodologia utilizada, a obtenção de dados na quantidade suficiente se dá por meio da entrevista individual.

A respeito da estrutura sociolinguística, há a definição de variável ou variável dependente, que são as formas variáveis em si, no caso deste trabalho, as formas *nós* e *agente* e a concordância verbal. Correlacionada à variável dependente estão as variáveis

independentes ou grupo de fatores, definidos como hipóteses sobre os aspectos que influenciam a ocorrência das formas em estudo. Essa influência pode ser interna, dentro do próprio sistema linguístico. Para exemplificar, podemos citar, a partir da literatura sociolinguística, dois fatores que têm comprovada relação com o nosso fenômeno neste trabalho: a saliência fônica e o tempo verbal. Resultados de pesquisas como de Lemle e Naro (1977), Coelho (2006), Rubio (2012) demonstram que quanto maior o nível de saliência, maiores são as frequências de uso do pronome *nós* e a concordância estipulada pela gramática normativa. Em relação ao tempo verbal, Naro, Scherre e Yacovenco (2018) apontam que o pretérito perfeito favorece o uso de *nós + IPP* e o uso de *a gente + 3PS* é favorecido pelo tempo verbal pretérito imperfeito.

Já como motivações sociais, extralinguísticas, a literatura mostra como relevante para os trabalhos sociolinguísticos, entre outras, a faixa etária, escolaridade, sexo/gênero. Essas serão discutidas na subseção seguinte.

## **1.2 O tal do sistema diferenciado**

Diante das definições de língua apresentadas na seção 1.1, das dificuldades expostas por Labov (2008 [1972]) a respeito do estudo da fala, de como conseguir bons dados para a análise sociolinguística, assumimos a língua como um sistema heterogêneo e variável e que a mudança linguística é “um processo contínuo e o subproduto inevitável da interação linguística”, (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006 [1968], p. 87).

A questão fundamental levantada no texto base para a Teoria da Variação e Mudança Linguística, de Weinreich, Labov e Herzog (Weinreich et al, 2006 [1968]) é, como a língua funciona enquanto a estrutura muda. O primeiro ato sugerido pelos linguistas é o de romper com a ideia de que há uma identificação entre sistematicidade e homogeneidade. Para eles, a explicação da mudança advém da descrição da diferenciação ordenada dentro da língua. Sendo assim, propõem um modelo que trata das questões da mudança no sistema, relacionando-a aos fatos sociais e com alicerce sobre fundamentos empíricos.

Weinreich et al (2006 [1968]) estabelecem como ponto essencial de investigação histórica o fenômeno sob mudança, tanto no contexto estrutural quanto no contexto social, pois os estudos mostram a língua como um sistema que muda conforme mudam as estruturas sociais. O indivíduo está integrado na sociedade, ele é um de seus membros, e ele se torna um ser social por meio da linguagem e da língua. Então, as forças sociais são extremamente importantes para o estudo da língua.

Como as línguas não são estáticas, mas sim variáveis e heterogêneas, podemos dizer que a variação se manifesta na medida em que duas ou mais variantes passam a coexistir em uma comunidade. É preciso que as variantes sejam generalizadas ao ponto de provocar modificações. No entanto, podem existir diversas variantes para uma variável sem que haja mudança. Por esse motivo, afirma-se que nem toda variação pressupõe uma mudança, mas que para haver uma mudança é necessário haver variação. (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006).

Muitos desses questionamentos sobre variação e sociedade foram debatidos por Weinreich et al (2006 [1968]). Ao final eles elaboraram uma proposta com suas reflexões sobre a mudança, selecionamos aqui aquelas que possuem uma estreita relação com esta pesquisa:

2. A associação entre estrutura e sociedade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação da comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas homogêneas.

(...)

7. Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico. (LABOV, HERZOG, WEINREICH, 2006 [1968], p. 125-126)

Então, os autores afirmam que o sistema heterogêneo é visto como um conjunto de subsistemas que se alternam de acordo com um conjunto de regras co-ocorrentes, enquanto dentro de cada um desses subsistemas pode-se encontrar variáveis individuais que co-variam, mas não isoladamente. Cada uma dessas variáveis poderá ser definida extralinguística e linguisticamente.

São apresentados, nesse mesmo texto, cinco questões teóricas centrais:

- Problema do condicionamento: fatores que condicionam a mudança numa dada direção. Consegue-se saber quais mudanças são possíveis e se são de ordem universal?
- Problema da transição: procura respostas para a questão de como a língua muda. Como é feita a transmissão de regras de uma geração a outra?

Elaboram-se hipóteses na tentativa de entender os sistemas intermediários, que dizem muito mais sobre a mudança do que os estágios iniciais e finais.

- Problema do encaixamento: como a mudança se encaixa no sistema linguístico e na comunidade?
- Problema da avaliação: como os falantes olham a mudança e como o julgamento desse falante afeta a mudança?
- Problema da implementação: a mudança se difunde a partir de ambientes mais favoráveis. Quais fatores propiciam que uma determinada mudança ocorra em uma época e não em outra?

A partir dessas questões centrais, Weinreich et al (2006 [1968]) propõem que a mudança começa quando um traço da variação se difunde por meio de um grupo na comunidade de fala. A partir do momento em que a mudança se encaixa na estrutura linguística, ela é, aos poucos, difundida a outros elementos do sistema.

As pesquisas sociolinguísticas procuram, então, traçar um perfil da variação e/ou mudança através da combinação dos fatores linguísticos e extralinguísticos. São esses fatores que ajudam o pesquisador a identificar quais os contextos que são mais favoráveis para a ocorrência das variantes em estudo. Dentre os fatores linguísticos, já citamos a saliência fônica, que se mostrou um forte condicionador da concordância verbal. Há inúmeros condicionadores, a depender do fenômeno linguístico estudado.

Os fatores extralinguísticos são muito importantes para a Sociolinguística, assim como os linguísticos. Os principais condicionadores sociais explorados em pesquisas de variação linguística e adotados nesta pesquisa são: faixa etária, sexo/gênero e nível de escolaridade.

Naro (2003) afirma que a hipótese clássica para a relação entre faixa etária e mudança linguística parte da conjectura de que o atual estado da língua de um falante adulto reflete a língua que foi adquirida por ele quando possuía aproximadamente 15 anos de idade. Ou seja, um indivíduo de 60 anos faz uso de um estado da língua de 45 anos atrás.

Naro (2003), em outra hipótese, diz que a língua do indivíduo muda ao longo do tempo, devido a motivações externas, como pressões do mercado de trabalho. Dessa forma, aos idosos pertenceria um perfil linguístico mais relaxado, pois esses já não sofrem mais pressões do mercado profissional.

Freitag (2005) afirma que os adolescentes estão em uma fase de desenvolvimento do uso vernacular. Eles estão em busca de suas identidades, o que se reflete nos seus usos da língua. Para se sentir inserido em um grupo, adotam uma postura linguística que os define como tais.

Já na faixa etária dos adultos, Chambers (2003) estabelece como fase de acomodação. Porém, vale lembrar que é nessa faixa que os indivíduos sofrem forte pressão do mercado de trabalho, e a norma-padrão acaba sendo imposta a eles. Nesta pesquisa, compreendemos, para a montagem do *corpus*, as três faixas etárias acima explicitadas: jovens, adultos e idosos.

Consoante com Freitag (2005), adotamos medidas que ajudam na interpretação desses dados de faixa etária, de forma que não haja confusão entre variação individual ou variação na comunidade estudada. A solução apontada pela linguista e aqui adotada é a de cercamo-nos do máximo de informações a respeito dos participantes da pesquisa, como grau de escolarização, relação com o mercado de trabalho (se é aposentado, qual a profissão, se exerce a profissão para cujo diploma possui), dentre outras.

De modo geral, nos estudos de produção linguística, dados de faixa etária demonstram que, em uma mudança em progresso, os mais jovens usam com maior frequência as formas inovadoras (CHAMBERS; TRUDGIL, 1980, p.91-93).

Com relação à variável sexo/gênero, há uma importante discussão. Nos clássicos estudos sociolinguísticos, há a afirmação de que as mulheres tendem a usar mais as formas padrão do que os homens. Labov (2001) revisou os princípios de 1990 (de que as mulheres preferem as variantes padrão e que em cenário de mudança linguística, elas a lideram) e propôs o *paradoxo de gênero*:

Em mudanças com consciência social (from above), mulheres usam formas de prestígio com maior frequência do que os homens. Em mudanças sem consciência social (from below), mulheres usam formas inovadoras com maior frequência do que os homens. (LABOV, 2001, p. 293).

De acordo com Labov (2001), as mulheres seriam mais atentas aos valores sociais das variantes que os homens. No entanto, essa hipótese do *paradoxo do gênero* pode falhar. A sociedade se transforma sempre, as práticas sociais por consequência também, há constantes reformulações de questões identitárias, de sexo/gênero. Quando a hipótese não se confirma, Freitag (2015) afirma ser necessário aventar outras explicações. Para isso, é necessário atentar para o lado social da comunidade, pois o papel das mulheres se

modificou. Antigamente, eram mães, donas de casa. Atualmente, saem de casa para trabalhar, ocupam altos cargos em empresas, são, em muitos lares, o único aporte financeiro da família. Tendo isso em vista, pode-se esperar uma mudança no comportamento linguístico feminino.

Por fim, em relação à variável escolaridade, Bortoni-Ricardo (2004, P. 48) afirma que “os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou também têm influência em seu repertório sociolinguístico.” A linguista ainda assevera que, na sociedade brasileira, a escolaridade está ligada ao status socioeconômico dos indivíduos. Nem todos os brasileiros completam os anos de escolaridade, por motivos diversos: desde desinteresse, por ver na escola aprendizados muito distantes do que vivem, ou por terem que trabalhar desde cedo e ajudar no sustento da família, entre outros. Nesta pesquisa, dividimos a escolaridade em três níveis: fundamental, médio e superior.

O controle da escolaridade como fator extralinguístico pode ajudar nas pistas sobre prestígio ou estigma do fenômeno estudado, na valoração social que esse possui, assim como permite fazer uma interação com o ensino, verificando o papel da escola em ajudar os alunos a refletirem sobre a língua materna, além de desenvolver suas habilidades comunicativas. Relacionando a escolaridade e a classe social, estudos sobre o uso de *nós* e *a gente* mostraram que os falantes de classes mais altas e maior nível de escolaridade usam as formas consideradas de prestígio em comparação aos de classe média e baixa (OMENA,1986; LOPES,1993).

Para terminar, diante das cinco questões centrais propostas por Weinreich et al (2009), destacamos o tópico da avaliação, que concerne ao modo como um indivíduo ou comunidade de fala avaliam seu modo de falar e as variedades presentes em uma língua. O falante pode julgar uma determinada língua ou variedade como bonita, feia, como forma de alavanca social ou não, entre outras. Dessa forma, as crenças e atitudes linguísticas dos falantes influenciam decisivamente nos processos de variação e mudança linguística.

Vale ressaltar que as atitudes, tanto positivas como negativas, em relação a fenômeno linguístico podem levar à hipercorreção, à manutenção de uma variedade na sociedade e, se for uma atitude de valoração negativa, variedades podem até cair em desuso ou pode se evidenciar o preconceito linguístico em relação a elas.

Neste trabalho, após a averiguação da produção linguística de *nós* e *a gente* com a concordância verbal em dois bairros diferentes da cidade de Monte Azul Paulista, empreendemos estudo acerca das crenças e atitudes sociolinguísticas que os estudantes

do bairro de menor poder aquisitivo mantêm a respeito do fenômeno em questão. A escolha por participantes em idade escolar se deu por se tratar de uma fase fundamental na vida do falante, de contato com a norma-padrão ensinada na escola e, assim, podermos entender as reflexões que eles possuem sobre o uso real e concreto do PB.

Entendemos que a sala de aula é um microcosmo onde ocorre uma ampla gama de variação linguística, equivalente à que ocorre no macrocosmo da sociedade em geral. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.183). Todos os indivíduos são formados pelas experiências, pelos contatos que fazem ou fizeram ao longo da vida, a formação escolar, a rede familiar. Os alunos são a representação da variedade linguística desse macrocosmo, o bairro. Além do mais, a escola caracteriza-se por ser um espaço importante no local investigado, de trocas sociais e educacionais.

Na seção quatro, serão mais bem explanadas as concepções de crenças e atitudes sociolinguísticas.

A seguir, teceremos breves considerações a respeito de norma linguística e Sociolinguística Educacional.



## 2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE NORMA LINGUÍSTICA E SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL

Durante as análises de produção linguística e do teste de crenças e atitudes sociolinguísticas, abordaremos, muitas vezes, as noções de norma normativa, norma-padrão. Dessa forma, faremos considerações, nesta seção, considerações sobre norma linguística, bem como sua definição e os tipos de normas existentes.

### 2.1 Os tipos de normas

Segundo Faraco e Zilles (2017), falar sobre norma é falar de um dos temas mais complexos nos estudos de linguagem verbal. Diante disso, inicialmente, faz-se necessário esclarecer dois conceitos de norma: uma que eles chamam de *norma normal* (que seria “o que se diz”) e a *norma normativa* (que seria “o como se deve dizer”). Os linguistas reiteram que em relação à *norma normativa*, quando a ela querem se referir, muitos usam uma grande variedade de termos, muito imprecisos e que causam confusão de conceitos.

Primeiramente, é preciso entender o conceito de *norma normal*. Ela, de acordo com Faraco e Zilles (2017), foi alcunhada com esse nome pelo fato de dizer respeito à realidade linguística em sua variabilidade, nascendo das inter-relações sociais e, por isso, é algo normal, habitual, representa a normalidade em uma comunidade de fala.

Os linguistas afirmam que quando se fala da *norma normal*, temos que ter em mente a noção de pluralidade, sendo que a língua se constitui por um conjunto de variedades. Nesse caso, pode-se dizer que existem *normas normais*, no plural (FARACO e ZILLES, 2017, p.13).

Para exemplificar, os autores citam estudo de Razky e Sanches (2016 apud FARACO e ZILLES, 2017) de dados do ALiB<sup>3</sup> sobre palavras que podem ser usadas para denominar “um rio pequeno de uns dois metros de largura”. Como respostas, obtiveram os itens lexicais riacho, córrego e igarapé. Assim, cada um desses itens faz parte de uma *norma normal*, tendo possível relação com a história social, diferenças culturais dos locais que as utilizam. No caso desta tese, as formas *nós* e *a gente* e a *concordância variável* fazem parte de *normas normais* convivendo em bairros diferentes da cidade de Monte Azul Paulista.

A *norma normativa* possui esse nome por sua tentativa de regulamentar, normatizar o comportamento linguístico dos falantes. Aqui, segundo Faraco e Zilles

---

<sup>3</sup> Atlas Linguístico do Brasil.

(2017), há um ideal de língua, estipulando o que está de acordo com o que seria um “bom” uso da língua. Ela é um construto, não espontâneo, que tenta homogeneizar os usos linguísticos, como forma de controlar a variação e mudança linguística.

Apresentadas essas duas *normas*, cabe, neste momento, a distinção entre *norma culta* e *norma-padrão*. Segundo os autores, essas duas *normas* são confundidas como sinônimas pela mídia e escola. Faraco (2008) afirma que a expressão *norma culta*, além de ser igualada a *norma-padrão*, muitas vezes é usada como para caracterizar a norma estipulada pelas gramáticas e dicionários; nesse caso, o autor sugere que o melhor seria usar *norma gramatical*.

Então, Faraco (2008) denomina *norma culta*:

o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita. Esse vínculo com os usos monitorados e com as práticas da cultura escrita leva os falantes a lhe atribuir um valor social positivo, a recobri-la de prestígio social. (FARACO, 2008, p. 71).

Dito isso, é importante frisar que, pelo fato dessa *norma* possuir valorização social positiva, ela não deve ser entendida como uma variedade superior e as outras sendo consideradas “erradas” ou deturpações dessa. A heterogeneidade linguística é realidade de todas as línguas, todas as variedades constituem a língua, portanto não há escala do que seja a melhor ou a pior. São iguais. O prestígio atrelado à *norma culta* não diz respeito aos traços linguísticos nela presentes, mas a processos sócio-históricos que se juntam a ela. Reforçamos que a *norma culta* é, pois, uma *norma normal*, uma variedade entre tantas da língua, equivalente a qualquer outra.

A *norma-padrão* é a expressão que designa a *norma normativa*. Ela é o conjunto de regras criadas no esforço de homogeneizar a língua em determinados contextos. Ao passo que a *norma culta* é uma variedade legítima da língua, viva, espontânea, a *norma-padrão* é um construto, abstrato, usada para servir de referência, modelo imposto aos falantes com base na noção de “certo e errado”.

Faraco e Zilles (2017) afirmam haver “um profundo e perturbador fosso entre a *norma-padrão* e a *norma culta*” (p.177). Segundo os linguistas, a imposição da *norma-padrão* está relacionada ao objetivo de diferenciar a elite das demais classes sociais, e desconsidera o país real, dividido economicamente, miscigenado e cheio de injustiças.

Dessa forma, a instituição dessa *norma* se torna mais um instrumento de opressão e de propagação de preconceito linguístico.

## 2.2 Norma-padrão e o ensino

Constantemente, as aulas de ensino de Língua Portuguesa, são tomadas como aulas de ensino de regras, preceitos gramaticais abstratos e distantes da realidade linguística do país, a *norma-padrão*. Se um aluno produz uma sentença que não esteja “de acordo” com o que essa *norma* prega, a professora o corrige e apresenta a regra considerada “correta”.

No entanto, os erros de português, conforme Bortoni-Ricardo (2004), são simplesmente as diferenças entre as variedades da língua. Segundo a linguista, essa postura dos professores de corrigir o aluno desqualifica a variedade de que esse faz uso, podendo gerar uma insegurança linguística e não contribuindo para que esse aluno desenvolva as habilidades e competências necessárias para que consiga se sobressair em variados contextos.

Faraco e Zilles (2017) defendem um ensino produtivo da língua, que trate essa como um conjunto de variedades, que permita que os alunos entendam a avaliação social que essas variedades carregam, que permita que os alunos desenvolvam o uso dessas variedades, tanto oralmente, como na escrita, e por fim, defendem que esse ensino contribua para uma reflexão realista sobre *norma-padrão* e *norma culta*.

Defendemos aqui, assim como os linguistas, que o ensino do português deva ser feito de forma contextualizada, sempre destacando a variabilidade e flexibilidade da língua. O estudo da *norma culta* deveria ser um dos objetivos da escola, visto que, dominar as formas linguísticas que possuem valorização positiva, adequadas a contextos mais monitorados, mostra-se indispensável para que esses alunos desenvolvam competência comunicativa ampla. No entanto, o aluno precisa entender que essa *norma* é mais uma entre tantas de nossa língua e que, portanto, também varia e muda ao longo do tempo.

## 2.3 Sociolinguística educacional

Linguistas brasileiros vêm se empenhando em pesquisas e teorias sobre variação linguística com o objetivo de compor um retrato da nossa realidade linguística com especial interesse na descrição do português brasileiro.

As contribuições, decorrentes da teoria sociolinguística da variação e mudança, se transformaram em instrumentos pedagógicos capazes de contribuir nas formas de ensinar a língua portuguesa nas escolas. Bortoni-Ricardo (2004), que vem se dedicando no fortalecimento do campo de ação chamado Sociolinguística Educacional, propõe um avanço nas investigações relativas à variação linguística no trabalho escolar com a linguagem.

Cyranka (2015) afirma que a Sociolinguística Educacional nasce trazendo a possibilidade de operar uma revisão nos programas escolares com o intuito de levar os alunos a desenvolverem sua competência comunicativa tanto na modalidade falada quanto na escrita. Para servir como um guia de efetivação desse novo campo, Bortoni-Ricardo (2005) propõe seis princípios fundamentais para a implementação da Sociolinguística Educacional, princípios elencados a seguir:

(1) Primeiro Princípio: a influência da escola na aquisição da língua não deve ser procurada no dialeto vernáculo dos falantes, mas em seus estilos formais, monitorados. É no campo da linguagem monitorada que as ações de planejamento linguístico têm influência.

(2) Segundo Princípio: relaciona-se ao caráter sociossimbólico das regras variáveis. Regras que não estão associadas à avaliação negativa pela sociedade não são objeto de correção na escola. Assim, a Sociolinguística Educacional orienta que no ensino das regras variáveis associadas à avaliação negativa pela sociedade, não se deve inferiorizar o aluno que tem tais variantes.

(3) Terceiro Princípio: inserção da variação sociolinguística na matriz social. O ensino das variedades de prestígio na escola não é necessariamente fonte de conflito, embora possa ser fonte de discriminação das crianças falantes de variedades populares. Para superar essa barreira, propõe-se que os professores desenvolvam uma pedagogia culturalmente sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais de seus alunos.

(4) Quarto Princípio: os estilos monitorados da língua são reservados à realização de eventos de letramento em sala de aula. Em lugar da dicotomia entre português culto e português ruim, institui-se na escola uma dicotomia entre letramento e oralidade.

(5) Quinto Princípio: análise minuciosa do processo interacional, na qual se avalia o significado que a variação assume. Entre os professores, terão aqueles que atribuem valores muito negativos à variação e outros que a veem como uma característica natural dos alunos, indicadora de sua cultura.

(6) Sexto Princípio: processo de conscientização crítica dos professores e alunos quanto à variação e à desigualdade social que ela reflete. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.130-132)

Percebe-se que um dos grandes desafios dessa proposta da Sociolinguística Educacional é o esforço em construir uma pedagogia da variação linguística que não esconda a verdadeira realidade heterogênea deste país. É necessária a sensibilização dos alunos para a variação, de forma que, possamos combater o preconceito linguístico e as exclusões sociais e culturais que se baseiam na diferença linguística (FARACO, 2004).

Bortoni-Ricardo (2004) afirma que uma pedagogia que é sensível aos saberes dos alunos busca a conscientização do aluno quanto às diferenças para que ele próprio possa começar a monitorar seu próprio estilo, sempre respeitando as características culturais e psicológicas do aluno. Enquanto o ensino tradicional da língua portuguesa concentra-se no erro e na correção imediata desse, a pedagogia sensível apregoa a estratégia baseada na identificação da diferença (e não erro<sup>4</sup>) entre o que o aluno disse/escreve e na conscientização dessa diferença.

Diante do fenômeno estudado neste trabalho, acreditamos que refletir sobre as formas pronominais, como o caso do *nós* e *a gente*, configura-se como uma importante tarefa do professor de língua portuguesa. Discutir como o paradigma pronominal está veiculado na tradição gramatical e livros didáticos e a partir daí explorar os usos de cada um dos alunos e seus familiares é o início para a conscientização heterogeneidade linguística.

Gorski e Coelho (2009), na busca de um ensino de língua materna mais crítico, produtivo e menos segregador, explicitam uma possível aplicação da Sociolinguística na prática pedagógica:

Nessa direção uma das primeiras tarefas do professor seria reconhecer a realidade sociolinguística da sala de aula e da comunidade onde está atuando, observando, por exemplo, se há mescla de dialetos evidente entre os alunos, seja dialetos regionais (rural/urbano; nortista/sulista, por exemplo), seja sociais (maior ou menor domínio da norma culta em decorrência de fatores sociais como o nível socioeconômico da família, por exemplo). É importante trabalhar explicitamente com essa realidade da sala de aula, enfatizando a questão da heterogeneidade linguística, comparando as variedades e combatendo preconceitos entre os próprios alunos. Fazer da sala de aula um ‘laboratório de linguagem’ e atribuir aos alunos o papel de ‘investigadores linguísticos’ pode ser uma boa estratégia metodológica para que o ensino de gramática seja significativo e instigante. (GÓRSKI; COELHO, 2009)

---

<sup>4</sup> Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 37), “erros de português são simplesmente *diferenças* entre variedades da língua.”

Dessa forma, acreditamos que a Sociolinguística Educacional pode contribuir para melhorar o ensino de língua portuguesa, pois trabalha com a realidade linguística dos usuários dessa língua, aliando os fatores internos (fonologia, morfossintaxe, semântica) e também os fatores externos (escolaridade, faixa etária, origem geográfica, situação econômica, dentre outros).

Para trabalhar a variação linguística, o professor deve introduzir o respeito e a aceitação aos vários falares dos alunos, contribuindo dessa forma para sua competência comunicativa e uma maior autoestima linguística.

Na próxima seção trataremos das crenças e atitudes sociolinguísticas.

### 3 AS ATITUDES E AS CRENÇAS SOCIOLINGUÍSTICAS

Nesta seção, apresentamos os conceitos de atitudes sociolinguísticas e crenças, assim como as pesquisas precursoras que se valeram desses componentes em suas investigações, além de traçar sua importância para os estudos sociolinguísticos, bem como para esta pesquisa.

#### 3.1 Definições múltiplas: atitudes e crenças

São muitas as áreas que se valem do conceito de atitudes e crenças. Muitas vezes ambos os termos aparecem imbricados, de quase impossível dissociação. Botassini (2015) afirma que, em uma busca de pesquisas acerca do tema, poucas delas se debruçam em uma tentativa de conceituação do termo *crença*. No entanto, o termo *atitude* corresponde a diversas reflexões.

López Morales (1998) define atitudes linguísticas como uma “manifestação da atitude social dos indivíduos, diferenciada por se centrar e referir especificamente à língua como ao uso que a sociedade faz dela”. (tradução nossa, p.179).

Assim, uma atitude favorável, positiva com relação a um fenômeno linguístico, pode fazer com que uma mudança se cumpra mais rapidamente, ou que em certos contextos predomine uma variedade em vez de outra, podendo ainda trazer benefícios para o ensino de uma língua, de forma a se cumprir de maneira mais eficaz. Em contrapartida, uma atitude desfavorável, negativa a respeito de um fenômeno pode levar ao abandono, esquecimento de uma língua ou impedir a difusão de uma variedade.

López Morales (1998) afirma que as atitudes linguísticas são reflexo de atitudes psicossociais: as línguas, variedades e formas linguísticas possuem significados sociais, como já mencionado acima, então é natural que os falantes as apreciem e avaliem de acordo com o status ou características sociais de quem as usam. Por isso, o linguista reitera que não é fácil delimitar onde começa a atitude em relação a uma variedade linguística e onde termina a atitude em relação ao grupo social ou falante dessa variedade.

Assim, é importante expor que, uma mesma variedade, pode ser objeto de atitude positiva ou negativa, dependendo da atribuição do valor que se faça do grupo que a fala. Geralmente, grupos sociais prestigiados são os que ditam a pauta das atitudes linguísticas da comunidade, os usos e características desses indivíduos com posição social mais alta implicam em atitudes linguísticas positivas. López Morales (1998) reconhece que as variedades próprias, frequentemente, são objeto de atitudes favoráveis.

O linguista cubano também diz que é possível que um falante tenha atitude negativa perante sua própria variedade, quando essa não lhe permite ascensão social, melhora econômica ou movimentação por círculos sociais diferentes do seu. Aqui, poderíamos incluir o importante papel da escola e do ensino da norma-culta<sup>5</sup> aos alunos, que perceberiam a importância de determinados usos em situações específicas, como no ambiente escolar, acadêmico, profissional, através de um ensino não excludente, sem jamais desconsiderar a variedade com que esse aluno chega à escola. Seu papel seria atuar para “combater” ou desfazer essa visão negativa em relação à sua própria variedade.

Ou ainda, um falante pode ter uma atitude negativa em relação a um fenômeno linguístico e mesmo assim, essa variante ser objeto de alguma consideração positiva. Isso se explica pelo fato de um mesmo indivíduo ter atrelado a ele diversos papéis sociais, como profissional, amigo, pai, vizinho. Importante ressaltar que as línguas podem ser apreciadas por razões diferentes, essas que, normalmente, são sociais, subjetivas ou ainda, afetivas.

Lambert et al. (1972, p. 78) afirmam que estudar as atitudes se tornou uma preocupação importante da Psicologia Social<sup>6</sup>, por ser um fenômeno de grande significado social. Assim, afirmam que

Atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. (LAMBERT et al., 1972, p. 78).

Rodrigues (1972), a partir dos conceitos da Psicologia Social, resume atitude social como uma organização de crenças e cognição, cheia de carga afetiva positiva ou negativa sobre uma teoria, situação, grupo social, língua, que predispõe a uma ação coerente a essas crenças e cognições. Botassini (2015) afirma que, no fim da década de 1960, as atitudes passaram a ser de interesse também da Linguística, sobretudo da Sociolinguística, que será mais bem discutido na subseção seguinte.

Como já mencionamos, definir e delimitar atitudes não é tarefa fácil. Seus estudos, conforme López Moralez (1998), costumam ser divididos sob dois pontos de vista:

---

<sup>5</sup> Na próxima seção, abordaremos o conceito de norma linguística.

<sup>6</sup> Segundo Lambert e Lambert (1972, p. 7) a Psicologia Social “é o estudo experimental dos indivíduos, examinados no seu enquadramento social e cultural”.

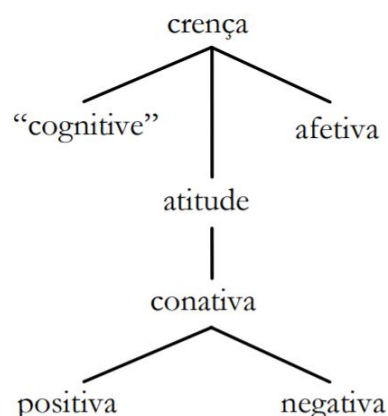


*mentalista e behaviorista*. Esse toma a atitude como conduta, uma reação ou resposta a um estímulo, ou seja, a uma língua ou situação. Aquele trata a atitude como um estado interno do indivíduo, uma disposição mental em relação a fatos sociolinguísticos concretos. Há nessa concepção uma questão metodológica: dificuldade de análise e observação direta. Na concepção *behaviorista*, o problema apresentado é o fato de não prever uma conduta verbal, o que pode não resultar em padrões coerentes.

Salvo esses problemas metodológicos, López Morales (1998) afirma que os linguistas se amparam na concepção *mentalista*, por ser preditiva. Segundo Moreno Fernández (1998), Rodrigues (1972) e Lambert et al (1972), as atitudes são compostas por: *componente afetivo* (emoções e sentimentos), *componente cognitivo* (crenças, conhecimento de mundo) e o *componente comportamental* (tendências para reagir).

Ou seja, as atitudes linguísticas de um indivíduo são resultantes da soma de suas crenças e conhecimentos, seus afetos e sua tendência a se comportar diante de uma língua e de formas linguísticas ou situação. Para López Morales (1998), as atitudes são formadas por comportamentos, condutas que podem ser positivas ou negativas; ele também diz que não há atitude neutra, e sim ausência de atitude. Para ele, nem todas as crenças levam à formação de atitudes, mas a maioria delas a produzem. A relação entre crença e atitudes pode ser explicitada através da figura, retirada de Botassini (2005):

**Figura 1** - Relação entre crença e atitude.



Fonte: Adaptado de López Moralez (1998, p. 185 apud BOTASSINI, 2015).

Percebemos, a partir dessa figura, que as crenças dão lugar a atitudes diferentes, essas ajudam a confirmar as crenças que se tem de um objeto, junto aos elementos cognitivos e afetivos. Ou seja, a tendência para reagir, a atitude, conduta diante uma

língua ou forma linguística depende do conhecimento prévio que tenhamos a seu respeito, das crenças que possuímos e dos sentimentos em relação a ela ou a seus usuários. Dessa forma, neste trabalho, as atitudes são vistas como um processo e não apenas como um resultado. Assim como Bisinoto (2007), acreditamos que a atitude linguística e social se complementam, portanto o termo *atitude sociolinguística* descreve esse complexo procedimento dos falantes e será utilizado neste trabalho.

As crenças são de interesse de muitas áreas do conhecimento, como Sociologia, Filosofia, História, Linguística, Sociolinguística, dentre outras. Botassini (2015) afirma que por ser objeto de tantas áreas, fica difícil sua definição, pois cada área possui um objeto de estudo diferente.

Esse conceito é muito utilizado na Linguística Aplicada, voltado ao ensino de línguas. Pajares (1992) apresenta os muitos termos que são relacionados à ideia de crença: atitudes, valores, julgamentos, opiniões, percepções etc.

Barcelos (2004), sobre a natureza do que seriam crenças afirma:

[...] não são somente um conceito cognitivo, mas também social, porque nascem de nossas experiências e problemas, de nossa interação com o contexto e da nossa capacidade de refletir e pensar sobre o que nos cerca. (BARCELOS, 2004, p. 132).

De forma geral, podemos definir crenças como opiniões e ideias que as pessoas possuem sobre algo. Segundo Barcelos (2007), a crença é algo muito antigo, pois desde que o homem começou a pensar, ele passou a acreditar em algo. Para a linguista, as crenças são dinâmicas, sociais. Isso não significa que elas mudem instantaneamente, mas que elas mudam ao longo do tempo, conforme mudanças vão ocorrendo na vida das pessoas, sempre baseado em pessoas que esse indivíduo julgue importante, ou a fatos do passado da vida desse indivíduo.

Barcelos (2007) ainda conceitua as crenças como paradoxais, pois são ao mesmo tempo sociais (nascem da interação com outros indivíduos), e também individuais, visto que atingem cada pessoa de maneira única.

Assim, as crenças influenciam em suas atitudes, diante de algum objeto social (situação, pessoa, grupo, língua, variedade). Vale ressaltar que a crença está sempre muito ligada à emoção. Quando questionamos a crença de alguém, ou em algo que o indivíduo acredita, normalmente essa pessoa reage imediatamente, para tentar defender o que pensa.

Se um indivíduo acredita que seu jeito de falar é errado, pior do que a maneira de falar em outros extratos da sociedade, distante do que se ensina na escola, isso induzirá a

uma atitude consoante com sua crença. Muitas vezes, essa pessoa terá uma insegurança linguística, será afastada ou até mesmo se afastará por conta própria de círculos sociais de alta posição hierárquica.

A crença de que há um jeito certo e único de falar também pode produzir atitude negativa, como o preconceito linguístico que assola muitos grupos sociais, regiões de nosso país. O indivíduo passa a acreditar que sua própria língua materna não lhe pertence, que nunca aprenderá falar e escrever “corretamente” e que possivelmente, não conseguirá empregos socialmente bem avaliados.

Mudar esse cenário não é tarefa fácil, é necessário ações de conscientização desde os primeiros anos escolares, tanto dos alunos como dos professores, a respeito dos usos linguísticos reais e não pautados na gramática normativa. É a busca pelo respeito linguístico que devemos, ativamente, buscar todos os dias.

### **3.2 A importância dos estudos de atitudes e crenças sociolinguísticas para a Sociolinguística**

Os trabalhos de produção têm contribuído para a caracterização do PB, identificando as variáveis, os fatores linguísticos que as condicionam e os fatores sociais que podem estar atrelados a elas. No entanto, como vimos na seção 2, Weinreich et al. (2006, p. 124), na apresentação dos princípios empíricos para a teoria da mudança linguística, afirmam a respeito do *problema da avaliação*

A teoria da mudança linguística deve estabelecer empiricamente os correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea. Estes correlatos subjetivos das avaliações não podem ser deduzidos a partir do lugar das variáveis dentro da estrutura linguística.” (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006, p.124).

Entendemos então, que estudar o problema da avaliação aprofunda e amplia o entendimento do processo de variação e mudança linguística. Esses linguistas também afirmam que o nível de consciência social é importante propriedade da mudança linguística, pois uma atitude social positiva ou negativa em relação a um fenômeno linguístico pode ser medida através de testes de atitude/avaliação e, assim, é possível indicar condições favoráveis ou desfavoráveis a uma mudança linguística.

Weinreich et al (2006) afirmam que, em algumas variáveis, o nível de consciência social que o falante tem é muito elevado, sendo sujeitas a metacomentários, *os estereótipos*. Como estereótipo, podemos citar o fenômeno da concordância verbal, pois

quando uma pessoa ouve uma sentença sem a marca do plural associado ao *nós*, por exemplo, ela associará essa fala a de uma pessoa sem escolarização, ou talvez que pertença a uma classe social baixa.

Vale lembrar que os estereótipos são muito explorados em programas de humor, novelas ou filmes, com exagero. Podemos citar as personagens representativas do universo caipira, na maioria das vezes retratadas com camisa xadrez, chapéu de palha e o *r* retroflexo bem acentuado, ausência de concordância nominal e verbal em suas falas (PICINATO, 2013; 2018).

Há também os *marcadores*. São variáveis reconhecidas pelos membros de uma comunidade e possuem estratificação estilística e social. Coelho et al (2015) citam como marcador a variação dos pronomes *tu* e *você* em algumas regiões do Brasil. Os usos desses pronomes não são estigmatizados, mas estão correlacionados a uma estratificação estilística como grau de intimidade ou social, como a idade dos falantes (LOPES, OLIVEIRA, CARVALHO, 2016).

Os *indicadores* estão abaixo do nível de consciência social, não são sujeitos a metacomentários, nem estratificação estilística. Nesses, há pouca força de avaliação. Podem diferir socialmente quanto à idade, grupo social, mas não quanto a motivações estilísticas. Coelho et al (2015) citam como exemplo de indicador a monotongação dos ditongos /ey/ e /ow/ no português falado: *peixe/ 'pexe'*, *couve/ 'cove'*.

Essas definições não são estanques. É importante ressaltar que, dependendo da região no Brasil, uma variante pode ser entendida tanto como marcador quanto estereótipo. Coelho et al (2015) afirmam que sentenças do tipo “*tu foi*”, no Rio Grande do Sul, seriam interpretadas como marcadores, como marca de identidade local, o que não acontece em outras localidades do país.

Essas três categorias apresentadas dizem respeito ao nível de consciência social do falante, como também à propensão à variação estilística; a partir delas, dependendo do que ouve, o falante faz inferências. Hymes (1991) afirma que a capacidade de ouvir alguém e fazer inferências sobre o falante faz parte de nossa competência comunicativa.

Ouvir é parte do processo geral de uso da linguagem e segundo Campbell-Kibler (2006), as percepções e avaliações são objetos de investigação tão valiosos quanto a produção linguística. Nas inferências feitas pelos ouvintes, muitos significados podem ser atrelados a uma variável e a seu falante, não apenas as noções de prestígio e estigma. Como já afirmamos, um mesmo indivíduo pode ter vários papéis sociais. Pode ser pai ou

filho, amigo, irmão, patrão ou empregado. Esses significados são construídos à medida que uns interagem com os outros e são moldados pelas crenças e atitudes linguísticas.

Então, compreendemos que a variação carrega significado social, influenciando a forma como os ouvintes a percebem. Importante salientar que a variação contribui para formar impressões, mas também, essas impressões influenciam os usos e as escolhas dessas variáveis (CAMPBELL-KIBLER, 2006).

Dessa forma, estudar as atitudes e as crenças linguísticas relaciona-se ao estudo da avaliação linguística. E, caracteriza-se por explorar o julgamento que os falantes fazem a respeito de sua própria língua e/ou variedade, bem como a do outro. Por conseguinte, as atitudes e as crenças linguísticas afetam ou interferem a implementação de uma mudança ou à manutenção das variedades em uso.

### 3.3 Pesquisas precursoras de atitudes linguísticas

Lambert [(2003) 1967] juntou os aspectos sociais, ideológicos e culturais da linguagem e empreendeu um trabalho com relação ao bilinguismo.

O linguista utilizou a técnica *matched-guise* (falsos pares, como foi traduzida por Bortoni-Ricardo (1977)). Tal técnica objetiva medir as reações dos falantes. Para tal, foram apresentadas a ouvintes gravações de falantes bilíngues lendo um mesmo trecho de um texto (primeiro em inglês, depois em francês). Os ouvintes, jovens estudantes, tiveram que avaliar as características de cada falante apenas com base na gravação, imaginando que se tratava de falantes diferentes, e marcar, em uma escala que ia de *muito pouco* a *muito* itens a respeito da altura, beleza, senso de humor, inteligência, religiosidade, autoconfiança, confiabilidade, entre outras, o que mais eles julgavam serem as características dos falantes. Os ouvintes atuaram como “juízes” de valores e não tinham conhecimento de que os trechos em línguas diferentes tinham sido gravados pela mesma pessoa.

Os resultados mostraram que tanto os participantes da pesquisa que falam inglês como os que falam francês, avaliaram melhor os falantes do inglês, não percebendo que se tratava do mesmo leitor. Os falantes do inglês avaliaram o inglês mais positivamente. Já os falantes de francês não só avaliaram o inglês de forma mais positiva, como suas avaliações para com o francês foram menos favoráveis que as que os falantes do inglês fizeram a respeito da língua francesa. Os autores afirmam que esse resultado de diferenças no julgamento sobre a personalidade dos falantes pode ser interpretado como evidência

de atitudes estereotipadas em relação a membros de um grupo minoritário por parte da amostra francesa.

Labov (2008) afirma que a técnica criada por Lambert (2003) é um instrumento e uma metodologia segura para se estudar as reações subjetivas à linguagem. Assim, na década de 1960, estudar percepções, avaliações passou a ser objetivo também da Sociolinguística, como afirmamos acima.

O sociolinguista, em sua pesquisa em Martha's Vineyard (já comentada na *Introdução*) também fez uso do componente atitude em suas investigações. Ele mostrou como os fatores sociais influenciam no fenômeno linguístico estudado: a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/. Diante dos resultados, o linguista interpretou o aumento da centralização como efeito de uma atitude positiva dos habitantes da ilha, no sentido de se mostrar como pertencente àquele território, como marca de sua identidade.

Outra pesquisa de Labov, nas três lojas de departamento de Nova Iorque (Saks, Macys, S.Klein) também mostra a força das atitudes diante de um fenômeno que marca valores sociais diferentes: o uso do /r/ pós-vocálico, como em *fourth* e *floor*. Os resultados evidenciaram que quanto maior o padrão socioeconômico de quem frequentava as lojas, mais os usos de /r/ eram evidenciados pelos funcionários delas. O prestígio social dos clientes leva a uma atitude positiva com relação aos empregos nessa mesma ordem.

Dessa forma, nesta pesquisa, investigamos as atitudes sociolinguísticas que os jovens em idade escolar do bairro São Francisco têm a respeito dos usos de *nós* e *a gente* em correlação à concordância verbal e as crenças que possuem a respeito de sua língua materna. A escolha por alunos se deu por se tratar de uma fase fundamental na vida de uma pessoa, além da escola ser um espaço importante de trocas sociais e educacionais no bairro. No bairro Itamaraty não há escolas, por se tratar de um local exclusivamente residencial.

Por fim, o estudo das crenças e atitudes sociolinguísticas contribui com a busca por estratégias para o ensino da variação, amadurecimento da ideia do respeito linguístico e combate do preconceito, possibilitando o respeito pela fala do outro, sem julgamentos.

#### 4 O QUE DIZ A LITERATURA SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL E A ALTERNÂNCIA PRONOMINAL ENTRE NÓS E A GENTE

Nesta seção, abordaremos o percurso nas gramáticas, principais pesquisas sobre a alternância pronominal de 1ª pessoa do plural e os usos de *nós* e *a gente* com a concordância variável. Sabemos que é necessário identificar o comportamento dessa variável em estudo em outras comunidades para assim, verificar, além das características, as regularidades que o fenômeno assume na comunidade de Monte Azul Paulista e as possíveis singularidades que apresenta em relação às demais comunidades estudadas.

##### 4.1 O que as gramáticas dizem

Inúmeras pesquisas sociolinguísticas sobre o PB já atestaram que o fenômeno da CV é variável e muito perceptível aos falantes e ouvintes. A respeito das formas *nós* e *a gente*, Rubio (2012) afirma que o reconhecimento de sua variação não é recente, pois o uso do *a gente* já aparece como forma “popularesca” em gramáticas do início do século XX. No entanto, muitas gramáticas ainda não apontam o uso dessa forma.

Em sua *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Said Ali (1964) afirma que o pronome *nós* é o plural do *eu*, e que pode significar *eu + tu*, *eu + ele*, *eu + vós*. Essa definição nos parece inadequada, pois para considerarmos o *nós* plural do *eu*, deveria significar *eu + eu*, fórmula que não aparece em sua definição e nem corresponderia, de fato, ao sentido de *nós*. Quanto à forma *a gente*, o gramático declara que se originou de um substantivo e que assume caráter pronominal quando usada, para indicar agente vago e indeterminado. E segundo ele, o *a gente* é usado principalmente na linguagem familiar. Não há nenhuma referência às concordâncias dos referidos pronomes.

Napoleão Mendes de Almeida, na *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, de 1973, concebe o *a gente* como pronome de tratamento, mas indica que a forma substitui a terceira pessoa gramatical, revelando uma incoerência, pois o *a gente* não é usado em substituição à terceira pessoa gramatical, mas sim à primeira. Para elucidarmos o exposto, podemos constatar o trecho em que essa definição ocorre:

**Pronomes de tratamento:** São assim chamadas as palavras e expressões que substituem a terceira pessoa gramatical: *fulano*, *beltrano*, *sicrano*, *a gente*, *você*, *vossa mercê*, *vossa excelência*, *vossa senhoria*, *sua senhoria*, *sua majestade*. (ALMEIDA, 1973, p. 150).

Já a gramática de Cegalla (2008[1970]) explicita apenas o pronome *nós* como representação de 1ª pessoa do plural e não menciona a forma *a gente*. Na gramática de Cunha e Cintra (2010[1985]), na seção de pronomes pessoais, encontramos o pronome *nós*, que indica a pessoa gramatical que fala. O *a gente* aparece como fórmulas de representação de 1ª pessoa, em que os autores explicitam ser usado em situação de “colóquio normal” (p.310), no lugar do *nós*. Quanto a esse uso da forma inovadora, é asseverado que o verbo que a acompanha deve ficar sempre na 3ª pessoa do singular. Nessa gramática, não há menção a casos de variabilidade com a concordância verbal.

Na Gramática Normativa da Língua Portuguesa (2011), de Rocha Lima, o pronome pessoal *nós*, apresentado como plural do *eu*, é apresentado com sua conjugação, com *-mos*. Também não há nenhuma menção à forma *a gente*.

Já a Gramática do Português Revelada Em Textos (2018), de Neves, ao apresentar os pronomes pessoais, indica que há “o pronome pessoal de 1ª pessoa do plural (*nós*), com suas variações formais, conforme a função.” (p. 464). Para explicar que nos usos da primeira pessoa do plural o falante está sempre incluído, sendo um referente determinado, Neves (2018) exemplifica com trechos de textos em que há alternância das formas *nós* e *a gente*.

Vimos que a tradição gramatical aponta a necessidade da flexão verbal com a desinência *-mos* quando o *nós* é sujeito da oração. Alguns autores que citaram o *a gente*, incluem a informação de que esse pronome deve ser acompanhado de verbo com a desinência de 3ª pessoa do singular.

Sabendo da importância dos estudos sociolinguísticos para que ocorra um maior entendimento e consciência a respeito dos fenômenos em variação, comentaremos, a seguir, as principais pesquisas sobre um dos fenômenos desta tese.

#### **4.2 O que as pesquisas sociolinguísticas dizem sobre a alternância pronominal de 1ª pessoa do plural**

Omena (1986), no trabalho intitulado *A referência variável da 1ª pessoa no plural*, foi a primeira a tratar da variação entre *nós* e *a gente*. Utilizando o banco de dados do Projeto Censo, ela analisou o fenômeno na fala de pessoas com pouca escolaridade do Rio de Janeiro. Os resultados evidenciaram a preferência de 73% pelo uso de *a gente* na posição de sujeito.

Os fatores linguísticos pela linguista investigados foram: paralelismo formal e semântico, saliência fônica, tempo verbal e a determinação do referente. De modo geral,



o uso de *nós* é favorecido por verbos que apresentam maior saliência fônica, estando no pretérito perfeito ou futuro e quando o falante deseja fazer referência específica e determinada. Já o uso da variante *a gente* é favorecido quando o verbo possui menor saliência fônica e está no presente e quando o falante deseja fazer referências genéricas a um grupo de pessoas.

Quanto aos fatores extralinguísticos, a linguista comprovou um maior uso de *a gente* na fala dos jovens, enquanto os idosos preferem o uso do *nós*, o que indica que pode estar havendo uma mudança em progresso. As mulheres, na faixa etária adulta, preferem utilizar o *nós*. Com relação à escolaridade, os que possuem maior nível de escolaridade da amostra, preferem o uso da variante *nós*.

Lopes (1993), em estudo intitulado *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*, definiu suas hipóteses a partir de Omena (1986). A intenção básica da autora era verificar se o comportamento dos falantes cultos seria o mesmo de falantes com pouca escolaridade. Para isso, utilizou o *corpus* do Projeto NURC, composto por entrevistas da década de 1970. Ao analisar o fenômeno na norma oral culta, a linguista verificou os fatores linguísticos mais fortemente correlacionados ao fenômeno: paralelismo formal, saliência fônica, determinação do referente, tempo verbal e modalização discursiva. Para os fatores extralinguísticos, a autora considerou a região geográfica (Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre), faixa etária e sexo dos participantes.

Em síntese, Lopes (1993) concluiu que os fatores que condicionam o uso de *nós* e *a gente* são, praticamente, os mesmos para falantes com pouca escolaridade (OMENA, 1986) como para falantes que possuem graduação completa. No entanto, a linguista ressalta que nos falantes de pouca escolaridade, o uso de *a gente* por *nós* encontra-se em um estágio mais avançado do que entre os falantes mais cultos. Os usos de *a gente* são favorecidos em uma sequência discursiva quando precedido de outra forma *a gente* ou verbo na 3PS, sem sujeito explícito. O mesmo acontece para o uso de *nós*, que tende a se repetir no paralelismo discursivo.

Quanto ao uso determinado ou genérico, há uma preferência pelo uso de *nós* em uma referência determinada, específica e pelo uso de *a gente* em uma referência mais genérica. Assim como em Omena (1986), o uso de *nós* é favorecido por verbos no pretérito perfeito e futuro e mais salientes e o *a gente* se favorece na presença de verbos no presente e menos salientes. Jovens usam mais *a gente* e idosos, a forma *nós*. Os adultos, que possuem graduação completa, utilizam as duas formas, revelando que a forma inovadora não é avaliada negativamente. Quanto ao sexo, são as mulheres que

tendem a usar mais o *a gente*. Em relação ao fator geográfico, o Rio de Janeiro foi onde o *a gente* foi mais utilizado, enquanto, em Salvador e Porto Alegre, houve preferência pelo *nós*.

Tamanine (2002) também investigou a variação entre *nós* e *a gente*. Para isso, analisou o *corpus* do banco de dados do Projeto VARSUL- Variação Linguística do Sul, selecionando as entrevistas das cidades catarinenses de Chapecó, Blumenau e Lages. Para investigar a alternância pronominal de 1ºPP na posição de sujeito, a linguista controlou como fatores linguísticos o paralelismo formal e determinação do referente. Os fatores sociais são os previstos no VARSUL: faixa etária, sexo, escolaridade e localidade.

Os resultados, na distribuição geral da amostra, mostram a preferência de 55% pelo *a gente* e 45% pelo *nós*. Com relação à localidade, Lages e Blumenau evidenciam preferência pelo *a gente* e Chapecó ainda conserva mais o uso do *nós*, mas a linguista observa que o *a gente* cresce em todas as cidades. Para a faixa etária, os mais jovens utilizam o *a gente* (52% em Lages, 64% em Chapecó e 77% em Blumenau). O *nós* está presente na fala dos mais velhos em Chapecó e Blumenau. Em Lages, no entanto, a geração mais velha utiliza mais o *a gente*. Na escolaridade, Blumenau possui os que mais utilizam o *a gente* quando mais escolarizados; Lages e Chapecó apresentaram a escolaridade mais perto do ponto neutro, não havendo diferenças significativas entre elas.

Em Blumenau, homens e mulheres preferem a forma inovadora. Os homens de Lages preferem o *a gente*, em contrapartida, são as mulheres de Chapecó que fazem uso dessa forma. O inverso acontece para o *nós*: os homens de Chapecó se inclinam mais para seu uso do que as mulheres de Lages. Quanto a determinação do referente, foi percebido um movimento de o *a gente* assumir características de determinação. Por outro lado, o *nós* apresentou favorecimento de ocorrência em contextos indeterminados, podendo representar uma forma de sobrevivência no sistema. Em relação ao paralelismo formal, houve, em sua maioria, a troca de *nós* pelo *a gente*.

Silva e Camacho (2017), na investigação da alternância pronominal entre *nós* e *a gente* em Rio Branco, utilizaram *corpus* de 40 gravações de fala natural, com informantes de Rio Branco, realizadas no ano de 2011 e 2012. Para os fatores extralinguísticos, foram selecionados sexo, escolaridade e idade. Como fatores linguísticos, foram analisadas a determinação do referente e a concordância do sujeito com o verbo.

Como hipóteses para essa análise, os linguistas possuíam: tendência do *a gente* ser mais frequente; tendência dos mais velhos preferirem o *nós*; de as mulheres usarem mais a forma inovadora e de a 3ªPS favorecer o uso de *a gente*. Os resultados mostraram

76,7% de *a gente* e 23,3% de *nós*. São as mulheres que estão liderando, o que pode indicar que não há avaliação negativa da forma inovadora. Independente da faixa etária, há a preferência pelo *a gente*, mas se verifica uma maior frequência dessa forma na fala dos jovens. A concordância de 3PS favorece o uso do *a gente* e nessa amostra, houve um uso expressivo de *nós*+ 3PS (83%). Os linguistas afirmam que encontraram um uso de *a gente* + 1PP, o que configuram ser um fenômeno de hipercorreção.

#### **4.3 O que as pesquisas sociolinguísticas dizem sobre a concordância variável com referência de 1ª pessoa do plural**

Coelho (2006) empreendeu uma pesquisa cujo objetivo central era demonstrar que, em bairros de periferia de São Paulo, o *a gente* não é a variante preferida da comunidade e que o pronome *nós* + 3PS tende a se generalizar por esses locais. O linguista afirma que sua investigação mantém diálogo com as pesquisas de Omena (2003) e Zilles (2005), no sentido de que essas analisaram a fala de indivíduos de centros urbanos, distribuídos conforme a escolaridade.

Para tal, Coelho (2006) utilizou um *corpus*<sup>7</sup> constituído por trabalho de campo realizado em um subdistrito, de origem favelada, do bairro Brasilândia (comunidade periférica situada na Zona Norte de São Paulo). Foram realizadas 24 entrevistas sociolinguísticas com falantes de diferentes grupos representativos do bairro. O pesquisador também efetuou observação etnográfica dos diferentes status sociais de cada grupo.

Para os fatores sociais, foram considerados a escolaridade, construção da moradia (barraco ou alvenaria), situação ocupacional (desempregado, empregado instável ou estável) e sexo. A hipótese levantada é a de que utilizar o *a gente* + 3PS indica o objetivo social de se afastar do vernáculo da comunidade, não ser identificado como pertencente a ela. Ou seja, quanto maior o nível socioeconômico, maior o uso dessa forma.

De forma geral, os resultados confirmam a hipótese e ainda mostram que os frequentadores de quadras esportivas são os que mais “exageram” no uso de construções como *nóis é*. Esses são os indivíduos que não possuem vínculo empregatício, geralmente usuários de drogas. São os homens solteiros e desempregados que usam 82% de *nóis* + 3PS. As mulheres, que trabalham fora do bairro e são mães solteiras, por sua vez, são as que mais preferem o uso do *a gente* + 3PS. Concluiu-se, então, que há um maior emprego

---

<sup>7</sup> O *corpus* foi denominado “Amostra Brasilândia”.

de *a gente* na fala de moradores que trabalham fora do bairro e têm contato com falantes de diferentes classes sociais. Os casos de *nós + IPP* ocorrem na fala das professoras do bairro.

Mattos (2013) também pesquisou os usos de *nós* e *a gente* com relação à concordância variável em Goiás. A amostra utilizada foi composta para esse fim. Foram 55 falantes, sendo 28 mulheres e 27 homens, com intervalo de idade entre 16 e 86 anos. Para a escolarização, foram considerados os que tivessem de 10 a 11 anos de estudos e os que tivessem mais de 11 anos de estudos. Também foi considerado o sexo/gênero do participante.

Para os fatores linguísticos, foram analisados os tipos de sujeito, tempo verbal, roteiro rítmico na forma verbal (se é proparoxítona ou paroxítona), tipo de estrutura sintática e tipo de fala (afirmação, negação ou interrogação). Como resultados, a pesquisadora obteve 77% de *a gente* e 23% de *nós*, perfil semelhante ao que ocorre no país, segundo pesquisas). Houve 22% de *nós + 3PS* e 3% de *a gente + IPP*. A linguista afirma que esse uso de *nós* sem a concordância de 1PP na fala de pessoas com mais de 10 anos de escolarização mostra um vínculo com a base rural, muito valorizada em Goiás.

Dos fatores linguísticos analisados, o programa estatístico *Goldvalb* selecionou apenas roteiro rítmico na forma verbal (fuga do vocábulo proparoxítono), faixa etária, escolarização e sexo/gênero. São os mais jovens, com até 10 anos de escolarização e mulheres que favorecem o uso de *nós + 3PS*. Dessa forma, Mattos (2013) supõe que há uma mudança em curso em Goiás, rumo a um aumento da não concordância com o *nós*. Focando a forma *a gente + 3PS*, o tempo verbal pretérito imperfeito foi o favorecedor dessa forma. Os jovens também fazem uso dessa forma, assim como mulheres. Para o ritmo, seu uso aponta para a manutenção do vocábulo paroxítono.

Naro, Scherre e Yacovenco (2018) também investigaram a alternância pronominal e a concordância variável. Para tal, as formas investigadas foram: *nós + IPP*, *nós + 3PS*, *a gente + 3PS*. Os linguistas justificam que tal tipo de análise permite entender quais as dinâmicas sociolinguísticas da implementação do *a gente* no PB.

Para a análise, utilizaram dados da fala de Vitória, da amostra denominada PortVix, de 2001 a 2003, e dados da Baixada Cuiabana, da década de 2000, de áreas urbanas. Os resultados gerais estão na tabela abaixo:

**Tabela 1** - Distribuição global dos usos de *nós* e *a gente* na fala da Baixada Cuiabana e de Vitória: análise ternária.

	<b>Nós+ 1PP</b>	<b>Nós + 3PS</b>	<b>A gente + 3PS</b>
<b>Baixada Cuiabana</b>	26%	28,70%	45,30%
<b>Vitória</b>	26,50%	3,80%	69,70%

Fonte: Adaptado de Naro, Scherre e Yacovenco (2018, p. 18)

Esses dados evidenciam que o uso de *nós* + *3PS* é diferente para as duas amostras. Enquanto na Baixada Cuiabana seu uso corresponde a 28,7%, em Vitória a frequência é de 3,8%. Os linguistas afirmam que isso pode ser interpretado em função da configuração social e geográfica dessas amostras, mas que não é o objeto da pesquisa. Os usos de *a gente* + *3PS* podem ser considerados sem estigma em qualquer localidade, como mostram os percentuais.

Na análise de *nós* + *1PP*, os pesquisadores analisaram três tendências: ambiguidade (pretérito perfeito e presente com a mesma forma: *nós dormimos*); Uso de *nós* + *1PP* para pretérito perfeito e presente utilizando formas diferentes; redução de proparoxítonas para manter o padrão natural do PB, que é preferencialmente paroxítono (AMARAL, 2002, p. 99 apud NARO, SCHERRE E YACOVENCO, 2018, p.14).

Os resultados mostraram que os usos de *nós* + *3PS* acontecem mais na Baixada Cuiabana e os usos de *a gente* + *3PS* em Vitória. As duas cidades favorecem o *nós* + *1PP* no pretérito perfeito. Independentemente da faixa etária, utilizam mais o *a gente* + *3PS*. Os linguistas concluem que esses resultados apontam para variação linguística ordenada e que os falantes possuem uma resolução intuitiva de conflitos sociolinguísticos quanto ao uso de formas a evitar a proparoxítona e ambiguidade das formas.

Rubio (2012) investigou a alternância pronominal de primeira pessoa do plural e a concordância variável no PB e PE. Para isso, utilizou os dados do Iboruna<sup>8</sup> e amostra de diferentes regiões de Portugal, do Corpus de Referência do Português Contemporâneo. No PB, o pesquisador encontrou 26,6% de ocorrências do pronome *nós* e 73,8% de ocorrências de *a gente*. Na análise da alternância pronominal de 1ª pessoa do plural com a concordância variável, o linguista identificou 85,5% de *nós* + *1PP* e 14,5% de *nós* + *3PS*. O uso de *a gente* com verbo na 3ª pessoa do singular foi de 94%, enquanto *a gente* com verbo na 1ª PP aparece em 6% dos dados.

<sup>8</sup> Banco de dados coletados entre os anos de 2004 e 2007 em sete cidades circunvizinhas da região noroeste do Estado de São Paulo – Bady Bassit (BAD), Cedral (CED), Guapiaçu (GUA), Ipiгуá (IPI), Mirassol (MIR), Onda Verde (OND) e São José do Rio Preto (SJP). (FONTE: site Alip- Amostra linguística do interior paulista).

Compreendendo que Monte Azul Paulista é também uma cidade do interior do estado de São Paulo, assim como as cidades do banco de dados Iboruna, considera-se importante averiguar o comportamento das variantes *nós* e *a gente* juntamente à concordância variável para que assim, seja feito um mapeamento sociolinguístico de áreas que ainda não foram investigadas linguisticamente. Além do comportamento da variável em questão, interessa-nos o estudo das crenças e atitudes sociolinguísticas relacionados a ela.

#### **4.4 O que as pesquisas dizem quanto às crenças e atitudes sociolinguísticas sobre esses processos variáveis**

Zilles (2007) em artigo sobre o que é possível descobrir sobre a avaliação social do uso de *a gente* a partir da fala e da escrita das pessoas, afirma que, para verificar se uma forma possui prestígio social, é necessário observar ou pedir às pessoas das comunidades estudadas que expressem seu julgamento sobre tal emprego. A linguista diz que outra forma de se avaliar esse prestígio é observar seu emprego na escrita.

Se houver uma mudança em curso, são importantes os registros que caracterizam quem usa essa forma, em que contexto, gêneros, para quais leitores e com qual finalidade. Tudo isso pode ajudar a revelar a avaliação social em jogo.

A pesquisadora afirma que, nos dados do projeto VARSUL do Rio Grande do Sul, nas mais de 70 entrevistas consultadas, foi encontrada uma única senhora que reagiu negativamente ao uso de *a gente* no início da entrevista, chegando a corrigir as entrevistadoras. Tal comportamento se reflete na fala dela. Em sua entrevista, há 23 ocorrências de *nós* e apenas 6 de *a gente*.

Tais ocorrências na fala da senhora são o oposto do que revela a pesquisa empreendida em Porto Alegre. Nela, verificou-se 30% de ocorrência de *nós* e 70% de *a gente*. Zilles (2007) enfatiza que, mesmo sendo um caso isolado, não se deve menosprezar a atitude de tal senhora, uma vez que revela que os falantes tomaram consciência da mudança e parece haver restrições do uso dessa forma inovadora na escrita. Para tal, a linguista cita Schmitz (2006, p. 44):

O uso de ‘a gente’ ainda não tem prestígio oficial, sendo considerado pouco apropriado em textos escritos formais, como requerimentos, teses e dissertações, textos jurídicos, procurações, editais, alvarás, atestados, declarações, escrituras, leis e boletins de ocorrência. Num exame de textos jornalísticos, podemos observar que ‘a gente’ como pronome [pessoal] não ocorre em editoriais (SCHMITZ, 2006, p. 44)

Em investigação sobre os usos, crença e atitudes na variação da primeira pessoa do plural do PB em quatro amostras do banco de dados Falares Sergipanos, Freitag (2016) aponta que as formas *nós* + 3PS e *a gente* + 1PP são avaliadas negativamente. Segundo a linguista, isso sugere que as crenças e atitudes atribuídas a *nós* e *a gente*, são dependentes dos padrões de concordância estabelecidos. Isso demonstrou que a alternância entre *nós* e *a gente* junto à concordância variável apresenta saliência social e está no nível de consciência do falante. Na presente pesquisa, investigamos, tanto na parte de produção, quanto no teste de atitudes e crenças linguísticas, a alternância de 1ª pessoa do plural com relação à concordância variável.

Vitorio (2017) investigou as crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso de *nós* e *a gente* na cidade de Maceió (AL). De modo geral, na fala, seus resultados mostram que o *a gente* é o pronome escolhido para representar a 1PP e que o uso de *nós* se dá junto ao uso do verbo na 1PP. Já na escrita, há o uso preferencial do *nós* + 1PP. O intuito da pesquisadora foi verificar se a avaliação social vai na mesma direção do comportamento linguístico.

Para essa investigação acerca das crenças e atitudes, foram utilizados os dados de um questionário composto por seis questões abertas e seis fechadas, que tinham como objetivo averiguar o que os falantes pensam sobre a representação da 1PP. Os participantes da pesquisa são nascidos, criados e residentes na cidade de Maceió, possuíam entre 18 e 38 anos, curso superior completo ou ainda estavam cursando.

Se os resultados da fala indicaram o *a gente* como pronome preferido, as atitudes dos falantes maceioenses caminham no sentido contrário, pois 54% acreditam utilizar mais o pronome *nós* e 62% julgam seu uso como “melhor”. Tais resultados apontam para o mesmo caminho indicado por Freitag (2016), em que a avaliação social é o oposto do comportamento dos falantes. Esses julgamentos, provavelmente, ocorrem pela força, a valorização que a gramática normativa possui em nossa sociedade.

Ao justificarem o porquê de preferirem o uso do *nós* + 1PP, os participantes disseram considerar esse uso “mais correto” (VITORIO, 2017, p. 80). A escola, infelizmente, ainda é um lugar essencialmente normativo. Um local que deveria ser de respeito linguístico, onde o aluno aprenderia as variedades possíveis de sua língua materna, a língua portuguesa, acaba se mostrando um ambiente excludente de propagação da gramática tradicional. Os alunos, muitas vezes, consideram-se maus falantes e escritores de seu próprio idioma. O que aprendem está distante do que conhecem. A escola, em vez de incluir e respeitar, afasta o aluno.

A língua nos oferece opções para se dizer algo com o mesmo significado. Ensinar seus usos reais e as possibilidades disponíveis pode resultar em uma segurança linguística por parte do aluno. Esse entenderia que a escola reconhece e legitima a variedade com que ele chega ao ambiente escolar e que lá aprenderá a norma culta. Dessa forma, ele poderá acioná-la em situações que a exigirão. Assim, as pesquisas sociolinguísticas, bem como a divulgação dessas, tem um papel imprescindível para o cenário educacional.

Pinto (2022), em sua dissertação de mestrado, fez um estudo sobre a alternância pronominal de 1ª PP e os significados sociais a ela relacionados. A pesquisa ocorreu nas cidades circunvizinhas de Muzambinho- MG e Cabo Verde-MG. Para acessar os significados sociais, foi feita a aplicação de um questionário de reações subjetivas. As entrevistas foram feitas com 24 informantes, 12 de cada município, diferentes faixas etárias, homens e mulheres, com níveis de escolaridade distintos. Além da variação entre *nós* e *a gente*, a pesquisadora percebeu uma variação fonológica entre *nós*, *nóis* e *nói*.

Em ambas as cidades, o *nós* foi pouco utilizado, restrito a pessoas com ensino superior, na faixa etária entre 35 e 50 ou mais de 60 anos. Sobre o *a gente*, em Cabo Verde, é preferido por mulheres e participantes das faixas etárias entre 35-50 e 60 anos ou mais. Em Muzambinho, a forma *a gente* é preferida por pessoas com curso superior e as mesmas faixas etárias da outra cidade. O *nói*, em Cabo Verde, ocorreu na fala de homens e jovens (faixa etária entre 18 e 25 anos). Em Muzambinho, seu uso se deu por participantes sem ensino superior e por jovens.

O questionário de reações subjetivas foi dividido em três momentos. No 1º momento, os participantes foram questionados a respeito do que achavam sobre o modo falar de sua cidade e o porquê. Cabo Verde identificou sua fala como caipira, Muzambinho como rural. Segundo Pinto (2022), “caipira” ainda parece ser um estereótipo associado a valores negativos, ao passo que “rural” pode ser visto como tentativa de amenizar esses estereótipos.

O 2º momento teve como objetivo captar a percepção dos informantes em relação às variantes analisadas, sem que eles tivessem consciência do objeto de estudo. Para isso, foram reproduzidos 3 estímulos, todos encenados por um mesmo homem jovem de Muzambinho. Nos resultados, os participantes associaram o estímulo com o *nói* ao falar da própria comunidade. Muzambinho reconheceu o estímulo com o *a gente* na fala de alguém “menos roceiro”, mais requintado. Diante disso, a linguista afirma que o “*a gente* pode estar relacionado a valores sociais positivos.” (p. 96). Com relação ao estímulo com



o *nóis*, tanto os moradores de Cabo Verde, como de Muzambinho relacionam essa forma ao seu próprio modo de falar.

O 3º momento objetivou saber qual forma os participantes acham que usam mais. Em Muzambinho, 58% afirmaram usar mais o *nói* e 67% de Cabo Verde disseram usar essa forma, o que se confirma nos resultados de produção. Em relação ao *a gente*, 67% dos participantes das duas cidades afirmaram usar essa forma. Ao serem perguntados o porquê dessa escolha, eles disseram que essa variante é mais utilizada em contextos formais, o que segundo a pesquisadora, reflete um certo prestígio social dessa forma nas cidades avaliadas.

Pinto (2022) conclui que essas formas em investigação não são marcadas socialmente, pois não foram alvo de metacomentários, diferentemente das pesquisas de Freitag (2016) e Vitorio (2017).

Dessa forma, concluímos esta seção com o objetivo de averiguar quais as crenças e atitudes que os moradores do bairro São Francisco possuem a respeito das formas investigadas. Serão elas correspondentes ao resultado de produção ou conflitantes?

## 5 O UNIVERSO DO ESTUDO

Nesta seção, temos como objetivo apresentar o universo de nossa pesquisa: a história da cidade de Monte Azul Paulista, dos bairros escolhidos para a montagem do *corpus* e quais foram os procedimentos metodológicos adotados para que a investigação fosse desenvolvida.

### 5.1 Monte Azul Paulista: a princesinha da colina<sup>9</sup>

Monte Azul Paulista, cidade do interior do estado de São Paulo, foi fundada em 29 de junho de 1896. Sua fundação está ligada à migração italiana, principalmente, e a fatos ocorridos no fim do Império e começo da República.

**Figura 2** - Localização da cidade de Monte Azul Paulista no estado de São Paulo.



Fonte: adaptado de Wikipedia.

A região onde hoje se encontra a cidade, antes de sua fundação, pertencia à recém-criada comarca de Bebedouro. No local, que posteriormente viria a ser nosso local de pesquisa, havia apenas imensa mata, poucos moradores, muitas propriedades rurais, desde pequeno a grande porte, prevalecendo as maiores. As matas que cobriam seu solo fértil

---

<sup>9</sup> Informações da história da cidade retiradas do livro *Monte Azul Paulista: a história de sua existência*, livro de João Francisco Massoneto, 2009.

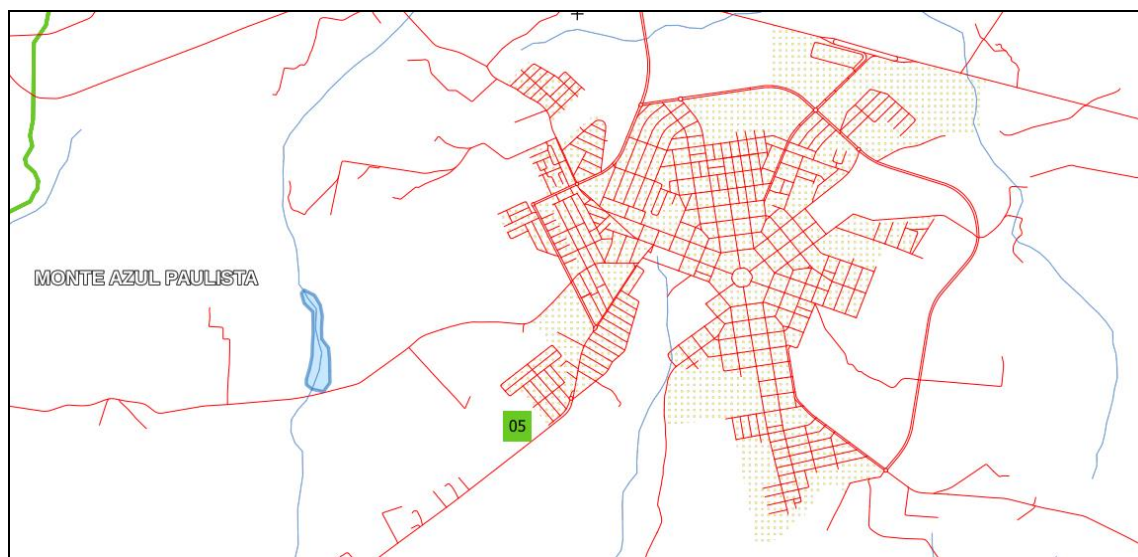
eram quase intocadas e muitas madeiras do tipo perobas, gameleiras, aroeiras, cedros, jequitibás poderiam ser encontrados na região.

Eis que aconteceu o ato decisivo para a fundação da cidade: por volta de 1895, perto da fazenda Avanhandava, onde morava Felipe Cassiano, sua mulher ficou gravemente doente. Depois de frequentar alguns médicos próximos, ela foi, como se dizia na época, “desenganada”. O casal era muito devoto de Senhor Bom Jesus e, assim, Cassiano fez uma promessa de que, se sua esposa se recuperasse, doaria alguns alqueires de terras para ser construído um Patrimônio, cujo nome teria que ser Senhor (ou São) Bom Jesus.

Com a esposa recuperada e cumprindo o que prometera, Cassiano funda o patrimônio São Bom Jesus de Avanhandavinha, com a ajuda de seus amigos, fazendeiros e que também doaram terras: Costa Penha (que também era muito devoto de Senhor Bom Jesus), Alexandre Dias Nogueira, Antônio Diniz Junqueira, Aureliano Junqueira Franco, entre outros. O marco dessa fundação seria a construção da capela em homenagem ao santo.

A partir da construção dessa, surgiram as primeiras casas no Patrimônio. Com isso, fez-se necessário chamar um engenheiro, João Mastrella, da cidade vizinha de Bebedouro, para traçar o arruamento da povoação. A planta da cidade assemelha-se a uma grande teia de aranha (figura abaixo), tendo como ponto de partida a igreja Matriz.

**Figura 3** - Imagem do mapa da cidade.



Fonte: adaptado do site do IBGE.

**Figura 4** - Foto antiga da Igreja Matriz.



Fonte: adaptado do site da prefeitura de Monte Azul Paulista

Isso abre margem para uma melhor estruturação do patrimônio. Em 1903 passa a se chamar Monte Azul. Em 1914 tem seu nome mudado para Monte Azul do Turvo, por ser banhado pelo rio de mesmo nome. No entanto, em 1948, o topônimo é novamente alterado, para Monte Azul Paulista, que prevalece até hoje. A cidade é conhecida como Princesinha da Colina, por ficar no alto de uma colina.

**Figura 5** - Foto atual da igreja Matriz.



Fonte: adaptado do site do jornal A Comarca.

Com relação aos aspectos físicos da cidade, Monte Azul Paulista localiza-se na zona de Barretos<sup>10</sup> e limita-se com os municípios de Colina, Bebedouro, Paraíso, Cajobi e Severínia, situando-se o planalto ocidental paulista. Sua rede hidrográfica integra a bacia do Rio Grande e o Rio Turvo é o de única relativa importância.

De acordo com o IBGE (2021), a população estimada da cidade é de 18.928 habitantes. A escolarização (2010) entre 6 e 14 anos alcança percentual de 98,6%. O IDEB<sup>11</sup> da rede pública nos anos iniciais do ensino fundamental é 7,0 e nos anos finais 5,3. Ainda segundo o IBGE, em 2018, o salário médio mensal da cidade era de 2,2 salários-mínimos. A proporção de pessoas que possuem um trabalho era de 30,4%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário-mínimo por pessoa, havia 29,2% da população nessas condições, evidenciando a concentração de renda nas mãos das famílias tradicionais da cidade.

**Figura 6** - Foto atual da prefeitura de Monte Azul Paulista.



Fonte: adaptado do site da prefeitura de Monte Azul Paulista.

A economia da cidade, em sua maioria, gira em torno da agropecuária. As quatro famílias remanescentes da fundação, mantêm escritórios na cidade, para organização e controle dos negócios. Há apenas uma indústria de bombas submersas, que durante muito tempo pertencia a uma família da cidade, mas que foi vendida a uma multinacional do estado de Santa Catarina.

---

<sup>10</sup> O estado de São Paulo é dividido em 33 zonas fisiográficas.

<sup>11</sup> Ideb é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Funciona como um indicador nacional que possibilita o monitoramento da qualidade da Educação pela população por meio de dados concretos, com o qual a sociedade pode se mobilizar em busca de melhorias. Para tanto, o Ideb é calculado a partir de dois componentes: a taxa de rendimento escolar (aprovação) e as médias de desempenho nos exames aplicados pelo Inep. Os índices de aprovação são obtidos a partir do Censo Escolar, realizado anualmente. Fonte: site <http://portal.mec.gov.br/conheca-o-ideb>

**Figura 7** - Foto atual da cidade de Monte Azul Paulista.



Fonte: adaptado do site da prefeitura de Monte Azul Paulista.

Nosso interesse então, é, primeiramente, verificar como se configuram os dados de produção linguística nos dois bairros selecionados. Escolhemos de um lado, o bairro Itamaraty, bairro conhecido por abrigar as famílias ricas da cidade, remanescentes dos fundadores da cidade. Vale menção que em pesquisa na prefeitura, confirmamos que esse bairro possui o valor de terreno mais caro da cidade e para construir uma casa nele há padrões de metragem para seguir.

O outro bairro escolhido é o São Francisco, conhecido por cohab, longe do centro da cidade, rodeado por áreas rurais e que abriga moradores mais simples se comparados aos do Itamaraty. O valor de terreno nesse bairro também é mais baixo.

## **5.2 Um pouco da história desses bairros<sup>12</sup>**

### **5.2.1 Jardim Itamaraty**

Monte Azul Paulista, até a década de 1980, construía seus principais imóveis residenciais no Centro da cidade, onde sempre foram mais valorizados. Com a riqueza trazida pela citricultura, foram criados alguns bairros mais imponentes e destinados à elite da cidade. O principal bairro é o Jardim Itamaraty, com casas de alto padrão e valor de terreno mais alto da cidade, segundo a prefeitura. Possui também uma grande praça, um condomínio fechado, e é rodeado por chácaras e o centro da cidade, além de um clube

---

<sup>12</sup> História publicada no jornal A Comarca, de 27 de junho de 2021, em edição comemorativa dos 125 anos de Monte Azul Paulista.

social de campo. Criado a partir de uma chácara da família Barbeiro, o bairro possui cerca de 100 residências atualmente, sendo a antiga sede da propriedade um dos principais símbolos arquitetônicos do bairro.

### 5.2.2 São Francisco

O bairro São Francisco é um dos maiores bairros da cidade. Lançado em 1979, possui uma escola pública municipal, Alzira de Freitas Casseb, com ensino até o 9º ano e uma creche. Possui como um grande símbolo a capela de São Francisco, construída pela igreja matriz através do empenho maciço dos fiéis católicos do bairro. Algumas casas dos 564 lotes foram construídas pelo antigo Sistema Financeiro de Habitação (SFH) no início da década de 1980. Alguns moradores desse bairro vieram do Matadouro Municipal, um bairro

Ao averiguar o comportamento linguístico desses bairros, pretendíamos observar se o falar desses moradores diferem, no sentido de o bairro de maior poder aquisitivo produzir a ocorrência prescrita pela gramática normativa (*nós + 1PP*) e o *a gente + 3PS*, identificando assim o falar de grupos de alta posição social. O bairro São Francisco produziria as variantes *nós + 3PS* e *a gente + 3PS*, pois nesse local os moradores são de níveis socioeconômicos mais baixos e, assim, não são se sentem pressionados a usar apenas as formas prestigiadas pela norma- padrão que é o caso de sentenças como “*nós gosta de deixar a unha bonita*”. A respeito do *a gente + 3PS*, imaginamos que seja uma variante que não possui estigma, por isso seria usada nos dois bairros.

Por fim, na próxima seção, analisamos quais as crenças e atitudes sociolinguísticas os moradores do bairro de menor poder aquisitivo, o São Francisco, possuem a respeito das variantes investigadas. Sabemos que estudos como esse ajudam a compreender de forma mais ampla a variação, bem como os significados sociais que as variantes podem carregar. A escolha por apenas esse bairro se deu como forma de recorte, e esse local ser, justamente, onde emergiram todas as formas em estudo.

## 5.3 O perfil profissional dos entrevistados

As nuvens de palavras são recursos utilizados para fazer uma representação visual das palavras mais comuns que apareceram em respostas abertas. No caso de nossa pesquisa, as utilizamos para observar as diferentes profissões dos informantes entrevistados pelos bairros e assim, evidenciar o contraste entre eles, tendo um panorama de sua situação socioeconômica.

### 5.3.1 As profissões do bairro Itamaraty

Como podemos observar na nuvem de palavras a seguir, as ocupações mais incidentes no bairro Itamaraty são de administrador (dos negócios da família como fazendas, escritórios) e analista financeiro.

**Figura 8** - Nuvem de palavras construída a partir das profissões dos informantes do bairro Itamaraty.



Fonte: Elaboração própria.

Encontramos também profissões como engenheiro civil, publicitário, advogado, contador, do lar, professor. A grande maioria das profissões citadas necessitam de curso superior, além de possuírem teto salarial bem superior ao salário-mínimo<sup>13</sup> (tabela 1), evidenciando a diferença com o bairro São Francisco. Sabemos que o Itamaraty é conhecido por abrigar as famílias com maior poder aquisitivo da cidade, então é comum que tenhamos encontrado profissões que evidenciem esse *status*.

**Tabela 2** - Profissões recorrentes do bairro Itamaraty.

Cargo	Carga Horária	Piso Salarial	Média Salarial	Teto Salarial
Administrador	42	3.805,20	4.169,21	6.300,64
Advogado	41	4.099,36	4.491,52	6.787,72
Analista Financeiro	42	3.506,96	3.842,45	5.806,82

Fonte: Adaptado do site Salário<sup>14</sup>

<sup>13</sup> 1.212,00 em 2022.

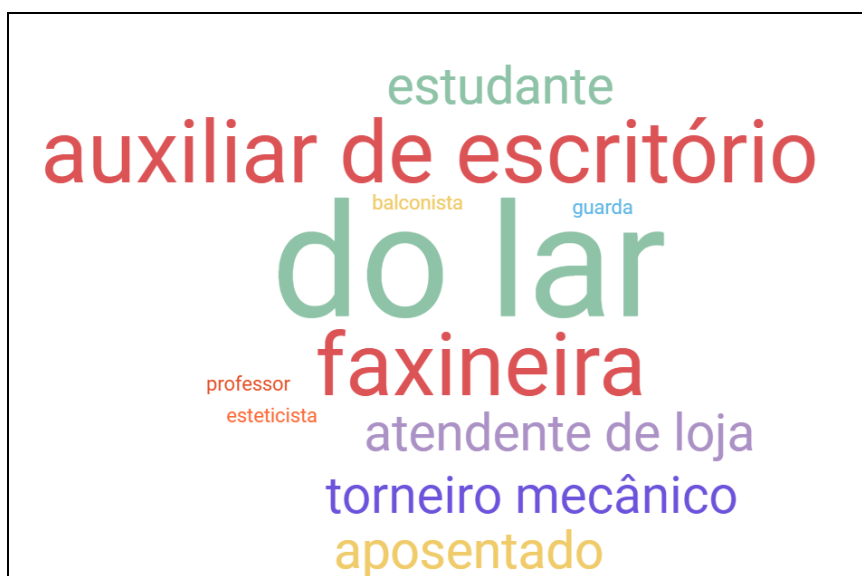
<sup>14</sup> Disponível: <https://www.salario.com.br/tabela-salarial/>



### 5.3.2 As profissões do bairro São Francisco

No bairro São Francisco, observamos a recorrência das ocupações de atendente de loja, auxiliar de escritório e do lar. A nuvem de palavras ilustra as demais profissões dos informantes do bairro.

**Figura 9** - Nuvem de palavras construída a partir das profissões dos informantes do bairro São Francisco.



Fonte: Elaboração própria.

A maioria das ocupações dos informantes do São Francisco não requer curso superior e quando o informante possui graduação, seu emprego não condiz com alto cargo na empresa onde trabalha. Na tabela 2, há informações salariais das profissões mais recorrentes. As informantes que identificaram sua prática como “do lar” recebem pensão/aposentadoria. O teto salarial dos informantes desse bairro encontra-se abaixo dos informantes do Itamaraty, evidenciando, dessa forma, uma diferença socioeconômica entre eles.

**Tabela 3** - Profissões recorrentes no bairro São Francisco.

Cargo	Carga Horária	Piso Salarial	Média Salarial	Teto Salarial
Atendente de loja	43	1.178,54	1.291,28	1.951,42
Auxiliar de escritório	43	1.353,30	1.482,77	2.240,80
Faxineira	43	1.184,10	1.297,38	1.960,64

Fonte: Adaptado do site Salário.

## 6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, informaremos o objetivo central da pesquisa, as hipóteses levantadas a partir de leituras prévias, especificaremos o *corpus* e os dados da análise variacionista, grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que foram testados a fim de investigar a alternância de *nós* e *a gente* com a concordância variável para a parte da produção linguística.

Vale destacar que o objetivo central da pesquisa consiste em identificar o comportamento linguístico, as crenças e atitudes sociolinguísticas que estão atreladas ao fenômeno citado no parágrafo anterior. Para isso, partimos da constituição de um *corpus* de produção linguística com o intuito de descrever quais são os usos das formas *nós* e *a gente* em relação à concordância verbal pelos habitantes dos dois bairros da cidade selecionados. Os bairros escolhidos apresentam diferenças significativas quanto a seus moradores. Um é o bairro com maior poder aquisitivo, que possui o valor de terreno mais caro da cidade. O outro bairro possui menor poder aquisitivo, longe do centro e conhecido por cohab.

A seguir, serão apresentados os procedimentos metodológicos adotados para o teste de crenças e atitudes sociolinguísticas, aplicado na escola do bairro mais carente<sup>15</sup>, para alunos moradores desse local. Dessa forma, explanaremos sobre a escola municipal do bairro, o perfil dos alunos que lá estudam e um pouco da história da escola, para entendermos melhor o contexto em que esses alunos estão inseridos. A seguir, faz-se necessário detalhar o teste de crenças e atitudes sociolinguísticas, bem como nossa justificativa para cada parte que o compõe.

### 6.1 Procedimentos metodológicos da produção linguística

O *corpus* de produção linguística é formado pelas entrevistas de 28 pessoas, sendo 16 do bairro São Francisco e 12 do Itamaraty. Essas entrevistas, do tipo informal entre informante e pesquisadora, foram realizadas parte no fim do ano de 2019 e parte em 2020, já em momento de pandemia. Com isso, foi necessário nos readaptarmos para o momento

---

<sup>15</sup> A justificativa de tal recorte para aplicação do teste é explicitada na seção seguinte.

vivido e, parte das entrevistas, foram feitas pelo *Whatsapp*<sup>16</sup>. Assim, deixávamos à escolha do participante, se ele desejaria participar através de videochamada ou que mantivéssemos a entrevista por meio de áudios.

Essas entrevistas estão distribuídas por três graus de escolaridade (Fundamental, Médio e Superior), três faixas etárias (1ª faixa etária: 15 a 25 anos, 2ª faixa etária: 30 a 55 anos e 3ª faixa etária: 60 anos ou mais), sexo/gênero (masculino ou feminino) e, claro, o bairro (São Francisco ou Itamaraty). A Tabela 4 explicita a divisão de informantes por células:

**Tabela 4** - Divisão de informantes por células.

São Francisco				Itamaraty			
		homem	mulher			homem	mulher
15 a 25 anos	fundamental	1	1	15 a 25 anos	fundamental	1	1
	médio	1	1		médio	1	1
	superior	1	1		superior	1	1
30 a 55 anos	fundamental	1	1	30 a 55 anos	fundamental	0	0
	médio	1	1		médio	1	1
	superior	1	1		superior	1	1
60 anos ou mais	fundamental	1	1	60 anos ou mais	fundamental	0	0
	médio	1	1		médio	0	0
	superior	0	0		superior	1	1

Fonte: Elaboração Própria.

Como podemos observar, nem todas as células foram preenchidas. No bairro de menor poder aquisitivo, o São Francisco, não encontramos participantes com 60 anos ou mais, homens e/ou mulheres, que tivessem curso superior. No bairro de maior poder aquisitivo, o Itamaraty, observamos o oposto: na segunda e terceira faixas etárias, tivemos dificuldade em encontrar participantes, de ambos os sexos que frequentaram somente até o ensino fundamental.

Entendemos que essa configuração já diz muito a respeito desses dois bairros, revelando diferenças importantes entre eles, o que provavelmente refletirá nos resultados de produção linguística. No Itamaraty, onde moram pessoas de maiores condições econômicas, foi difícil encontrar moradores que tivessem estudado apenas até o Ensino Fundamental. Percebemos que quanto mais se avança a faixa etária, vão se avançando

<sup>16</sup> Para isso, foi necessária uma emenda junto ao Comitê de Ética (CEP) para autorização da coleta de dados dessa forma. A alteração foi aceita sob o parecer 5.201.235.

também os anos de escolarização. Os moradores do São Francisco parecem seguir tendência contrária. As faixas etárias avançam, independentemente dos anos de escolarização.

As perguntas feitas exploravam a infância, lazer, comidas e gostos pessoais, religião, atividades profissionais, aspirações, e casos sobrenaturais. Os assuntos eram organizados em blocos; isso possibilitou controlar o tópico discursivo dos quais emergem as variáveis em questão.

Após as entrevistas, os dados foram transcritos em uma planilha do Excel e com o auxílio do software R (CORE TEAM, 2021) fizemos análises univariadas, que verificam se há correlação entre a variável dependente e uma variável independente. A partir delas, foram feitos gráficos de proporção e, também os testes estatísticos<sup>17</sup> para verificar a significância da análise.

#### 6.1.1 A variável complexa dependente

Para procedimento de análise, já que não era de nosso interesse observar o comportamento das variantes sem a concordância variável, nossa variável dependente corresponde às formas pronominais investigadas (*nós* e *a gente*) e as ocorrências de concordância de cada uma, sendo assim, obtivemos:

- (2) *Nós* + *1PP*: “nós vestimos avental”;
- (3) *Nós* + *3PS*: “nós gosta disso”;
- (4) *A gente* + *3PS*: “a gente joga a noite toda<sup>18</sup>”;

A forma *a gente* + *1PP* do tipo “*a gente vamos*” não foi encontrada nas entrevistas, por isso justifica-se sua falta na variável dependente. Adiantamos que a forma foi incluída no teste de crenças e atitudes sociolinguísticas, pois apesar de nenhum participante a ter utilizado, gostaríamos de identificar quais os significados seriam atribuídos a ela. Pesquisas como de Scherre, Naro e Yacovenco (2018) afirmam que, esse tipo de construção- *a gente vamos, a gente perguntamos*- é pouco frequente e que, a única amostra a que eles tiveram acesso que apresentou um número significativo de *a gente* + *1PP* é a de Naro, Gorski e Fernandes (1999)<sup>19</sup>. Camacho e Silva (2017) encontraram

<sup>17</sup> O teste escolhido para avaliar se há diferenças significativas entre proporções das variantes foi o de qui-quadrado. Quanto mais próximo de zero, ele será mais estatisticamente significativo.

<sup>18</sup> Exemplos retirados das entrevistas.

<sup>19</sup> Nessa pesquisa houve uma decisão metodológica diferente da nossa. Foram considerados os casos de *a gente* implícitos.

apenas uma ocorrência dessa forma em Rio Branco, caso que os linguistas afirmam parecer um caso de hipercorreção.

Consoante com as pesquisas de Camacho e Silva (2017), Naro, Scherre e Yacovenco (2018), Lopes (1993) entre outras, que evidenciaram o maior uso da forma *a gente + 3PS*, nossa hipótese era a de que, no bairro São Francisco, encontraríamos maior ocorrência dessa forma e de *nós + 3P* por serem, segundo as pesquisas, forma utilizada por pessoas com menos anos de escolarização. No bairro Itamaraty, se observaria o maior uso de *nós + 1PP* e *a gente + 3PS*, por ser o bairro que abriga as famílias com maior nível socioeconômico.

### 6.1.2 *As variáveis independentes*

A seguir, apresentamos as variáveis linguísticas e extralinguísticas investigadas. Quanto às linguísticas temos *saliência fônica e tempo verbal*. Pesquisa como a de Scherre, Naro e Yacovenco (2018) evidenciou que as formas do pretérito possuem alto nível de saliência, então há uma distribuição sobreposta entre tempo verbal e saliência fônica; objetivamos investigar se o mesmo se verificava em nossa amostra.

Ademais, nosso interesse foi, com o teste de crenças e atitudes sociolinguísticas, verificar quais os julgamentos e significados sociais estavam associados à variável dependente, por isso, destacamos que as variáveis extralinguísticas podem ser mais relevantes para essa discussão. Então, no caso dessas, trabalhamos com *sexo/gênero, faixa etária, escolaridade, profissão e bairro*.

### 6.1.3 *Variáveis linguísticas*

#### 6.1.3.1 *Saliência fônica verbal*

Naro e Scherre (1999) afirmam que, a saliência fônica verbal da oposição singular/plural, pode ser assim resumida:

se houver menor diferença fônica na relação singular/plural entre duas formas verbais, o uso da forma plural em contextos plurais é menos favorecido (exemplos: vive/vivem e consegue/conseguem, em que a única distinção na fala espontânea pode ser apenas a nasalização da vogal final não-acentuada) (...) se houver maior diferença fônica na relação singular/plural entre duas formas verbais, o uso da forma plural em contextos plurais é mais favorecido (exemplos: esgotou/esgotaram, em que a distinção envolve sílabas acentuadas e é marcada por mudanças da qualidade da vogal e por acréscimo de uma sílaba na forma plural; *é/são*, em que há mudança completa da forma verbal) (NARO E SCHERRE, 1999, p.112).

Muitos estudos (LOPES, 1998; RUBIO, 2011; SCHERRE, YACOVENCO, NARO, 2018; entre outras) apontam a saliência como relevante nas marcas de CV de 1PP. Quanto maior for a diferença entre as formas de singular e plural, será maior a ocorrência do pronome *nós* + 1PP.

Um aspecto interessante no controle da saliência verbal, como atestam Naro, Scherre, Foeger e Benfica (2017, p. 227), é o fato de que os informantes evitam formas proparoxítonas, desfavorecendo o uso de *nós* + 1PP nesse contexto: segundo eles, trata-se de uma tendência fonológica no PB, o de evitar o acento na antepenúltima sílaba eliminando justamente a última sílaba. Dessa forma, no uso de proparoxítonas, ou seja, em contexto de *saliência esdrúxula*, há a tendência de usarem mais a forma *a gente* + 3PS e ou *nós* + 3PS.

Rubio (2011) propôs uma classificação, baseado em Naro et al. (1999) e Rodrigues (1987), que foi a usada em nossa pesquisa para a categorização das ocorrências:

**Tabela 5** - Classificação para a Saliência fônica verbal<sup>20</sup>.

<b>saliência esdrúxula</b>	i. a forma de 1PP é proparoxítona e a oposição vogal/ vogal-mos não é tônica nas duas formas. Ex: "a gente fazia churrasco toda semana"(fazia/fazíamos).
<b>saliência máxima</b>	ii. ocorre mudança no radical e a oposição vogal/ vogal-mos é tônica em uma ou duas formas. Ex: "A gente é muito unido" (é/somos).
<b>saliência média</b>	iii. ocorre uma semivogal na forma de 3PS que não ocorre na forma de 1PP e a oposição vogal/vogal-mos é tônica nas duas formas. Ex: "Nós fomos pra um curso" (foi/fomos).
<b>saliência mínima</b>	iv. a oposição vogal/vogal-mos é tônica em uma ou nas duas formas, mas não há mudança no radical. Ex: "Nós temos que fechar às 20h" (tem/temos); "A gente assiste Netflix" (assiste/assistimos).

Fonte: Adaptado de Rubio (2012, p. 149).

Quanto à saliência fônica verbal e consoante com a classificação acima, nossa hipótese é a de que, na presença de *saliência máxima e média*, há a preferência da forma *nós* + 1PP. Já as *saliências esdrúxula e mínima*, favorecerão as formas *nós* + 3PS e *a gente* + 3PS.

<sup>20</sup> Os exemplos aqui fornecidos foram retirados das nossas entrevistas.

### 6.1.3.2 *Tempo Verbal*

Muitas pesquisas que investigaram o fator tempo verbal e sua relação com o fenômeno da CV e as formas *nós* e *a gente* revelaram que esse grupo de fatores foi significativo. Lopes (1998), em seu trabalho sobre as formas de primeira pessoa do plural no PB culto falado, atestou que, com o pronome *nós*, houve mais usos de verbos no pretérito perfeito do Indicativo (94%).

Scherre, Naro e Yacovenco (2018) revisitaram a escala da saliência fônica na relação com o tempo verbal em quatro amostras do PB: Santa Leopoldina-ES, Baixada Cuiabana-MT, Goiás e Vitória-ES. Os linguistas afirmam que, como as formas do pretérito tendem a ocupar níveis mais altos de saliência, tem-se uma distribuição sobreposta entre tempo e saliência. Nessa reanálise, identificaram que o *nós + IPP* é usado para indicar pretérito perfeito. Dessa forma, há a eliminação de ambiguidade entre presente e pretérito: *nós moramos*, como pretérito e *nós mora* ou *a gente mora*, para indicar presente.

Nossa hipótese é a de que para indicar pretérito perfeito do indicativo, usa-se o *nós + IPP*. Com os tempos verbais presente do indicativo e pretérito imperfeito, há maior ocorrência das formas *nós + 3PS* e *a gente + 3PS*.

### 6.1.4 *Variáveis extralinguísticas*

#### 6.1.4.1 Sexo/gênero

Para o fator sexo/gênero nos usos de *nós/a gente* e a CV, verificamos resultados de pesquisas a fim de observar o comportamento dessa variável.

Para o estudo de Omena (1986), sexo/gênero não foi significativa. Silva e Camacho (2017) observaram que tanto no discurso de homens, como no de mulheres, a forma *a gente + 3PS* foi predominante. Souza e Botassini (2009), em amostra do ALiB,<sup>21</sup> verificaram que os homens utilizaram mais o pronome *nós* do que as mulheres, essas preferiram o uso da forma *a gente*. Lopes (1998) observou comportamento semelhante em sua pesquisa no português falado culto no Brasil.

Por muitos anos o sexo/gênero foi observado nos estudos sociolinguísticos (OLIVEIRA E SILVA, 1996; FREITAG, 2015) como um condicionador social importante capaz de explicar a variação e mudança de um fenômeno linguístico. A

---

<sup>21</sup> Projeto Atlas Linguístico do Brasil, referente a 37 cidades do interior do estado de São Paulo.

tendência observada na maioria dos trabalhos sociolinguísticos clássicos é que as mulheres são mais sensíveis ao status social das variantes linguísticas. Dessa forma, tendem a empregar formas mais prestigiadas, sendo conservadoras ou inovadoras, vide o *paradoxo do gênero*, tratado na seção dois. Entretanto, muitos estudos atestaram que as mulheres também fazem uso de formas estigmatizadas socialmente, como a pesquisa de Bortoni- Ricardo (1985), em que as mulheres apresentam uma propensão maior a utilizar formas verbais não padrão, contrariando a tendência geral dos estudos sociolinguísticos.

Diante desse cenário, em que algumas pesquisas demonstram que há relação entre sexo/gênero e os usos de *nós/a gente* e a concordância variável, e outras demonstram que não há essa relação, acreditamos que serão as mulheres quem liderarão esse uso.

#### 6.1.4.2 Faixa etária

Com relação à faixa etária, Silva e Camacho (2017) afirmam que, em Rio Branco, independentemente da idade, os informantes preferem a forma *a gente* à forma *nós*. O mesmo acontece na pesquisa de Souza e Botassini (2009).

No entanto, estudos mais antigos como Omena (1986), Alban e Freitas (1991), Monteiro (1994) verificaram maior ocorrência da forma *a gente* entre os falantes mais jovens, ao passo que *nós* era predominante na fala de idosos. De acordo com Souza e Botassini (2009), essa diferença se dá justamente por essas pesquisas usarem dados coletados há 30 anos. Nesse intervalo de tempo, o fenômeno em questão mudou bastante. Se antes havia um preconceito em relação ao uso da forma *a gente*, hoje isso não se verifica.

Nossa hipótese, para o estudo em questão, é a de que, no bairro São Francisco, falantes de todas as idades terão preferência pela forma *a gente* + 3PS e uma maior ocorrência de *nós* + 3PS pelos informantes mais velhos (3ª faixa etária). Para o bairro Itamaraty, a hipótese será o maior uso de *nós* + 1PP pelos falantes da 3ª faixa etária, enquanto a preferência de jovens e adultos se dará pela forma *a gente* + 3PS.

#### 6.1.4.3 Escolaridade

Omena (1986) identificou que o aumento da escolaridade interfere nas escolhas das formas *nós/ a gente* e a concordância variável, devido ao ensino das formas prestigiadas socialmente e prescritas pela gramática normativa. Porém, no Ensino Médio, eles voltam a usar *a gente* como gíria, forma de identificação de grupo. Lopes (1993)



contrasta seus resultados com os de Omena e atesta que quanto mais os anos de escolarização aumentam, maior os usos da forma *nós + IPP*.

Nossa hipótese é: tanto no bairro São Francisco, quanto no Itamaraty, independentemente da escolarização, haverá predominância da forma *a gente + 3PS*. No bairro com menor poder aquisitivo, observaremos *nós + 3PS* entre os falantes menos escolarizados. No Itamaraty, teremos mais ocorrência da forma *nós + IPP* entre os falantes mais escolarizados.

Após a apresentação dos procedimentos metodológicos adotados, daremos seqüência à exposição da análise dos dados obtidos quanto à produção linguística dos dois bairros de Monte Azul Paulista.

## **6.2 Procedimentos metodológicos para montagem e aplicação do teste de crenças e atitudes**

### **6.2.1 Uma escola requisitada em um bairro carente<sup>22</sup>**

A escola do bairro iniciou seu funcionamento no ano de 1984 com o nome de Escola Estadual de Primeiro Grau Agrupada do Jardim São Francisco. No começo, havia 02 salas de aula de primeira e segunda série por período. Devido ao crescimento do bairro e o conseqüente aumento da demanda escolar, a escola passou a atender com 04 salas por período, sendo construída uma quadra de esportes e mais 02 banheiros.

No ano de 1996, participou do Processo de Reorganização do Ensino, passando a atender somente alunos de 1<sup>a</sup> a 4.<sup>a</sup> séries. Por pertencer a um bairro distante dos outros locais da Rede Escolar, voltou a atender a clientela de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries do Ensino Fundamental, no ano de 1997. Em janeiro de 2000 a escola passa pelo Processo de Municipalização do Ensino sendo jurisdicionada pela Diretoria de Ensino da Região de Jaboticabal.

**Figura 10** - Apresentação na antiga quadra da escola.

---

<sup>22</sup> Informações referentes à escola extraídas do Projeto Político Pedagógico (PPP), 2015.



Fonte: Acervo da escola

**Figura 11** - Antiga fachada da escola.



Fonte: Acervo da escola

Em 2015, a direção da escola, juntamente com os professores, elaborou um questionário para que os alunos respondessem com seus pais ou responsáveis. Depois, a equipe tabulou os dados e apresentou aos professores e funcionários nos encontros de htpc<sup>23</sup>. Aqui descreveremos alguns desses resultados, pois acreditamos que nos ajudam a vislumbrar o perfil desses alunos e o que eles pensavam sobre a escola.

De posse desses resultados, vale comentar que 70% dos alunos não possuíam convênio médico. 60% consideravam a escola ótima, 35% boa e 5% regular. 35% dos alunos da escola recebiam o Bolsa-Família e 90% possuíam celular. 45% dos pais dos alunos tinham o nível de escolaridade correspondente ao 9º ano. 47% dos estudantes frequentavam a igreja católica e 29% se consideravam evangélicos.

Hoje, a escola conta com dezessete salas de aula, sendo que uma delas é reservada para o Atendimento Educacional Especializado, uma sala de informática, uma sala de vídeo, uma biblioteca, dois sanitários femininos e dois masculinos de uso do corpo discente, dois sanitários femininos e dois masculinos de uso do corpo docente, um refeitório, uma cozinha, um pátio, uma sala de professores com cozinha, ginásio de esportes, uma secretaria com um banheiro masculino, uma sala de

---

<sup>23</sup> Horário de Trabalho Coletivo (HTPC). É o tempo estabelecido na escola, com o intuito de reunir professores e coordenadores para planejamento de aulas, discussão, análise e proposição de soluções que possam atender às demandas educacionais. (BEZERRA, 2016).

coordenação, uma sala de reforço e uma sala de direção com banheiro feminino. Segundo o PPP, os ambientes necessitam de pintura e uma reforma imediata nos telhados da Quadra de Esportes, Informática e da Sala de Reforço, pois nos dias chuvosos a quantidade de chuva dentro das salas é grande.

No PPP, configura-se como proposta pedagógica da escola a preparação do educando, integrando-o no contexto social, como um agente de transformação, vivenciando a crítica, a responsabilidade, a autonomia, a reflexão, a criatividade e o respeito de ser, tornando-o com isso, apto ao exercício da cidadania.

O sistema de ensino é apostilado, por meio de um convênio entre prefeitura municipal e a editora, fato que, como já afirmamos, contribui para a procura por vagas neste centro educacional. A prefeitura também oferece o meio de transporte, facilitando a locomoção desses alunos que não moram no bairro São Francisco.

**Figura 12** - Atual pátio da escola.



Fonte: Acervo da escola

Nas próximas seções, abordaremos o teste de crenças e atitudes sociolinguísticas e sua análise, relacionando-o aos resultados da produção linguística.

### 6.2.2 *O teste de crenças e atitudes sociolinguísticas*<sup>24</sup>

O teste foi concebido em três partes. A primeira parte consiste em perguntas de cunho pessoal, para conhecermos melhor esse aluno morador do bairro São Francisco e, também, relacionar aos resultados do teste de crenças. Como dito na seção 3, sobre crenças e atitudes sociolinguísticas, as crenças estão relacionadas às maneiras de ver e perceber o mundo e nascem das experiências, interações, práticas que os indivíduos mantêm ao longo de sua vida. Interessa-nos, então, saber a profissão dos pais ou responsáveis, o que esses alunos gostam de fazer nas horas de lazer, tipo de música, programa de televisão e se fazem alguma aula ou curso durante o período em que não estão na escola. Também averiguamos sobre o círculo de amizades, se são do mesmo bairro ou de algum outro local da cidade.

Também exploramos a religião dominante desses alunos moradores do bairro e como eles acham que o bairro São Francisco é reconhecido na cidade, qual a ideia que as pessoas têm desse local de moradia e das pessoas que ali residem. Para finalizar a parte 1, propusemos que escrevessem um parágrafo sobre alguma situação engraçada ou diferente que aconteceu com eles junto com os amigos ou colegas da escola. A intenção com essa redação de um parágrafo é, justamente, explorar quais são os usos da nossa variável dependente que esse participante faz em um texto escrito. O bairro São Francisco foi o que produziu as formas prestigiadas e estigmatizadas. Haveria nesse pequeno trecho escrito a presença de um registro mais formal, dada a pressão normativa da escola?

A parte 2 se inicia com uma tabela<sup>25</sup> cheia de afirmações, para que os alunos preenchessem com verdadeiro (V) ou falso (F), conforme suas crenças acerca de seu próprio jeito de falar, do seu bairro e, também, da cidade. Além dessas afirmações, há declarações a respeito da fala e da escrita. Nosso intuito, com essas assertivas, é verificar a força do poder prescritivo que recai sobre esses alunos e se isso interfere, de alguma forma, na atitude desses alunos para com as variedades desta pesquisa. Como afirmam Faraco e Zilles (2015), sabe-se que há um alto grau de rejeição social das variedades populares, sendo um grande desafio a construção de uma cultura escolar preparada para criticar e combater a discriminação pela língua, compreendendo a heterogeneidade linguística do país.

Contudo, como já dito anteriormente, na maioria das escolas, esse esforço não se verifica. Os alunos de camadas sociais mais baixas sofrem preconceito, não veem suas

---

<sup>24</sup> O protocolo de pesquisa proposto foi aprovado pelo CEP com parecer de nº 5.201.235.

<sup>25</sup> Adaptado de Cyranka (2007).

variedades legitimadas e passam a acreditar que não sabem falar e nem escrever sua própria língua materna, o português. A autoestima linguística desses falantes fica cada vez mais difícil de recuperar.

O país já possui abismos quanto às questões sociais, fazer da língua mais um instrumento de discriminação entre os tantos que essas pessoas enfrentam todos os dias é desumano. A escola, domínio social importantíssimo na vida de tantas crianças, não deve ser reprodutora dessas desigualdades sociais. Busca-se um esforço contínuo na conscientização linguística, para acolher essas crianças, ensiná-las a adquirir competência comunicativa diversificada a fim de que possam ter boas oportunidades na vida. Essa parte do teste nos ajuda a entender o que pensam esses alunos, quais as crenças limitantes e conservadoras que eles possuem.

A parte 3 do teste consiste em investigar as atitudes sociolinguísticas que esses alunos moradores do bairro têm diante do fenômeno aqui estudado. A primeira pergunta apresenta duas afirmações: “**Nós gostamos** de chocolate” e “**A gente gosta** de chocolate”. Ao ler essas duas sentenças, o aluno teria que escrever qual delas considerava a melhor e o porquê. Apesar das duas orações apresentarem a mesma informação, gostaríamos de saber se o aluno consideraria a forma prescrita pela norma-padrão *nós+IPP* como “a melhor”, pois já haveriam estudado os pronomes e, na apostila, a forma *a gente* não aparece.

Não nos interessou acrescentar as formas estigmatizadas nessa pergunta, pois ficaria mais difícil captar o que eles pensam sobre o *a gente + 3PS*. A hipótese é de que não é uma forma avaliada negativamente, conforme os dados de produção evidenciam. Pinto (2022) em sua dissertação sobre a alternância pronominal em Muzambinho-MG e Cabo Verde-MG identificou relacionados ao uso do *a gente* os adjetivos *escolarizado*, *e morador de condomínios fechados (associado a espaços mais urbanos)*. Dito isso, essa forma pode revelar atitudes sociolinguísticas positivas.

As próximas perguntas do teste apresentam afirmações, ora com uma forma prescrita pela gramática normativa, ora uma forma estigmatizada socialmente. Aos alunos, era pedido que selecionassem as alternativas com os adjetivos ou aceções que melhor se encaixariam com quem pronunciasse tal sentença, exemplificado no excerto abaixo:

Se uma pessoa falar: “**Nós estuda** muito na escola”, o que você pensaria dessa pessoa? Marque todas as alternativas que quiser.

- a) Que ela é inteligente.
- b) Que ela é metida.
- c) Que ela é simples.
- d) Que ela é legal.
- e) Que ela é chata.
- f) Que ela não tem estudo.
- g) Que ela fala do jeito que as pessoas do meu bairro falam.

Excerto extraído do teste de crenças e atitudes sociolinguísticas, 2021. Elaboração Própria.

Nesta parte do teste, investigamos também quais as formas que os alunos acreditam que usam mais, de forma geral. Depois, colocamos nas perguntas situações específicas como conversa com amigos, escola, texto escrito para verificar se eles relacionam usos específicos a ambientes ou situações diferentes.

As duas últimas perguntas do teste referem-se ao trabalho de Scherre, Naro e Yacovenco (2018). Os linguistas verificaram que há uma distribuição parcialmente sobreposta entre tempo e saliência fônica. Assim, em alguns contextos, a forma *nós + IPP* seria usada preferencialmente para marcar o pretérito perfeito, enquanto que, no presente, o verbo estaria na *3PS* seja com *a gente*, seja com *nós*. Dito isso, investigamos nas duas últimas questões qual(is) a(s) forma(s) que os alunos utilizam para dizer algo que já aconteceu (pretérito perfeito) ou para algo que acontece todos os dias (presente).

Importante ressaltar que cada parte do teste era entregue separadamente aos alunos participantes e com a mínima intervenção da aplicadora.

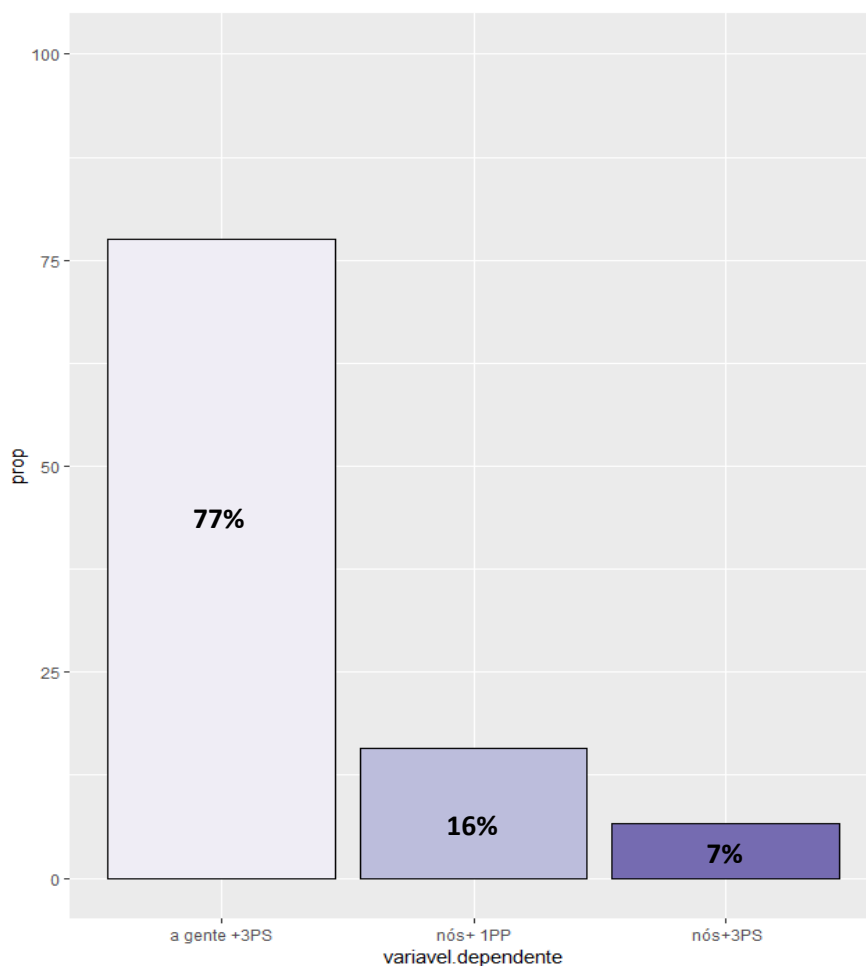
## 7 ANÁLISE DOS RESULTADOS DE PRODUÇÃO LINGUÍSTICA

Nesta seção apresentamos e discutimos os resultados de produção linguística referentes à variação de *nós* e *a gente* com a concordância verbal em dois bairros de Monte Azul Paulista.

### 7.1 Resultados Gerais da variável dependente na amostra

Inicialmente, destacamos que obtivemos, no total, 418 ocorrências do fenômeno linguístico analisado neste trabalho, sendo 66 ocorrências de *nós*+ *1PP*, 28 ocorrências de *nós* +*3PS* e 324 ocorrências de *a gente* + *3PS*. A distribuição geral desses resultados pode ser vista no Gráfico 1:

**Gráfico 1** - Proporção Geral da Variável Dependente.



Fonte: Elaboração Própria.

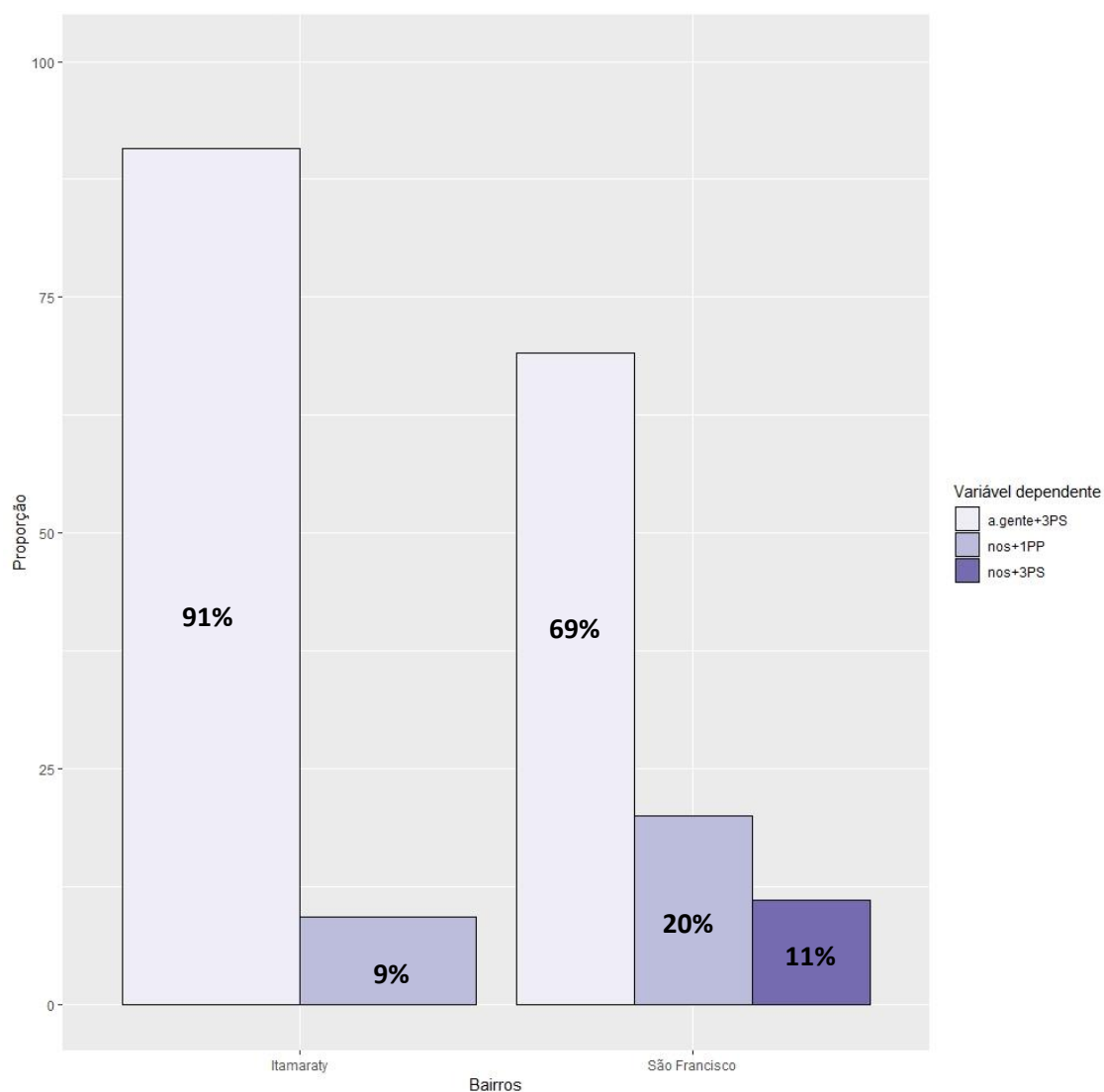
Diante desse gráfico, percebemos que a variável *a gente*+ *3PS* (77%) é mais utilizada do que as variantes *nós*+*1PP* (16%) e *nós*+ *3PS* (7%) nos bairros escolhidos



para esta pesquisa. Esse resultado se assemelha ao que acontece na maioria do país, conforme pesquisas (OMENA, 1986; LOPES, 1993; MATTOS, 2013; PINTO, 2022). Compreendemos então, que na comunidade pesquisada, essa diferença encontra-se bem acentuada.

Analisemos os resultados dos usos da variável dependente separado por bairros, como mostra o Gráfico 2:

**Gráfico 2** - Variável dependente separada por bairros.



Fonte: Elaboração Própria.

Olhando os resultados separados pelos bairros, a ocorrência de *a gente+ 3PS* foi maior nos dois locais, tanto no Itamaraty (91%), como no São Francisco (69%). Isso nos mostra, assim como Pinto (2022) identificou em sua pesquisa, que a forma *a gente+3PS*,

com relação ao uso linguístico, não está associada a valores negativos, pois moradores de bairros com diferentes níveis socioeconômicos e escolaridade preferem essa forma às outras variantes.

Sabemos que os usos linguísticos podem não ser semelhantes às crenças e atitudes sociolinguísticas, por isso o teste aplicado no bairro São Francisco elucidará o que pensam esses moradores sobre as formas aqui em estudo.

A ocorrência de *nós+ IPP* no bairro Itamaraty foi de 9%, enquanto, no São Francisco, a ocorrência dessa forma foi de 20%. Sabemos que essa variante é prestigiada pelos compêndios gramaticais. Seu maior uso no bairro mais carente pode indicar uma tentativa de alguns moradores em seguir padrões linguísticos impostos pela sociedade, de forma a não sofrer estigma ou preconceito linguístico.

A ocorrência de *nós + 3PS* foi produzida apenas por moradores do bairro São Francisco (11%). Essa era a nossa hipótese inicial. Acreditamos que tal ocorrência se deva pelas condições socioeconômicas do bairro, além de esse uso linguístico estar presente na fala de moradores menos escolarizados.

## 7.2 Análises univariadas

Apresentaremos a seguir, os resultados das variáveis extralinguísticas e, em seguida, os resultados das variáveis linguísticas. Neste trabalho, reportaremos os resultados de ambos os bairros, mesmo os que não se mostraram estatisticamente significativos, pois acreditamos que eles são importantes para visualizar as diferenças do comportamento linguístico desses dois bairros. Os resultados dos testes estão abaixo de cada gráfico. Para verificar se as variáveis são estatisticamente relevantes, realizamos um teste de qui-quadrado.<sup>26</sup>

### 7.2.1 Variáveis extralinguísticas

#### a) *Escolaridade*

Na grande maioria das pesquisas, a escolaridade é considerada relevante (OMENA, 1986; LOPES, 1993; COELHO, 2006; TAMANINE, 2002). É na escola que os indivíduos passam boa parte de suas vidas e que terão contato com a norma padrão da língua. Nesse sentido, espera-se que com o aumento da escolaridade, aumentem também os usos correspondentes a essas formas prescritas pela norma gramatical, ao mesmo tempo que

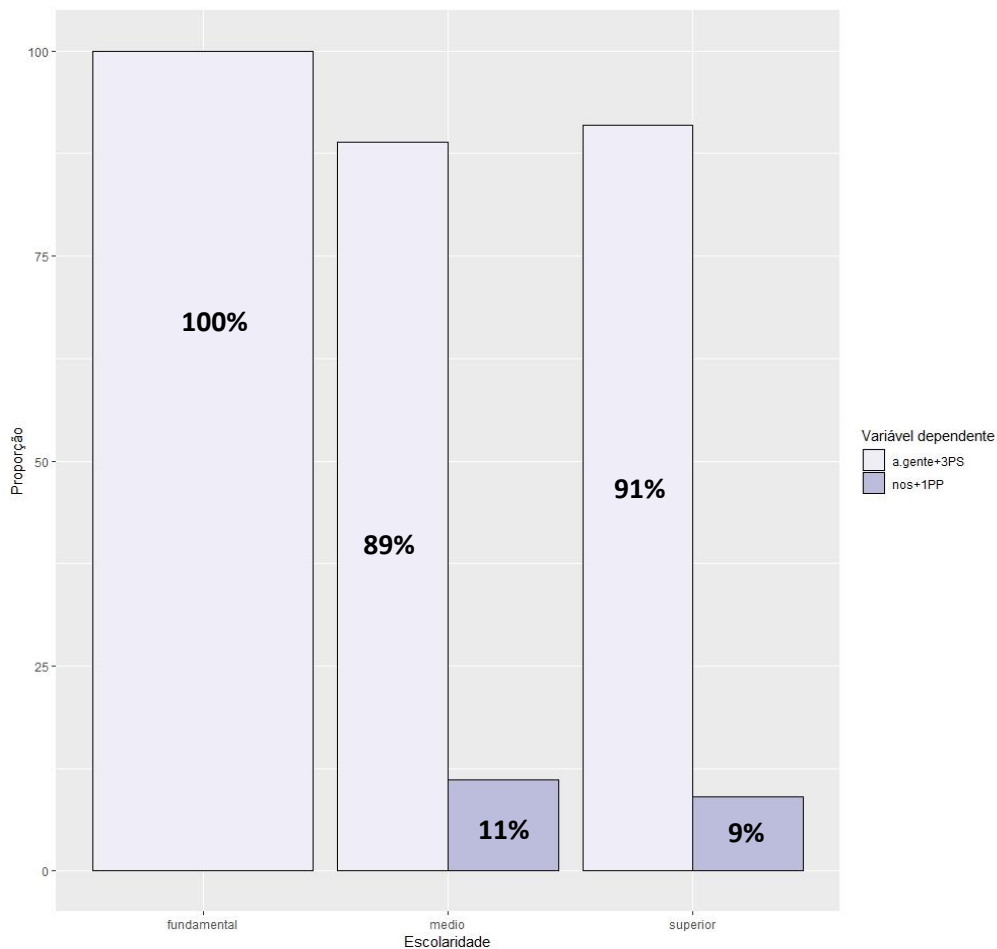
---

<sup>26</sup> Para os resultados,  $p < 0,05$  é estatisticamente significativo e  $p > 0,05$  não o é.

aqueles que possuem um nível de escolarização menor, utilizarão as formas não prestigiadas do ponto de vista da gramática normativa.

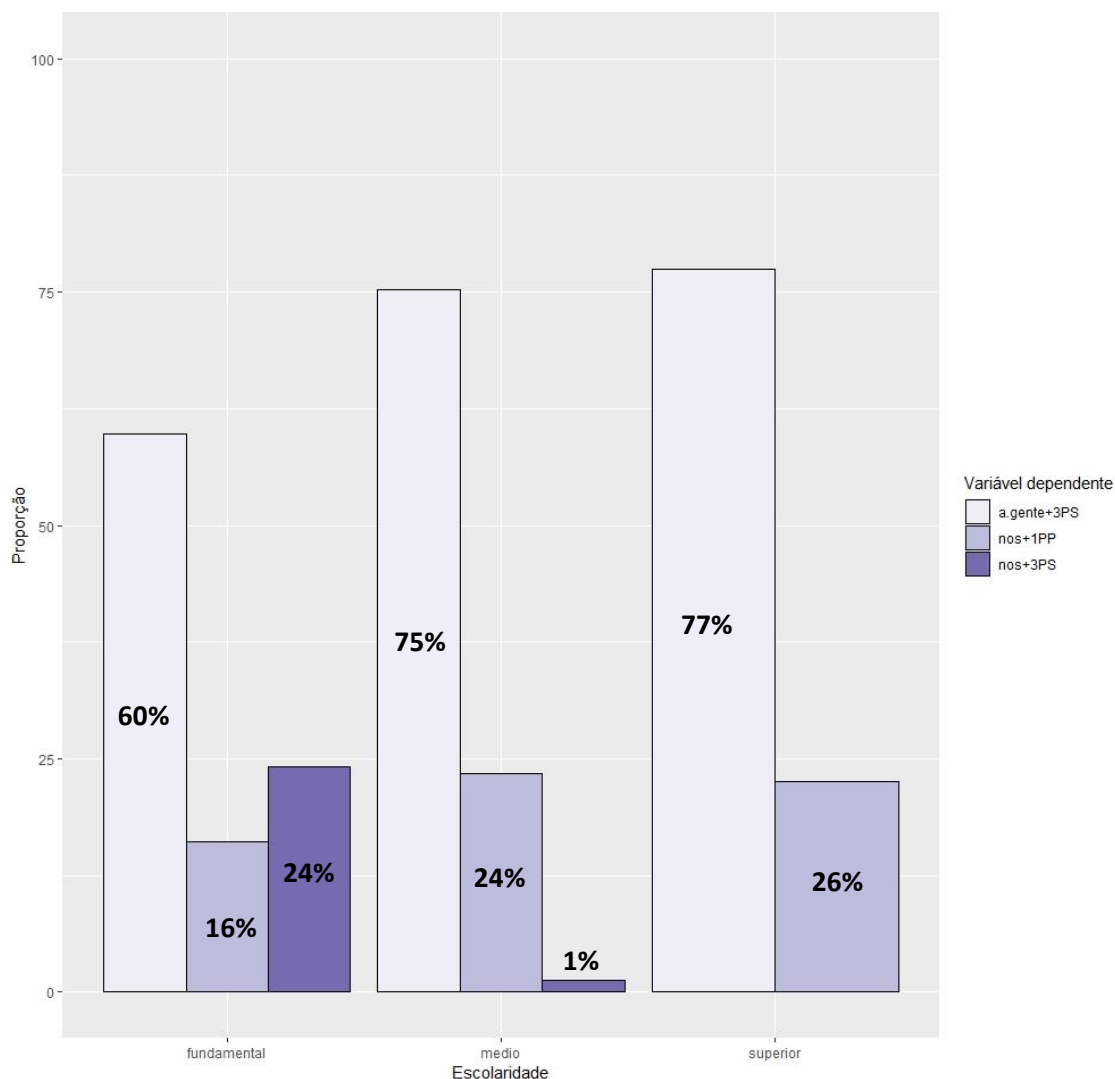
Nossa hipótese era a de que, independentemente do bairro, o aumento da escolarização implicaria em um maior uso da forma *nós + IPP*. Observemos os gráficos a seguir, com os resultados do Itamaraty e São Francisco:

**Gráfico 3 -** Proporção da variável dependente pela escolaridade no Itamaraty.



$$X^2 = 1.2504(2), p > 0,05$$

Fonte: Elaboração Própria.

**Gráfico 4** - Proporção da variável dependente pela escolaridade no São Francisco.

$$X^2 = 35.416(4), p < 0,05$$

Fonte: Elaboração Própria.

Como podemos observar, tanto no Itamaraty, como no São Francisco, a forma *a gente + 3PS* foi a mais utilizada entre os moradores de todas as escolaridades. Aqui, possuímos um forte indício de que essa forma não é estigmatizada, pois os mais escolarizados a empregam na mesma proporção que os menos.

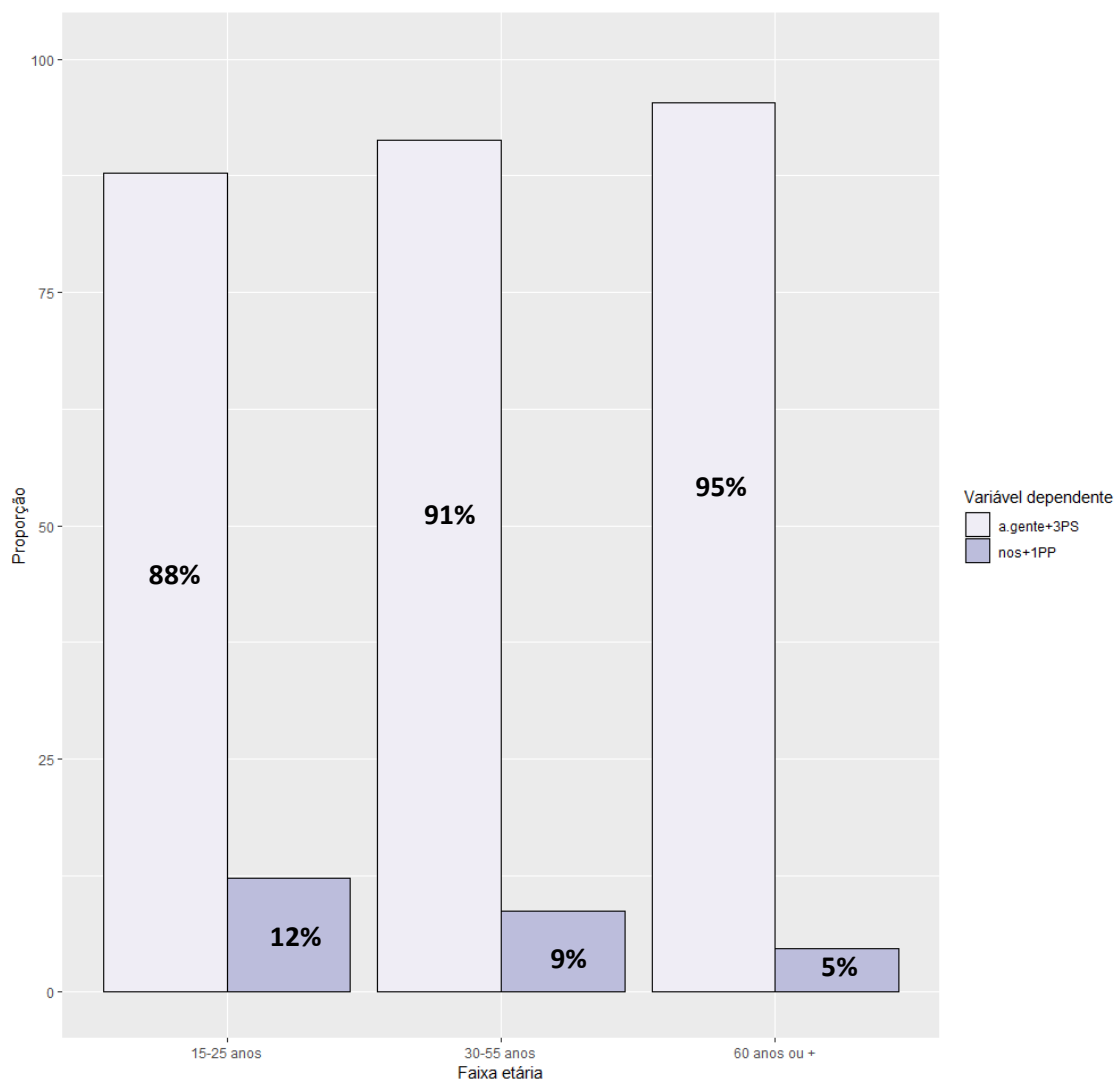
No bairro São Francisco, o *nós + 3PS* aparece na fala dos menos escolarizados, que possuem apenas o Ensino Fundamental (24%) e há a ocorrência de apenas 1% na fala de moradores que possuem Ensino Médio. Aqui, podemos entender que, o fato dessa variante não aparecer na fala dos moradores que possuem curso superior, é uma evidência do poder da escola, de prescrição normativa, sobre esses informantes, um efeito da escolarização.

Ainda no São Francisco, quanto à forma *nós + IPP*, observamos um gradual crescimento de suas proporções, na fala de moradores com Ensino Fundamental (16%) para o Ensino Médio (24%). Na fala dos participantes com graduação, houve um inexpressivo aumento (26%). Esse comportamento era o que esperávamos dos moradores do bairro Itamaraty. No entanto, nesse bairro, o uso dessa forma aparece apenas na fala dos moradores com Ensino Médio (11%) e graduação (9%), e com índices menores que aqueles que encontramos no São Francisco. Destacamos que, nos dois bairros, vemos que a diferença se estabelece, de um lado, Ensino Fundamental e, de outro, Ensino Médio e Ensino Superior.

#### ***b) Faixa etária***

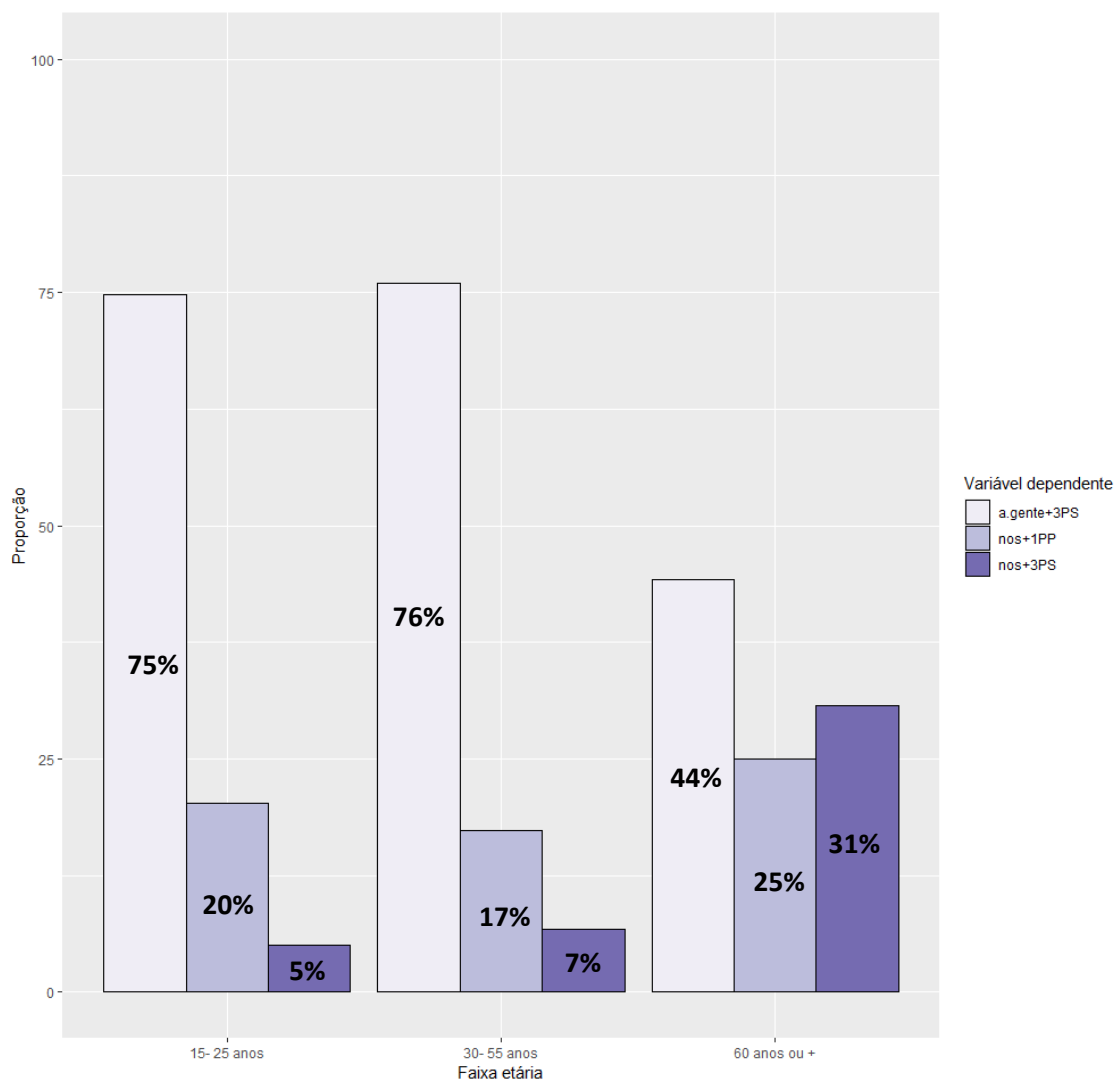
Em pesquisa bibliográfica, observamos que estudos (SILVA e CAMACHO, 2017; SOUZA e BOTASSINI, 2009) indicaram que, independentemente da faixa etária a que pertencem os informantes, o uso de *a gente + 3PS* predomina. Estudos mais antigos (OMENA, 1986; LOPES, 1993) evidenciaram o maior uso da forma *a gente* entre os falantes mais jovens, enquanto o uso da forma *nós+ IPP* aparecia no falar dos mais velhos, indicando que esse fenômeno está em um processo de mudança linguística.

Nossa hipótese aqui, foi a mesma para os dois bairros. Esperávamos encontrar mais uso de *nós + IPP* nas 2ª e 3ªs faixas etárias e *a gente + 3PS* na 1ª faixa etária. A forma *nós + 3PS* se faria presente na fala dos mais velhos (3ª faixa etária). Observemos os gráficos com os resultados dos dois bairros:

**Gráfico 5** - Proporção da variável dependente pela Faixa etária no Itamaraty.

$$X^2 = 1.856(2), p > 0,05$$

Fonte: Elaboração Própria.

**Gráfico 6** - Proporção da variável dependente pela faixa etária no São Francisco.

$$X^2 = 30.281(4), p < 0,05$$

Fonte: Elaboração Própria.

Para os dados do Itamaraty, a forma *a gente + 3PS* foi predominante em todas as faixas etárias. Indivíduos da 1ª faixa etária (15-25 anos), no Itamaraty, usaram mais a variante *nós + 1PP* (12%) do que os indivíduos presentes na 2ª (30-55 anos) (9%) e 3ª (60 anos ou mais) (5%) faixas etárias. Tais resultados mostram que, conforme se passa de faixas etárias mais jovens para aquelas de falantes mais velhos, há um progressivo aumento do uso de *a gente + 3PS*, ao passo que o uso de *nós + 1PP* diminui. Mais uma vez, esses dados indicam que a forma *a gente + 3PS* não carrega significados negativos, já que indivíduos com diferentes níveis de escolaridade e agora, de diferentes faixas etárias fazem uso dessa variante.

Os usos de *nós + 3PS* ocorreram somente no São Francisco, sendo maior (31%) nos falantes da 3ª faixa etária. O perfil desses informantes, que têm acima de 60 anos, revela o histórico de terem morado em sítios e trabalhado na roça no período da infância e adolescência, não terminando os estudos. Os usos de *nós + IPP*, nesse bairro, apontam o que era esperado para o bairro Itamaraty: um aumento dessa forma na 3ª faixa etária.

Para o bairro São Francisco, esses resultados sinalizam o oposto ao que acontece no Itamaraty. Ao passo que, o uso de *a gente + 3PS* diminui consideravelmente na 3ª faixa etária (60 anos ou mais), aumentam os usos de *nós + IPP*. Tal fato remonta aos resultados das pesquisas citadas, como de Omena (1986), Lopes (1993), Silva e Camacho (2017), que mostram uma tendência de os mais velhos preferirem o uso de *nós*. Nesse caso, podemos dizer que há um indício de um possível processo de mudança.

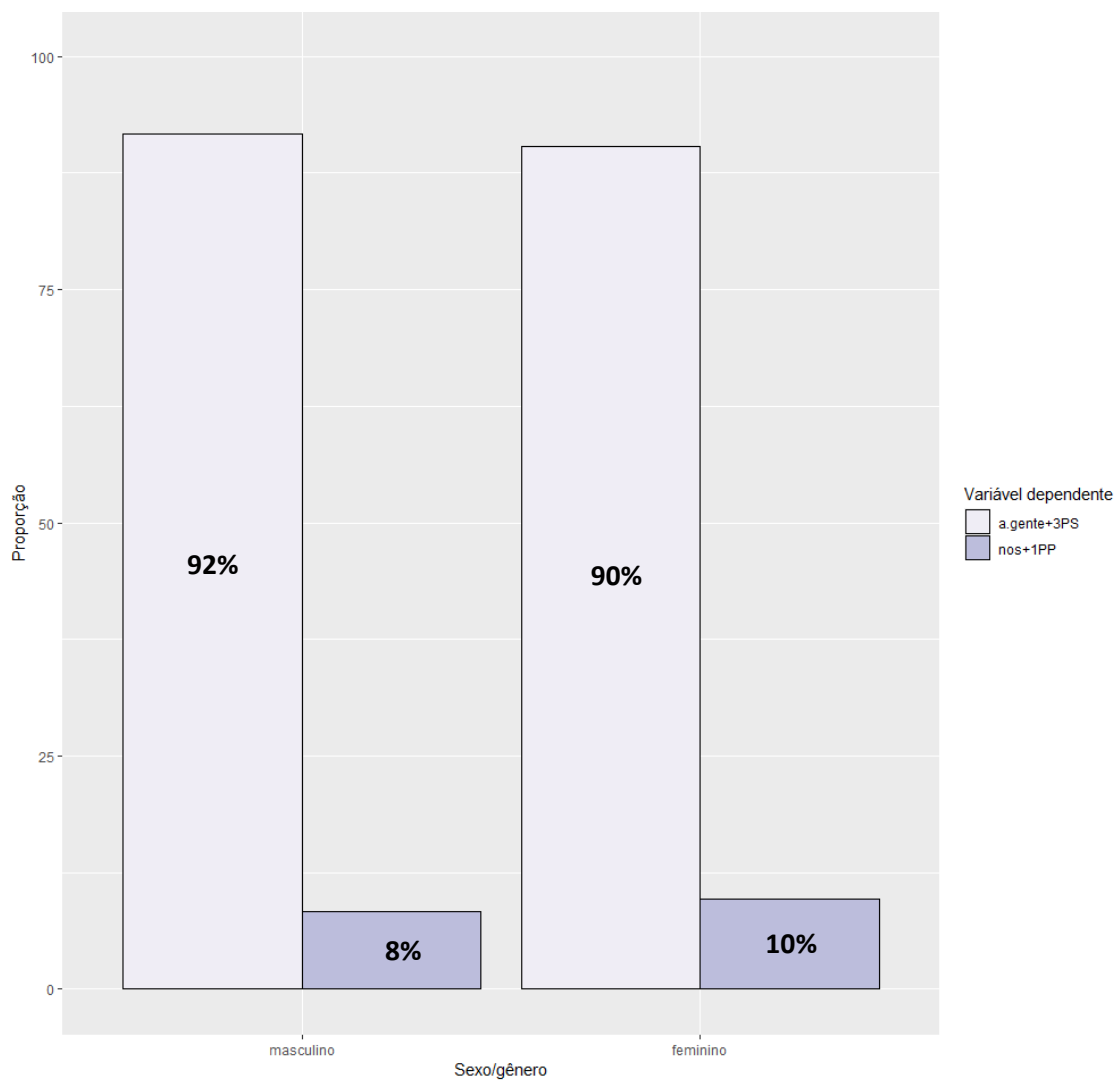
#### **b) Sexo/gênero**

A variável sexo/gênero sempre foi observada nos estudos sociolinguísticos como um condicionador social importante capaz de explicar a variação e mudança de um fenômeno linguístico. Os estudos mais clássicos apontam que a mulher tem maior sensibilidade ao significado social das variantes linguísticas, assim empregam mais as formas conservadoras ou as formas de prestígio, mesmo que sejam inovadoras.

Entretanto, muitos estudos, como, por exemplo, o de Bortoni- Ricardo (1985), atestaram que as mulheres também usam formas estigmatizada, contrariando a tendência geral dos estudos sociolinguísticos. A explicação para tal fato se dá através da mudança na estrutura social, visto que as mulheres de hoje estão andando a passos largos no alcance da igualdade educacional e econômica com os homens. Freitag (2015) afirma que explicar que as mulheres preferem formas padrão ou que não sejam estigmatizadas por conta de seus papéis desempenhados, como mães e educadoras, era pertinente nos anos de 1960, porém, hoje, não podemos dizer que seja esse o papel da mulher na sociedade. As mulheres conquistaram seu espaço no campo profissional, saem de casa para trabalhar, possuem outras relações que não apenas as familiares, ampliando dessa forma seus usos linguísticos.

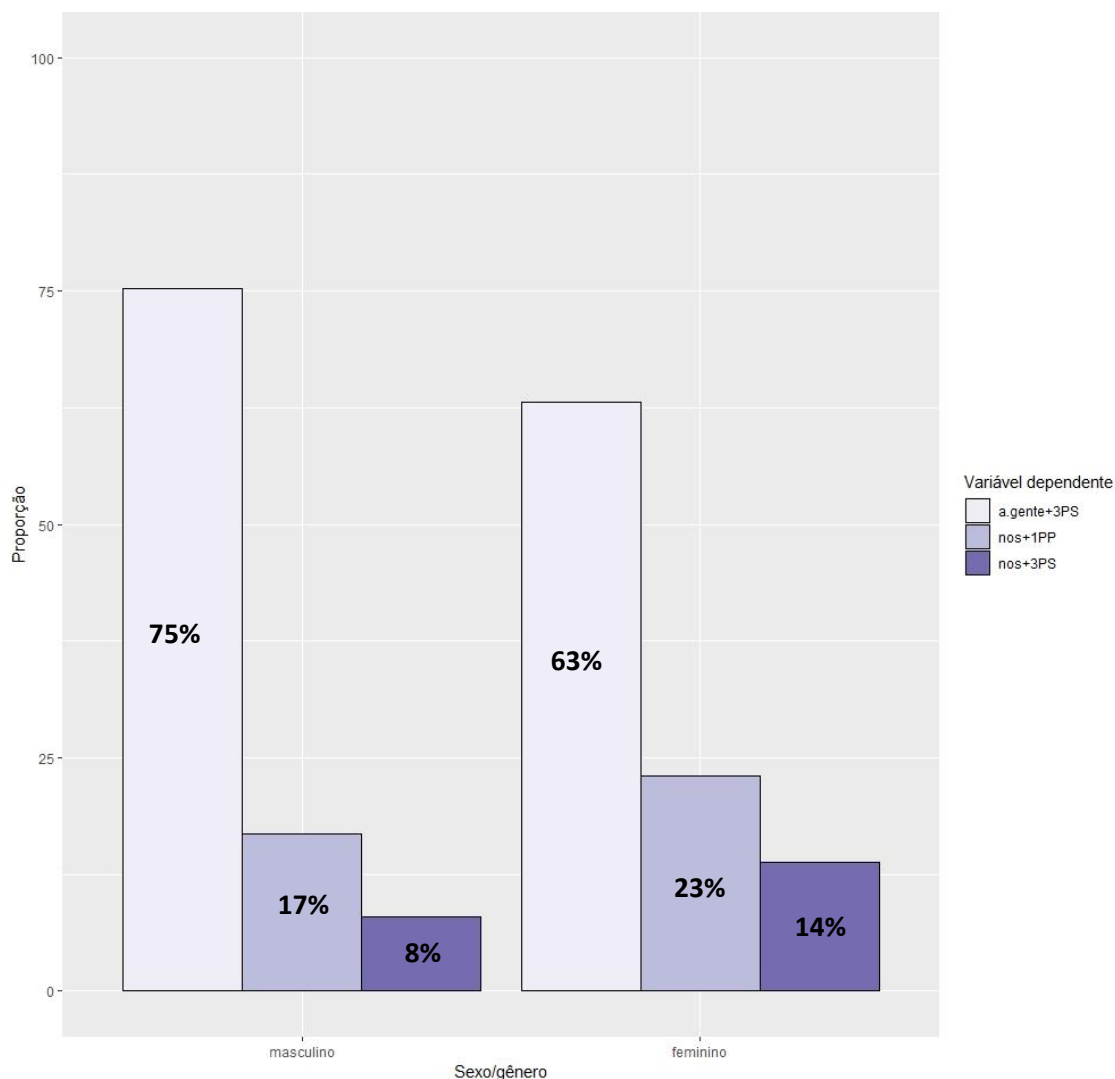
Os resultados dos bairros Itamaraty e São Francisco podem ser observados nos gráficos abaixo:



**Gráfico 7** - Proporção da variável dependente pelo sexo/gênero no Itamaraty.

$X^2 = 0.00014554(1)$ ,  $p > 0,05$

Fonte: Elaboração Própria.

**Gráfico 8** - Proporção da variável dependente pelo sexo/gênero no São Francisco.

$$X^2= 4.5959(2), p > 0,05$$

Fonte: Elaboração Própria.

No Itamaraty, não há grandes diferenças quanto ao uso da variável dependente em relação ao sexo/gênero, os usos estão equilibrados, seja na fala de homens, como na das mulheres.

No São Francisco, tanto homens quanto mulheres possuem praticamente o mesmo comportamento em relação à variável dependente. Vale destacar que, no uso da variante *nós + 3PS*, a ocorrência na fala das mulheres foi maior (14%) do que na dos homens (8%). O uso do *nós+ 1PP* aumentou na mesma proporção na fala das mulheres (23%) em relação à fala dos homens (17%). Ou seja, nesse bairro, as mulheres usam mais, tanto a

forma privilegiada socialmente, quanto a forma estigmatizada, em maior proporção que os homens.

### 7.2.2 Variáveis linguísticas

#### a) *Saliência fônica*

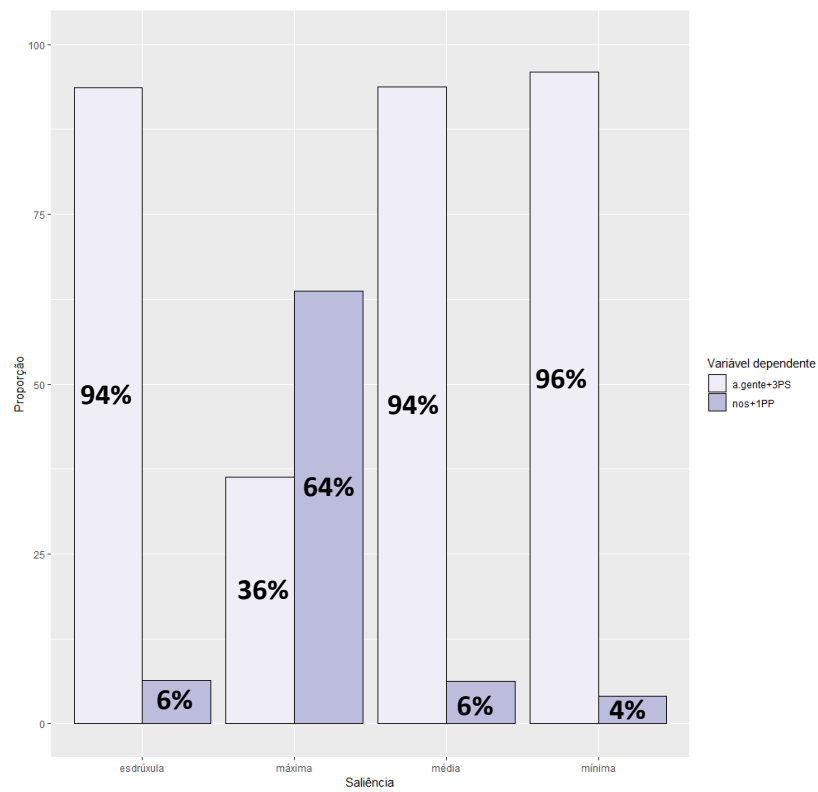
Pesquisas apontam a saliência fônica como um fator relevante (LOPES, 1998; RUBIO, 2012; SCHERRE, NARO, YACOVENCO, 2018) na marcação da concordância variável e alternância pronominal de 1PP. Quanto maior for a diferença entre as formas de singular e plural, será maior a ocorrência do pronome *nós+ 1PP*, com exceção de contextos específicos, como a saliência esdrúxula.

Nossa categorização foi feita a partir da proposta de Rubio (2012), que dividiu a saliências em escalas:

- i) *saliência esdrúxula* (uso das proparoxítonas em oposição ao não uso de proparoxítonas) como em: *fazia/fazíamos*;
- ii) *saliência máxima* (ocorre mudança no radical) como em: *é/somos*;
- iii) *saliência média* (há uma semivogal na forma de 3PS que não ocorre na 1PP) como em: *comprou/compramos*;
- iv) *e saliência mínima* (não há mudança no radical) como em: *assiste/assistimos*.

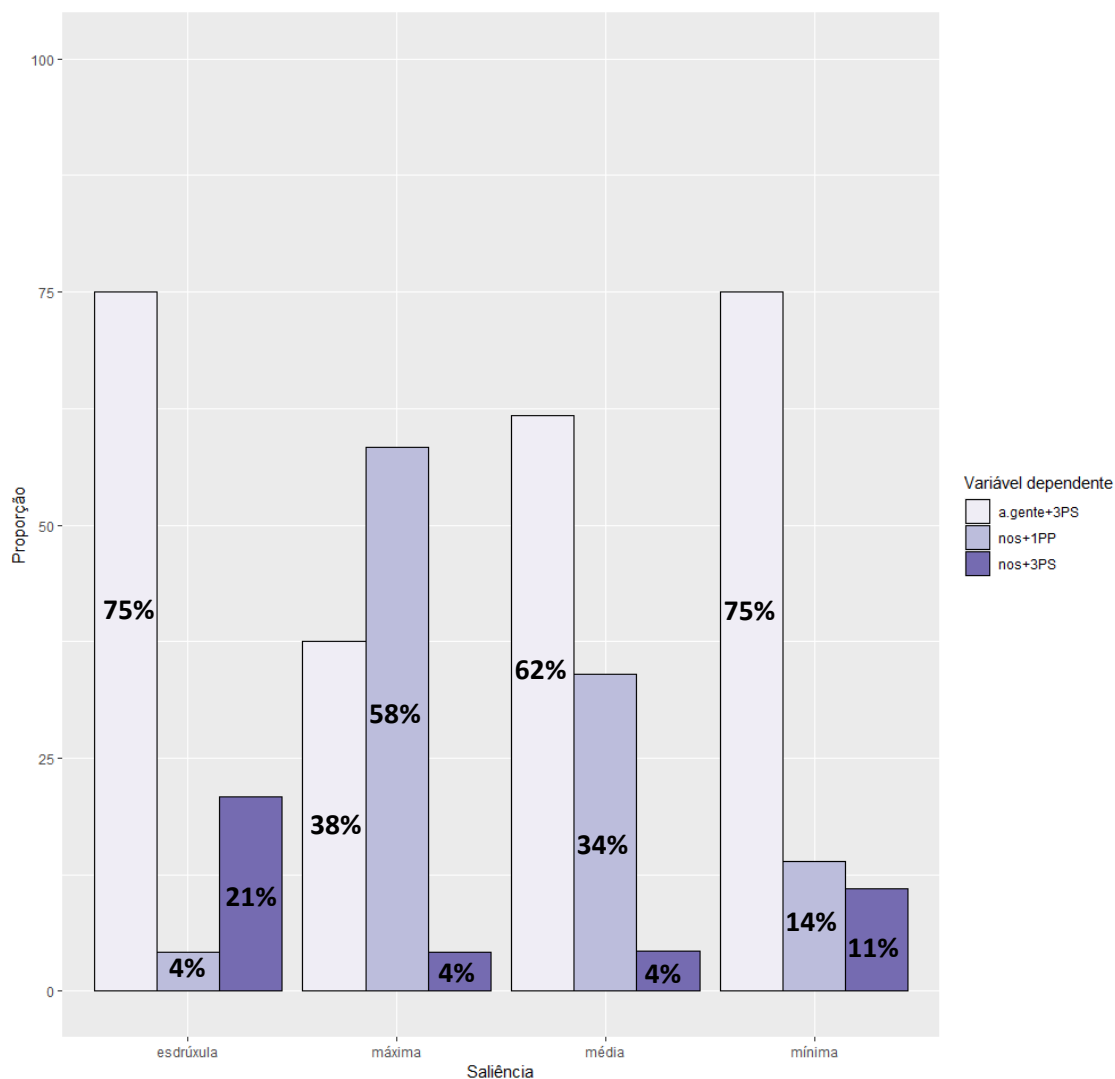
Obtivemos os resultados expostos nos gráficos 9 e 10:

**Gráfico 9** - Proporção da variável dependente pela saliência fônica no Itamaraty.



$$X^2 = 42.055(3), p < 0,05$$

Fonte: Elaboração Própria.

**Gráfico 10** - Proporção da variável dependente pela saliência fônica no São Francisco.

$$X^2 = 42.724, (6), p < 0,05$$

Fonte: Elaboração Própria.

Os resultados de ambos os bairros foram estatisticamente significativos. Quanto à *saliência esdrúxula*, nos dois bairros, sua maior ocorrência foi com a variante *a gente+3PS* (Itamaraty, 94%; São Francisco, 75%). No São Francisco, local onde emergiu a variante *nós+3PS*, a ocorrência dessa foi de maior proporção com verbos de saliência esdrúxula (21%) do que com as outras saliências. Naro, Scherre, Foeger, Benfica (2017) afirmam que o falante evita formas proparoxítonas nas formas verbais de 1PP, ou seja, o uso de verbos no pretérito imperfeito, a fim de que ajam de acordo com uma tendência fonológica do português brasileiro falado, a de evitar acentuar a antepenúltima sílaba, eliminando, assim, a última sílaba. Dito isso, o resultado dos dois bairros parece ir nesse

sentido, pois há maior uso das variantes que, diante da saliência esdrúxula, não levam acento na antepenúltima sílaba, como podemos observar nos exemplos abaixo:

(8) *a gente estudava* (estudávamos) naquela escola perto da pracinha dos passarinhos (...); M. F. 2.ITA

(9) então *nós tinha* (tínhamos) um cabrito tão bonitinho (...).<sup>27</sup> F.M.3.SF

Em relação à *saliência máxima*, nossa hipótese era a de que em sua presença, haveria uma maior ocorrência da variante *nós+ IPP*, pois, segundo as pesquisas (NARO, GORSKI, FERNANDES, 1999; RUBIO, 2012) quanto maior o nível de saliência entre as formas verbais, maior o uso dessa variante. Nos dois bairros, os resultados evidenciam essa tendência. Foi na presença de verbos com essa saliência que encontramos maior proporção de *nós+ IPP* (Itamaraty, 64%; São Francisco, 58%), demonstrando que esse fator contribui para o uso dessa variante.

A *saliência média*, no Itamaraty, não influenciou o uso de *nós+ IPP*, como aventamos (6%). Para o São Francisco, esse nível de saliência contribuiu para um uso significativo dessa variante (34%). No entanto, destacamos que a variante *a gente+ 3PS*, em contexto de *saliência média*, ocorreu em maior proporção que as demais (Itamaraty, 94%; São Francisco, 62%).

Por fim, percebemos maior percentual de uso da variante *a gente+ 3PS* em contextos de *saliência mínima*, tanto no Itamaraty (96%) como no São Francisco (75%). O uso de *nós+ 3PS*, nesse último bairro, ocorreu num percentual de 11%, ao passo que *nós+ IPP* apareceu na proporção de 14%.

Isso posto, os resultados mostram uma tendência de que diferentes contextos de saliência fônica verbal influenciam na escolha de determinadas variantes de nosso estudo.

### **b) Tempo Verbal**

Pesquisas como as de Omena (1986) e Lopes (1993) evidenciaram a relevância do fator tempo verbal para a variável dependente aqui em estudo. Elas indicam que *nós+ IPP* seja favorecido pelo pretérito perfeito, enquanto *a gente+ 3PS* é favorecido pelo presente.

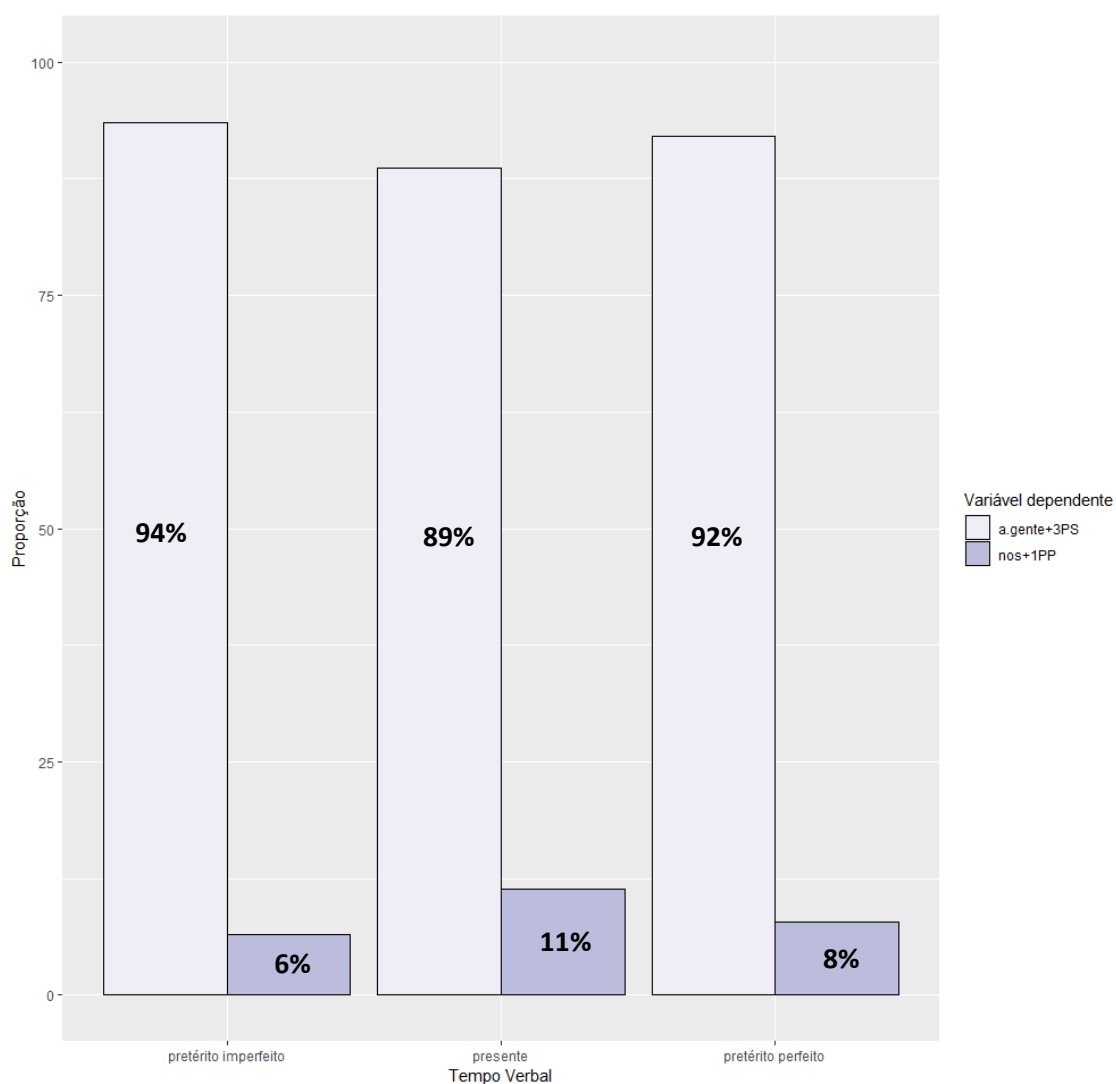
---

<sup>27</sup> Exemplos retirados das entrevistas.

Scherre, Naro e Yacovenço (2018) ainda afirmam que o uso de *nós + IPP* relacionado ao pretérito perfeito se daria para a redução da ambiguidade que há entre esse tempo verbal (*nós dormimos*) e o presente de forma igual (*nós dormimos*). Sendo assim, os falantes prefeririam usar o pretérito com o *nós+ IPP* e para o presente, *nós+ 3PS* ou *a gente+ 3PS*.

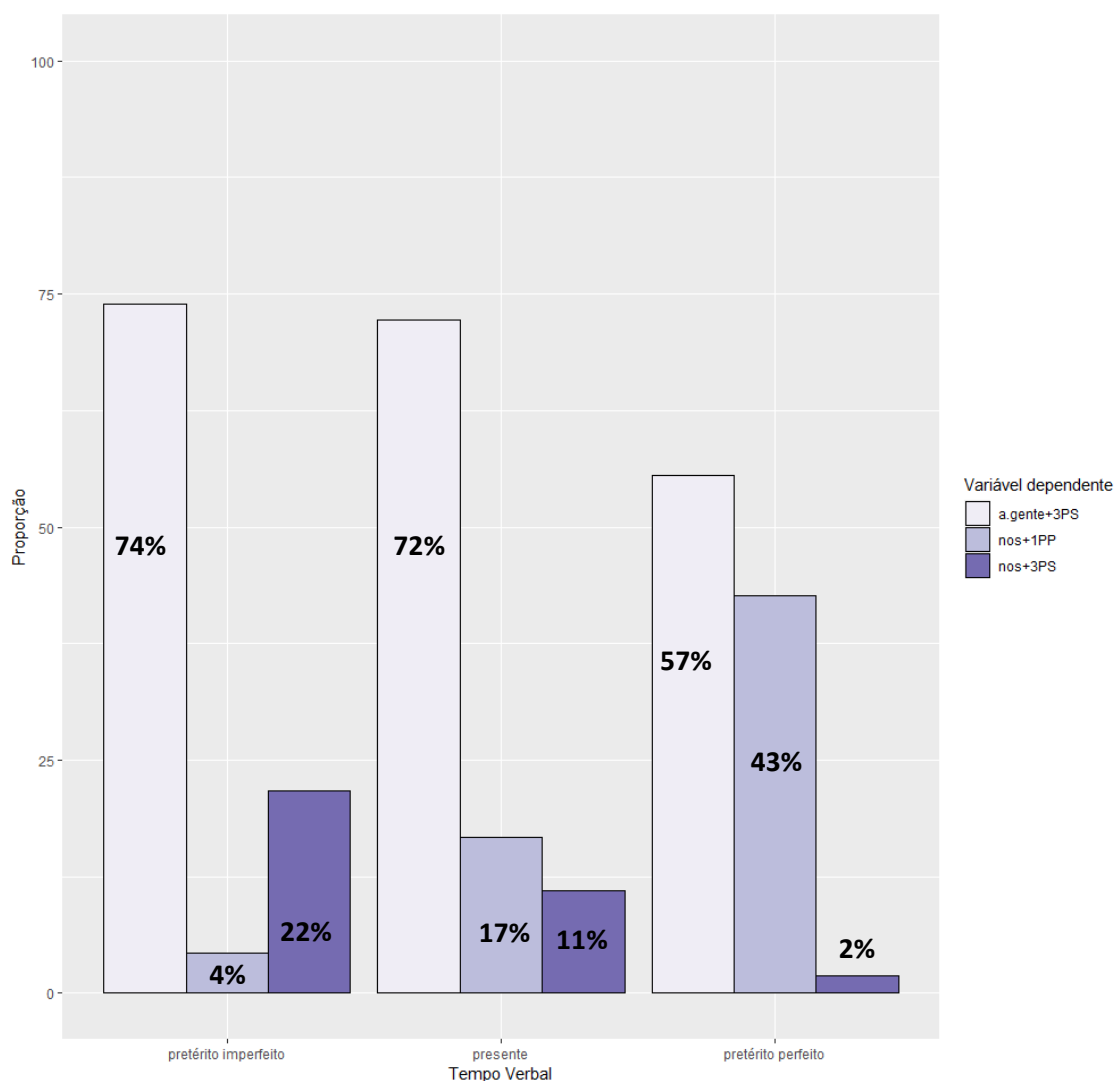
Observemos os gráficos 11 e 12 com os resultados dos dois bairros abaixo:

**Gráfico 11** - Proporção da variável dependente pelo tempo verbal no Itamaraty.



$$X^2 = 0.92683(2), p > 0,05$$

Fonte: Elaboração Própria.

**Gráfico 12** - Proporção da variável dependente pelo tempo verbal no São Francisco.

$$X^2 = 30.983(4), p < 0,05$$

Fonte: Elaboração Própria.

Para o bairro Itamaraty, o teste de qui-quadrado não foi estatisticamente significativo. Não importa o tempo verbal empregado pelo morador, a variante utilizada em maior proporção foi *a gente+ 3PS*.

No São Francisco, houve significância estatística. Como esperávamos, a variante *nós+ 1PP* ocorreu em maior proporção (43%) em contextos de pretérito perfeito. A forma *nós+ 3PS* ocorreu preferencialmente com verbos no pretérito imperfeito. A esse respeito, conforme explicitamos no subitem anterior, há uma escolha dos falantes em evitar o uso de formas proparoxítonas que ocorre com verbos de *1PP* no pretérito imperfeito. Dessa



forma, as maiores proporções de uso tanto de *a gente+ 3PS* quanto *nós+ 3PS* se dão em contextos com esse tempo verbal.

Ao retomar os resultados gerais para o bairro São Francisco, vemos 69% de *a gente + 3PS*, 20% de *nós + IPP* e 11% de *nós + 3PS*. Então, comparando com os resultados do presente do indicativo, vemos proporcionalmente mais *a gente +3PS* (72%), menos *nós+IPP* (17%) e o mesmo de *nós+3PS* (11%). No entanto, se compararmos os resultados gerais desse bairro com os do pretérito perfeito, observamos que há muita diferença.

### 7.3 Conclusões a respeito dos dados de produção linguística

Era nosso interesse analisar, a partir dos resultados da produção, se haveria um comportamento linguístico diferente entre os dois bairros.

Com os resultados, percebemos, sim, que há. Ambos os bairros apresentam grande preferência pelo uso da forma *a gente+ 3PS*, o que indica que essa forma não é estigmatizada, pois moradores de diferentes níveis socioeconômicos e escolaridade a utilizam. Já a maior ocorrência da forma *nós+ IPP* se deu no bairro São Francisco, contrariamente ao que pensávamos. O uso de *nós+ 3PS* aparece na fala dos moradores menos escolarizados do bairro São Francisco.

Compreendemos então, que os dois bairros mostram uma tendência ao uso da variante *a gente+ 3PS*, em todos os contextos analisados, seja linguístico ou extralinguístico. A forma *nós+ IPP* é favorecida pela 3ª faixa etária (60 anos ou mais) no bairro São Francisco. Quanto à relação dessa forma com o fator escolaridade, seu uso tem maior proporção conforme se avançam os anos de estudo. Já a variante *nós+ 3PS* é favorecida por moradores menos escolarizados e, também, da 3ª faixa etária.

Para os fatores linguísticos, os contextos de *saliência esdrúxula* e verbos no pretérito imperfeito favorecem o uso das formas *a gente+ 3PS* e *nós+ 3PS*, visto que os falantes tendem a evitar o uso de proparoxítonas. Contextos de *saliência máxima* e verbos no pretérito perfeito são favorecedores da variante *nós+ IPP*.

Sabemos que, muitas vezes, o que de fato acontece na comunidade estudada não corresponde às suas crenças e atitudes sociolinguísticas. Observamos, através dos resultados de produção linguística, tendências de uso da variável dependente em estudo neste trabalho. Interessa-nos, na seção seguinte, analisar o que pensam e qual atitude os moradores do bairro São Francisco possuem a respeito das formas aqui analisadas.

Apresentamos a seguir, o recorte feito para a aplicação do teste de crenças e atitudes, como ele foi pensado e a análise dos resultados.

## 8 ANÁLISE DAS CRENÇAS E ATITUDES SOCIOLINGUÍSTICAS DE ALUNOS MORADORES DO SÃO FRANCISCO

Tal como discute a seção 3, as crenças e atitudes sociolinguísticas se constituem dos julgamentos que os falantes fazem tanto da própria língua e/ou variedade quanto sobre as de outras pessoas. Dessa forma, o estudo das crenças e atitudes sociolinguísticas é importante, tanto no sentido de uma possível interferência dessas ideias/posturas no processo de mudança ou na implementação de uma dada variedade, como para desvendar os significados sociais que as variedades carregam.

Diante do fenômeno da variação entre *nós* e *a gente* em correlação com a concordância verbal, pesquisas indicam atitudes negativas para o uso do *nós* + *3PS* e *a gente* + *1PP*, lembrando que esses usos tendem a ocorrer na fala de pessoas menos escolarizadas (NARO; GORSKI; FERNANDES, 1999; RUBIO; GONÇALVES, 2012). Nesta pesquisa, através dos resultados de produção linguística, verificou-se essa tendência, no bairro São Francisco. Foi na fala de moradores desse bairro carente que encontramos a variante *nós* + *3PS*, não padrão e sem prestígio social, em sentenças proferidas por pessoas sem escolarização completa. Esse fenômeno não se verificou no bairro Itamaraty, bairro cujos moradores possuem maior nível socioeconômico. Cabe destacar que essa avaliação pode variar de comunidade para comunidade, principalmente quando se pensa em comunidades de prática. Essa forma pode ser bastante identitária em alguns contextos, como já apontaram estudos como o de Coelho (2006) e Oushiro (2015).

À vista disso, interessa-nos investigar se os moradores desse bairro mais carente possuem crenças e atitudes negativas em relação a esse fenômeno, se é saliente quando o uso se distancia da norma de prestígio. Para isso, justifica-se a escolha da aplicação do teste de crenças e atitudes sociolinguísticas na escola municipal do bairro, que se configura como um microcosmo onde ocorre uma ampla gama de variação linguística, equivalente à que ocorre no macrocosmo da sociedade em geral. (BORTONI-RICARDO, 2005). Consideramos, pois, os alunos como representação linguística da variedade presente no bairro.

Além de ser a representação do que acontece no bairro, a escola escolhida para aplicação dos testes é um importante espaço para o local, ponto de referência para os moradores deste bairro e de outros, pois há muita procura por vagas, de famílias de outros pontos da cidade. Essa busca justifica-se pelo material apostilado fornecido pela prefeitura e o transporte para os alunos que moram longe. Então, a escola se torna um espaço de trocas sociais entre grupos diversos com características linguísticas específicas,

em que alunos de famílias com alta escolarização convivem com alunos muito carentes, advindos de famílias com pouca escolarização ou analfabetas.

A escola municipal do bairro oferece o Ensino Fundamental- Anos Iniciais e Anos Finais, ou seja, turmas do 1º ao 9º ano. Após o cumprimento do currículo, os alunos que terminam o 9º ano precisam mudar para uma das escolas estaduais da cidade, que oferecem o Ensino Médio. Em face do exposto, escolhemos aplicar os testes a alunos moradores do bairro São Francisco, matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental, justamente por estarem integrados ao espaço há mais tempo, além de já terem estudado os tópicos referentes a pronomes e concordância verbal.

Sabemos que, quanto mais se avançam os anos de escolarização, mais as pessoas sentem a pressão normativa recaindo sobre seu falar e sua escrita. O teste de crenças foi elaborado, justamente, para verificar a força da prescrição normativa que recai sobre esses alunos e, também, o que pensam sobre o modo de falar da cidade e do bairro.

Entendemos que a escola deveria ser um espaço onde os alunos vão adquirir os recursos comunicativos que lhes permitirão desempenhar de forma competente práticas sociais especializadas (BORTONI-RICARDO, 2004). No entanto, o que se vê é o ensino de língua portuguesa de forma tradicional, descritivo e prescritivo, associado à norma-padrão, perpetuando as desigualdades sociais já marcantes em nosso país, incluindo as diferenças sociolinguísticas e, por meio delas, propiciando e reforçando o preconceito linguístico.

Sendo assim, aventamos a hipótese de que os alunos, moradores do bairro São Francisco, mesmo com a quase finalização do Ensino Fundamental, não farão julgamentos negativos diante de sentenças com *nós + 3PS*, pois se trata de uma variante comum ao cotidiano deles, com a qual têm contato, através de familiares, amigos e até mesmo dentro da própria escola. Mesmo diante do poder normativo e padronizador da escola, esses alunos conseguem reconhecer a variedade em uso no seu bairro, como algum comum e, portanto, não marcado.

Com relação à variante *a gente + IPP*, como já foi mostrado, ela não apareceu nas entrevistas em nenhum dos bairros, entretanto mantivemos essa forma no teste, a fim de verificar se nossa hipótese, de que ela é fortemente estigmatizada, se confirma.

Nesta seção, faremos a análise dos resultados de cada uma das partes do teste, começando com o perfil dos alunos participantes, suas crenças e atitudes sociolinguísticas diante da leitura das sentenças.

## 8.1 Análise dos testes de crenças e atitudes sociolinguísticas

Nesta seção, discutiremos os resultados dos testes de crenças e atitudes sociolinguísticas, a começar pelo perfil dos alunos participantes. A seguir, abordaremos a pequena produção textual feita por eles, a fim de analisar quais as formas em investigação que nela emergiram. Depois trataremos do teste de crenças, correlacionando-o ao perfil dos alunos, para que possamos examinar o que eles pensam sobre suas práticas de fala e escrita, sua autoestima linguística. Por fim, analisaremos os resultados do teste de atitudes, relacionando-os aos resultados da produção linguística.

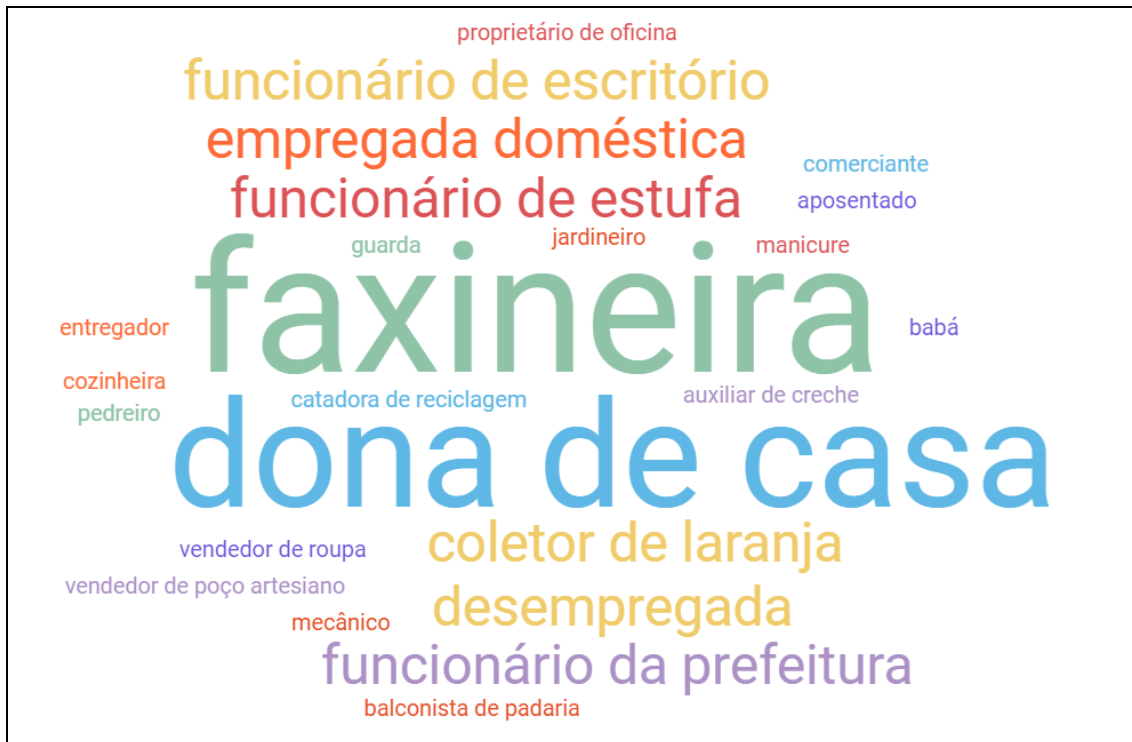
### 8.1.1 O perfil dos alunos participantes

Como já dito anteriormente, os alunos participantes da fase do teste de crenças e atitudes sociolinguísticas são moradores do bairro São Francisco, cursam o 9º ano do Ensino Fundamental, tendo entre 14 e 15 anos. A escola, conforme mencionado acima, mesmo se situando em um bairro carente, tem muita procura por vagas, por pais que moram em outros bairros. A prefeitura fornece o transporte escolar, o que contribui para essa busca.

Dessa forma, há uma grande mescla, em toda a escola, de alunos advindos do bairro onde ela se localiza e, da maioria, vinda de outros bairros da cidade. Assim, para a realização do teste, foi necessário fazer uma sondagem de quais estudantes do 9º ano moravam naquele local. Vale frisar que a escola oferece o Ensino Fundamental no período matutino e vespertino.

No total, obtivemos a participação de 25 alunos. 13 são do período da manhã e 12 do período da tarde. Para conhecer melhor esses nossos participantes, pedimos que escrevessem a ocupação/profissão dos pais ou responsáveis. As respostas estão configuradas na nuvem de palavras abaixo:

**Figura 13** - Nuvem de palavras com as respostas dos alunos sobre ocupação de pais ou responsáveis.



Fonte: Elaboração Própria

Não nos interessou separar as ocupações por sexo/gênero, pois alguns alunos não preencheram o campo de ocupação de pai, só de mãe. O que nos importa é um quadro geral, para conseguirmos inferir a situação econômica desses alunos.

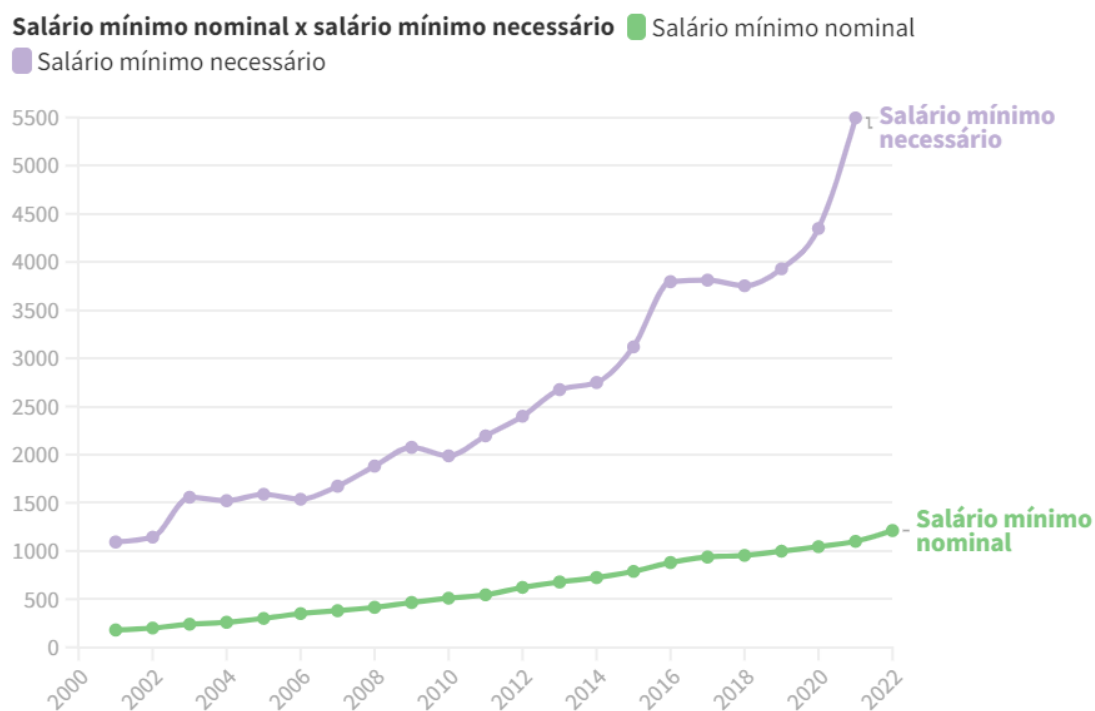
Ao observar a nuvem de palavras, percebemos que a maioria das mães ou responsáveis possuem a ocupação de faxineira ou dona de casa. Para os pais ou responsáveis, apareceram de forma similar as ocupações de funcionários de escritório, estufa, prefeitura e coletor de laranja. Em comparação com a nuvem de palavras feita a partir das profissões dos participantes da entrevista sociolinguística, percebemos uma semelhança. Naquela, faxineira, do lar e funcionário de escritório também foram as mais citadas.

Como mencionamos na seção de produção linguística (seção XXX) e acrescentando as informações dos pais dos alunos respondentes do teste, as ocupações dos moradores do bairro São Francisco, em sua maioria, não requerem curso superior. O teto salarial é mais baixo em comparação com o do bairro Itamaraty, as profissões são menos prestigiadas. Dessa forma, compreendemos, de forma geral, a situação socioeconômica desses participantes.

O piso salarial de uma empregada doméstica e faxineira é de R\$ 1.200,00 reais<sup>28</sup>. Para funcionário de escritório, o piso salarial varia de R\$ 1.300,00 a R\$ 2.000,00 reais. O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) informa qual deveria ser o salário mínimo necessário para atender as necessidades básicas de uma família brasileira de quatro pessoas. Como podemos observar no gráfico abaixo, as rendas básicas das famílias participantes desta pesquisa ficam aquém do que seria o ideal para as necessidades essenciais.

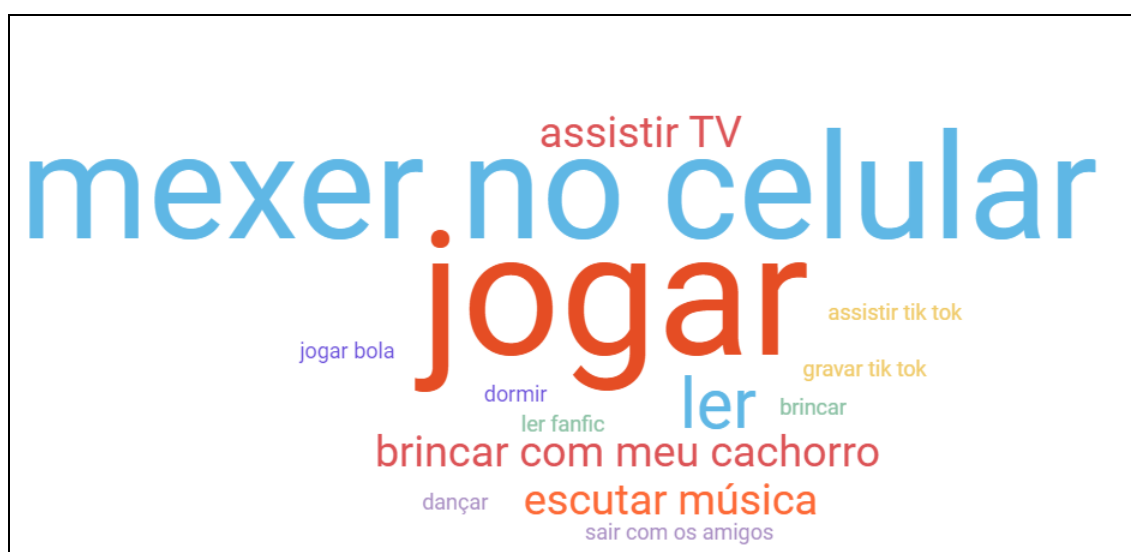
---

<sup>28</sup> Segundo o site [www.salario.com.br](http://www.salario.com.br). Acesso em 15 de abril de 2022.

**Gráfico 13** - Gráfico comparativo entre salário mínimo nominal e salário mínimo necessário.

Fonte: Dieese.

Além da ocupação dos pais ou responsáveis, pedimos que os jovens preenchessem a parte indicada com o que mais gostam de fazer nas horas livres. A nuvem de palavras abaixo indica as respostas dadas por eles.

**Figura 14** - Nuvem de palavras com as respostas do que os alunos gostam de fazer nas horas vagas.

Fonte: Elaboração Própria.



Com o advento da tecnologia, observamos que a maioria respondeu que prefere mexer no celular e jogar (nesse caso, são jogos no próprio celular ou computador). Pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) afirma que 89% da população entre 9 e 17 anos era usuária de internet no Brasil, antes da chegada da Covid-19. Importante salientar que esse uso não é uniforme, há desigualdade tecnológica, principalmente no Norte e Nordeste do país<sup>29</sup>.

Com a pandemia, a situação de uso da tecnologia se intensificou. Para a escola do bairro São Francisco, o meio encontrado para dar seguimento ao ensino dos alunos foi o *Whatsapp*. Cada série possuía seu grupo, e nele, os professores enviavam os vídeos e atividades a serem realizadas. Segundo a direção da escola a adesão, infelizmente, foi muito baixa.

Os alunos participantes também foram perguntados sobre o gosto musical. Sabemos que a música é muito importante para os adolescentes, como parte identitária deles. Segundo Moura (2007), os jovens utilizam a música como uma forma de integrar um grupo, de mostrar aos adultos e outros jovens quais são suas preferências, “qual é sua tribo”. O mesmo autor ainda afirma que um estilo musical resulta dos contextos culturais, étnicos e religiosos em que as pessoas vivem. Reunimos as respostas das preferências musicais na nuvem de palavras a seguir:

---

<sup>29</sup> Conforme pesquisa **TIC Kids Online Brasil 2019**, realizada pelo **Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação** (Cetic.br), retirada da notícia do uol: [https://cultura.uol.com.br/noticias/16022\\_tecnologia-criancas-e-adolescentes-se-tornam-cada-vez-mais-digitais.html](https://cultura.uol.com.br/noticias/16022_tecnologia-criancas-e-adolescentes-se-tornam-cada-vez-mais-digitais.html).

**Figura 15** - Nuvem de palavras com as preferências musicais dos alunos.



Fonte: Autoria própria.

Ao observar a nuvem, percebemos que a preferência se divide entre o sertanejo e o funk. Consoante ao que já informamos, Monte Azul Paulista situa-se no interior do estado de São Paulo, que fica a 51,6 km de Barretos, local da maior e principal festa do peão do país<sup>30</sup>. As cidades vizinhas a Monte Azul também possuem tradição quanto às festas do peão, como Paraíso, Sertãozinho, São José do Rio Preto e Ribeirão Preto. Em Colina, a 33,8 km de Monte Azul, há a tradicional festa do Cavalo<sup>31</sup>.

Todas essas festas possuem como ritmo musical padrão o sertanejo. Inseridos culturalmente em uma região em que prevalece esse ritmo, os alunos participantes da pesquisa têm esse estilo musical como preferido. Em Monte Azul, não há uma festa do peão tradicional, sendo que por muitos anos a cidade ficou sem a festividade. No ano de 2019, um grupo de amigos da cidade organizou um novo evento. No entanto, o festejo não teve sequência no ano seguinte; por razão da pandemia que iniciou em 2020, a festa foi cancelada.

<sup>30</sup> Barretos é conhecida como a capital do rodeio brasileiro. Sua festa serviu de modelo para que outras cidades também fizessem as suas. Acesso: <https://www.independentes.com.br/festadopeao/historiarodeio>.

<sup>31</sup> Está, no ano de 2022, em sua 43ª edição. Fonte: <https://www.colina.sp.gov.br/>.

No teste de crenças, averiguamos se esses alunos acreditam que o modo de falar da cidade possa ser considerado caipira (Gráfico 21). A grande maioria considerou essa assertiva como falsa, contrariando nossa hipótese, de que se um dos estilos musicais preferido é o sertanejo, haveria então, uma identificação com o modo de vida e o falar caipira<sup>32</sup>. Muitas das músicas desse estilo abordam o orgulho de serem caipiras, da vida simples, de morar no interior. Podemos citar como exemplo a música Sertanejo de Coração, cantada por Daniel:

Eu nasci aqui  
Aqui vou morrer  
Eu sou sertanejo e tenho orgulho em dizer  
Tudo aqui é muito simples  
Diferente da cidade  
Mas nossa alimentação  
É da melhor qualidade (LUCAS E LUAN)

Outra canção que exalta o orgulho em ser sertanejo se chama Caipira, na voz de Chitãozinho e Xororó:

Sou, sou desse jeito e não mudo  
Aqui eu tenho de tudo  
E a vida não é mentira  
Sou, sou livre feito um regato  
Eu sou um bicho do mato  
Me orgulho de ser caipira

O outro ritmo musical igualmente citado foi o funk, que nasceu na periferia, sendo um meio de seus moradores expressarem sua realidade. Famoso por promover ostentação, indica um desejo de possuir coisas que estão fora de sua realidade socioeconômica. Na linguagem utilizada nesse ritmo, percebemos a forte presença da informalidade, com expressões típicas da comunidade onde a letra surgiu.

Segundo Dayrell (2002), sobre a questão de o funk ser, costumeiramente, associado aos jovens de menor poder aquisitivo:

Ao contrário da imagem socialmente criada a respeito dos jovens pobres, quase sempre associada à violência e à marginalidade, eles também se posicionam como produtores culturais. Entre eles, a música é o produto cultural mais consumido e em torno dela criam seus grupos musicais de estilos diversos, dentre eles o *rap* e o *funk*. Nesses grupos estabelecem

---

<sup>32</sup> Abordaremos mais sobre os participantes do teste não considerarem o modo de falar da cidade como caipira mais adiante, na subseção da análise do teste de crenças.

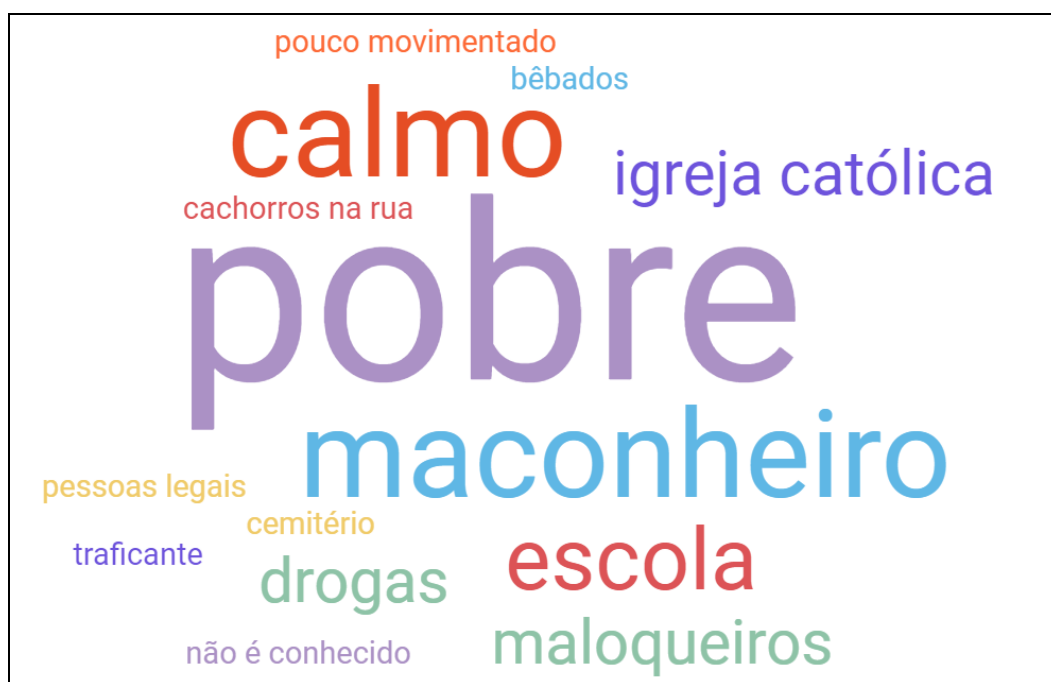
trocas, experimentam, divertem-se, produzem, sonham, enfim, vivem determinado modo de ser jovem. (DAYRELL, 2002, p. 119).

Sendo assim, o funk possibilita o sonho dos consumidores desse estilo, de possuir bens materiais, de ter um bom carro, roupas de marcas famosas, joias, e assim, se destacarem frente a um par amoroso. No bairro São Francisco, que possui menor poder aquisitivo, esse estilo musical parece fazer sucesso por promover esse exibicionismo de bens materiais.

Conseqüentemente, o funk possui apelo midiático, adentrando as redes sociais queridinhas dos jovens como *Instagram* e *Tik Tok*, com seus vídeos curtos e esse ritmo como tema de danças coreografadas. As letras, que exprimem o desejo de possuir bens materiais, sucesso, frequentar festas, conquistaram os jovens. Se antes esse estilo era restrito à periferia de grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, hoje espalhou-se por todo o país e, podemos também afirmar, por outras classes sociais.

Por fim, os alunos responderam à pergunta: “Como você acha que seu bairro é reconhecido na cidade? Quando as pessoas pensam no São Francisco e nas pessoas que moram aqui, que ideia as pessoas têm?”. Analisemos a nuvem de palavras com as respostas:

**Figura 16** - Nuvem de palavras de que como os alunos acham que as pessoas veem o bairro onde eles moram.



Fonte: Elaboração Própria.

Como percebemos, a maioria dos alunos relaciona ao seu bairro o adjetivo *pobre*. Isso acontece, muito provavelmente, por relação com seu *status* socioeconômico, a infraestrutura das casas em comparação a outros locais da cidade. Outro adjetivo recorrente foi *maconheiro*. Outras palavras a esse relacionados são *maloqueiros*, *drogas e traficante*. O adjetivo *calmo* também foi mencionado bastante, o que se contrapõe ao pensamento de que o bairro seja associado ao tráfico de drogas. O *calmo*, por sua vez, poderia se associar a *pouco movimentado* e, talvez, a *cachorros na rua*, como um ambiente tranquilo, onde os animais ficam soltos.

Com a ajuda da guarda municipal da cidade, tivemos acesso à estatística<sup>33</sup> das principais ocorrências no bairro São Francisco nos anos de 2020, 2021 e 2022<sup>34</sup>. Fazendo uma filtragem das ocorrências, selecionamos apenas aquelas relacionadas ao que os alunos responderam no teste: *Tráfico de Drogas/ Associação para o Tráfico de Drogas e Porte de Entorpecente*. Observemos a tabela abaixo:

**Tabela 6** - Ocorrências relacionadas ao Tráfico e Porte de drogas no bairro São Francisco.

Natureza	2020	2021	Até julho de 2022
Tráfico de drogas/ Associação para o Tráfico de drogas	4	4	0
Porte de Entorpecente	5	14	1

Fonte: Adaptado de documento da Guarda Municipal

Percebemos, ao olhar a tabela, que os números de ocorrências do bairro, principalmente no ano de 2020 e janeiro a julho de 2022 não parecem alarmantes, como algo suficiente para caracterizar o bairro como “de traficante”, “de maconheiro”. No ano de 2021, foram 14 ocorrências de Porte de Entorpecentes, número discrepante dos outros anos, mas se considerarmos que essas ocorrências foram durante o período de 1 ano, não nos parece algo que justifique o bairro ficar conhecido por isso. Além do mais, segundo a Guarda Municipal da cidade, há outro bairro que possui mais ocorrências que o São Francisco.

Dito isso, sabemos que seriam necessárias outras perguntas para investigarmos o porquê desses alunos usarem esses adjetivos, para demonstrar o que as pessoas pensam de seu bairro. No entanto, compreendemos que essas respostas já nos ajudam a conhecer melhor nossos participantes da pesquisa e o que eles pensam sobre o bairro onde residem.

<sup>33</sup> Cópia no anexo.

<sup>34</sup> No ano de 2022, as ocorrências foram até o dia 16 de maio.

Os alunos também mencionaram a escola do bairro, onde estudam, como referência para moradores de outros pontos da cidade. Já mencionamos que, de fato, essa referência existe, justamente por ser uma escola com sistema apostilado, pelo transporte fornecido pela prefeitura e salas com até 25 alunos, em comparação a escolas do estado, cujo número pode chegar a 40 alunos.

A igreja católica também foi bastante citada, mas por alunos que praticam essa religião<sup>35</sup>, reforçando que esse local é um ponto importante para suas práticas sociais. Segundo Bernardo e Castilho (2016), a religião é influenciada pela cultura, mas também influencia a cultura daqueles que vivem em seu entorno. Ainda segundo os autores, quem pratica uma religião sente necessidade de conviver em um espaço sagrado, por isso constrói lugares, que revestem de sentimento religioso. Sendo assim, a igreja se torna um espaço de referência para esses moradores.

A seguir, para encerrar a parte 1 do teste, os alunos foram convidados a escrever um pequeno texto, em que contariam um acontecimento engraçado ou diferente que vivenciaram com os colegas de escola. Nossa intenção era fazer emergir, em situação de escrita, qualquer um dos usos de *nós + 1PP*, *a gente + 3PS*, *nós + 3PS* e *a gente + 1PP*. Isso posto, era nosso interesse analisar a força do poder normativo da escola, se os anos de aprendizagem influenciariam em sua escrita e assim, as formas usadas corresponderiam às prescritas pela gramática normativa.

Vale destacar que nem todos os alunos escreveram o texto. Do total de 25 participantes, 21 escreveram o pequeno parágrafo solicitado. Dos 21 textos escritos, 7 não utilizaram nenhuma das nossas formas em estudo. Dos 14 textos escritos em que emergiram as formas analisadas, 7 usaram o *nós* e 7 optaram pelo *a gente*. Aventávamos, que, por ser um texto escrito, os alunos usariam mais a forma *nós + 1PP*, devido à pressão normativa. Na tabela 7, vamos apresentar a frequência da ocorrência de *nós + 1PP*, *nós + 3PS*, *a gente + 3PS* e *a gente + 1PP*.

**Tabela 7** - Total de ocorrências das formas *nós* e *a gente* e a concordância verbal.

	<b>nós</b>	<b>a gente</b>
<b>1PP</b>	7	2
<b>3PS</b>	0	5
<b>Total</b>	7	7

Fonte: Elaboração Própria.

<sup>35</sup> Dos 25 alunos participantes da pesquisa, 10 são frequentadores da igreja católica situada no bairro.

Ao observar a tabela, percebemos que os usos do pronome *nós* estão, de fato, junto do verbo na *IPP*, o que pode indicar a força dos anos escolares, da pressão da escola ao uso que os alunos fazem da língua. O texto escrito é comumente associado às esferas mais formais, sendo assim, os alunos monitoram mais sua escrita e usam mais as formas prescritas pela gramática.

O uso da forma *a gente*+ *3PS* se igualou à do pronome *nós*+ *IPP*, assinalando aqui, de forma bem simplória, que esse uso não seja estigmatizado na escrita. No entanto, o ponto de destaque ficou para as duas ocorrências de *a gente* + *IPP*, dado que essa forma não foi produzida durante as entrevistas sociolinguísticas. Reproduzimos abaixo as duas sentenças extraídas dos textos dos alunos:

(10)“A gente já participamos em duas interclasse”. O.M.1

(11)“A gente começamos a tacar água uma na outra”.D.F.1

Uma das explicações possíveis para que pode ter ocorrido seria o fenômeno de hipercorreção. Na tentativa de alcançar a norma-padrão, os alunos produzem formas que não constam nos compêndios gramaticais. Mais uma vez, lembramos que, por ser uma parte do teste em que deveriam escrever um parágrafo, eles desejassem alcançar a norma estudada nos livros, evidenciando essa formalidade exigida no texto escrito. Menon (1997) declara que o uso *a gente vamos* ocorre por hipercorreção, como forma de mostrar erudição. Aqui, entendemos por hipercorreção a definição de Bagno (2012), como fruto de um imaginário de uma língua ideal:

um fenômeno linguístico que se observa quando um(a) falante ou uma comunidade de falantes, ao tentar se aproximar de um padrão ideal imaginário de língua ‘boa’, acaba acertando demais e se desviando tanto da gramática intuitiva da língua quanto da gramática normativa. Por isso, é uma hiper- (do grego hyper, correspondente ao latim super-, isto é, "sobre; acima de; demais; para além de; excessivo" etc.) -correção, uma correção excessiva, exagerada, que acaba resvalando a contragosto, no "erro". (BAGNO, 2012).

Por outro lado, outra explicação possível seria o fato de o *a gente* substituir uma forma que representa a primeira pessoa do plural (representando aquele que fala mais outros). Em Portugal, esse emprego é bastante expressivo, constituindo-se, inclusive, em fenômeno variável (e não semicategórico). Nesse caso, seria falta de prescrição normativa

(as gramáticas quase sempre não apontam prescrição do *a gente* com 3PS), ou seja, vale o que é mais comum entre os falantes de modo geral.

Ambas as sentenças expostas acima são estigmatizadas em nossa sociedade, aqueles que as produzem são apontados como alguém que não sabe falar o português. Isso vale para o contexto brasileiro. No português europeu a construção *a gente + IPP* é bem mais comum e aceita (RUBIO, 2012). Reforçamos aqui que a escola deveria ser o local onde seus alunos perceberiam que essas formas podem existir em determinados contextos, legitimando essa variante (*a gente + IPP*) como pertencente ao PB. Na terceira parte do teste, há uma pergunta a respeito do que os alunos pensariam a respeito de uma pessoa que pronunciasse tal forma. Analisaremos essas respostas adiante.

No exemplo (1), verificamos que o aluno também produz “duas interclasse”. A concordância nominal (CN), conforme muitos estudos já confirmaram (SCHERRE, 1988; LOPES, 2001; COSTA, 2006; OLIVEIRA; SOUZA; COELHO, 2009), também é variável. No entanto, como acontece com o fenômeno da CV, a forma variante da CN (“duas interclasse”) é associada a falantes com menor grau de instrução, o falante que utiliza essa variedade, constantemente, é julgado como alguém inculto.

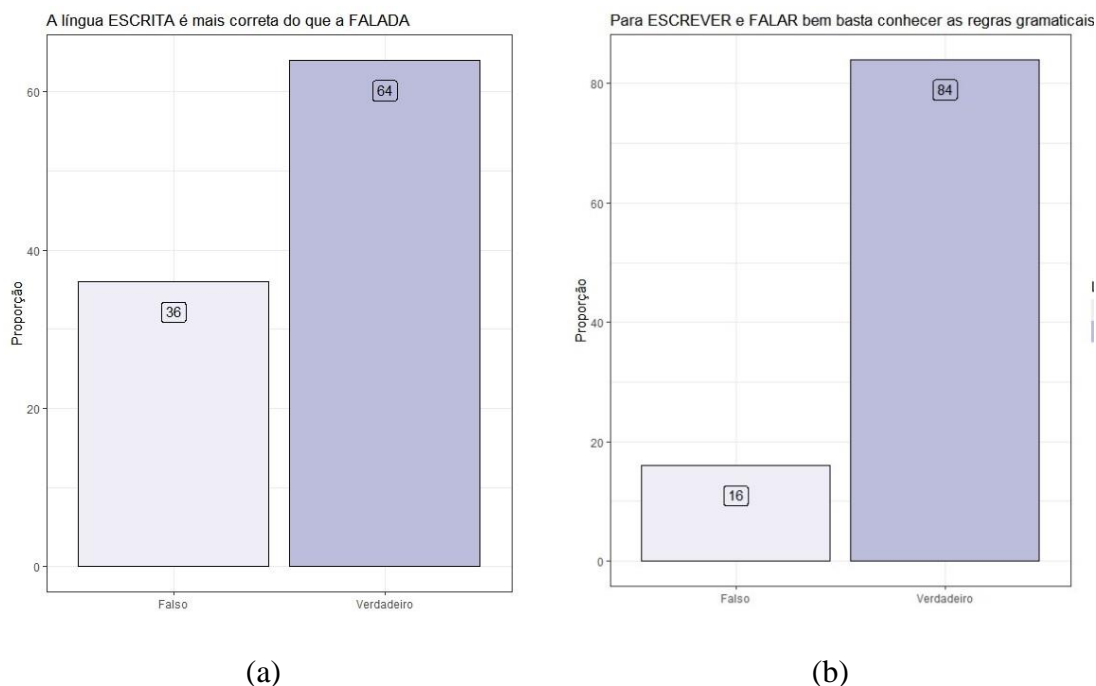
#### 8.1.2 Análise das crenças dos alunos do bairro São Francisco

Na segunda parte do teste, os alunos preencheram a tabela de afirmações, com verdadeiro (V) ou falso (F), conforme suas crenças acerca de seu próprio modo de falar, do seu bairro e da cidade. Além dessas afirmações, há declarações a respeito da fala e da escrita. Tentamos averiguar se os alunos acreditam que falam e escrevem bem e se possuem alguma noção de variação linguística. Comentaremos cada afirmação a partir dos resultados expostos em gráficos de barras com as repostas dos estudantes.

As primeiras afirmações que os alunos tinham que julgar como verdadeiras ou falsas eram **A língua escrita é mais correta do que a falada; Para escrever bem, basta conhecer as regras gramaticais.** A seguir, observemos os gráficos com as respostas dos alunos.



**Gráfico 14** - Respostas dos alunos ao teste de crenças: (a) a língua escrita é mais correta do que a falada e (b) para escrever e falar bem basta conhecer as regras gramaticais.



Fonte: Elaboração Própria

Em relação a essas primeiras afirmações, observamos que 64% dos alunos participantes acreditam que a primeira afirmação seja verdadeira, enquanto 36% a considera falsa. Diante da segunda afirmação, 84% acham ser verdadeira e apenas 16%, falsa.

Defendemos aqui que falar ou escrever bem não é sinônimo de saber explicitamente as regras gramaticais, prescritas pela tradição gramatical, mas usar a língua para produzir sentidos em diversas situações.

Durante muito tempo, fala e escrita foram tratadas sob uma visão dicotômica. Segundo Marcuschi (2010) essa é a visão de linguistas como Bernstein (1971), Halliday (1985), entre outros. Ainda de acordo com o linguista gaúcho, essa visão que trata fala e escrita como modalidades opostas, ofereceu um modelo extremamente difundido nos manuais escolares e contribuiu para o surgimento da maioria das gramáticas pedagógicas em uso até os dias de hoje. Essa visão bipartida entre fala e escrita pensa a língua apenas como um sistema de regras, o que leva a um ensino de regras gramaticais. Atentemos para a tabela abaixo, retirado de Marcuschi (2010), que ilustra essa dicotomia estrita entre fala e escrita.

**Tabela 8** - Diferença entre fala e escrita de um ponto de vista dicotômico.

<b>Fala</b>	<b>Escrita</b>
Contextualizada	Descontextualizada
Dependente	Autônoma
Implícita	Explícita
Redundante	Condensada
Não- planejada	Planejada
Imprecisa	Precisa
Não- normatizada	Normatizada
Fragmentária	Completa

**Fonte:** adaptado de Marcuschi (2000, p. 27).

Ao constatar o quadro acima, percebemos a língua falada relacionada a uma menor complexidade, enquanto a escrita é de maior complexidade, lugar de norma e bom uso da língua. Quando essa perspectiva é adotada, o aluno tende a relacionar escrita à formalidade e fala com informalidade, o que é extremamente incorreto.

É importante salientar que, em termos linguísticos, essa visão dicotômica já foi superada. Schnewly (2005 apud ROJO, 2006) afirma que a relação entre gêneros orais e escritos é de continuidade e efeito mútuo, ou seja, os gêneros orais podem sustentar os gêneros escritos e vice-versa:

Eles estão em mútua interdependência, cada gênero oral que entra na escola, em geral, pressupõe a escrita, assim como cada gênero escrito trabalhado na escola pressupõe o oral. Então, de uma certa maneira, esta é uma distinção relativamente artificial, pois há um entrelaçamento contínuo. Além disso, cada gênero oral é sempre também sustentado por um outro gênero oral, isto é, há sempre um gênero oral e um gênero oral sobre o gênero oral, um discurso sobre. Cada gênero é sempre também objeto de outros gêneros de alguma maneira. E então há sempre o falar para escrever, o escrever para falar, o escrever para escrever e o falar para falar, o que mostra que sempre um gênero é dependente de outros gêneros, o que é um fenômeno evidente de intertextualidade, mas que está sempre na base de nosso trabalho. (SCHNEWLY, 2005 apud ROJO, 2006).

Acreditar que o ensino de língua portuguesa consiste em levar a saber as regras parece consenso entre os alunos, como podemos verificar no gráfico 14. Para eles, a língua escrita parece ser superior e saber regras gramaticais significa saber usar a língua com excelência. Segundo Bagno (2015), acreditar que para falar e escrever bem é

necessário saber regras gramaticais é um mito muito difundido entre os próprios professores, compêndios gramaticais e a mídia.

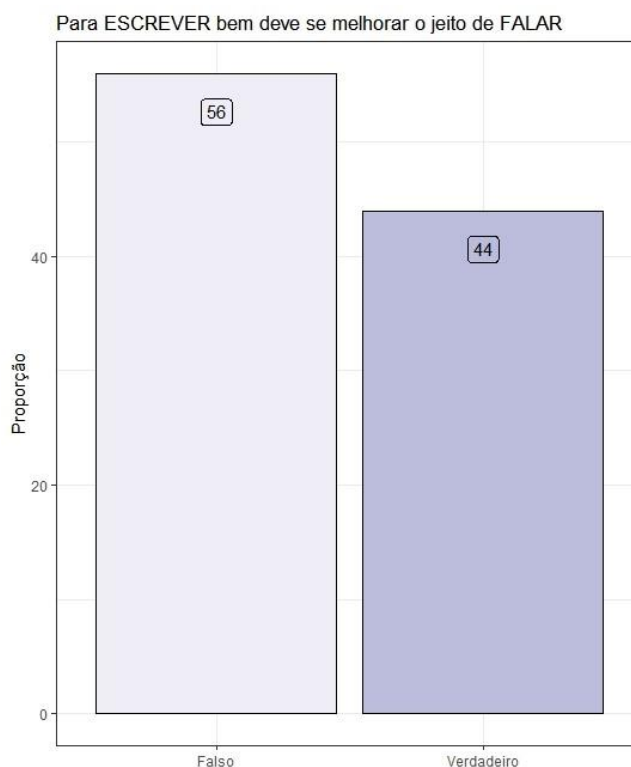
Bagno (2015) explica que houve uma inversão da realidade histórica, pois as gramáticas foram escritas “para descrever e fixar como “regras” e “padrões” as manifestações linguísticas usadas espontaneamente pelos escritores considerados dignos de admiração, modelos a ser imitados” (BAGNO, 2015, p. 94). Sendo assim, a gramática é consequência da língua, dependente dela. Porém, o que ocorre é o inverso. Ela passou a ser instrumento de controle, poder.

Saber as regras gramaticais implica estar dentro de um modelo cultural a ser seguido, desejado. No entanto, saber essas regras pode, em alguma medida significar que o aluno aprendeu algo sobre a língua, mas não indica que ele realmente saiba usar a língua nas mais variadas situações.

À escola, compete ensinar a língua em seu funcionamento, como meio de interação, todas as modalidades como legítimos usos da língua, nenhuma forma mais correta que outra, como afirma Neves (2003):

[...] a linguagem em funcionamento, o que implica, em última análise, saber avaliar as relações entre as atividades de falar, de ler e de escrever, todas elas práticas discursivas, todas elas, usos da língua, nenhuma delas secundária em relação a qualquer outra, e cada uma delas particularmente em cada espaço em que seja posta como objeto de reflexão. (NEVES, 2003, p.89).

O gráfico a seguir indica os resultados para a afirmação **Para ESCREVER bem deve-se melhorar o jeito de FALAR:**

**Gráfico 15** - Resultados do teste de crenças com respostas dos alunos.

Fonte: Elaboração Própria

O gráfico mostra que 56% dos alunos acreditam que seja uma afirmação falsa e 44% que seja verdadeira. A nossa motivação ao colocar essa asserção no teste foi, justamente, pelo fato de ela ser contaminada de preconceito linguístico. Subjugar a fala à escrita é uma das práticas mais corriqueiras da mídia e, também, de muitos professores. Se, de fato, ocorresse o proposto pela afirmativa, o jeito de falar ganharia ares artificiais, teria que exigir treinamento, memorização e exercício, como assegura Bagno (2015). Ainda segundo o pesquisador, a escrita “é uma representação não exaustiva da língua falada (...) tem muita coisa que a gente diz e não escreve, e muita coisa que a gente escreve e não diz.” (BAGNO, 2015, p. 82).

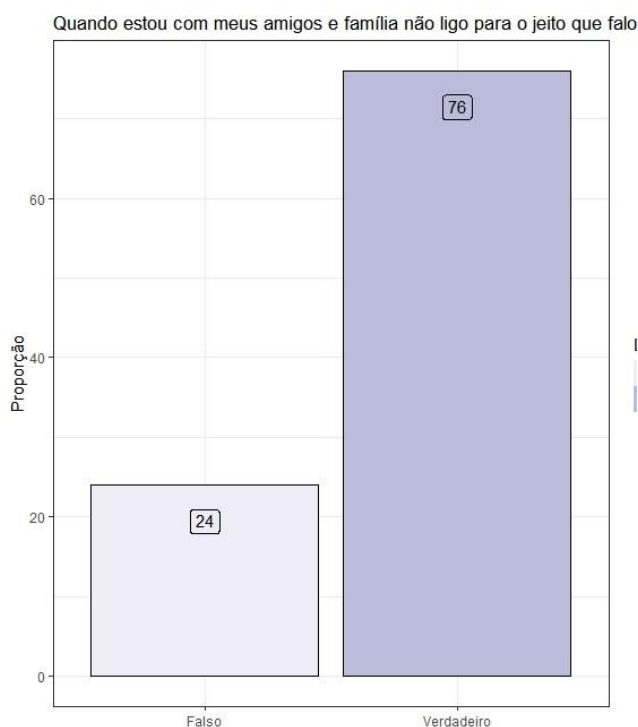
Diante do resultado de nossa pesquisa (Gráfico 15), observamos que os participantes parecem divididos quanto a essa afirmativa. Talvez os alunos que a considerem falsa não associem a escrita à fala, pois as consideram opostas, sob a visão dicotômica, conforme mencionamos acima. Para eles, a modalidade escrita está presente nas situações formais e a fala, nas informais. Aqui cabe a discussão da importância do ensino de gêneros orais na escola. Marcuschi (1998) afirma:

[...] como deve ser tratada a oralidade no ensino de língua. Uma atividade importante é sensibilizar o aluno para a sua própria fala a fim de fazer ver que ele já sabe muito de sua língua e deve aproveitar ao máximo esse conhecimento quando se expressar na escrita. (MARCUSCHI, 1998, p.144).

Esses alunos chegam à escola falando muito bem sua língua, materna, sabendo se comunicar com excelência. Supervalorizar a modalidade escrita e manter o desprezo pela modalidade falada prejudica o reconhecimento de uma verdadeira realidade linguística em nosso país. O ensino teria que ser pautado no letramento dos alunos, ler e escrever eficientemente, permitindo que esse aluno transite por qualquer situação comunicativa, e não decorar nomenclaturas da gramática normativa. A desvalorização da modalidade falada, achar que tem que melhorá-la implica na manutenção do preconceito linguístico, esse por sua vez evidencia o abismo social presente na sociedade.

No gráfico abaixo, temos os resultados diante da afirmação **Quando estou com meus amigos e família, não ligo para o jeito que falo:**

**Gráfico 16** - Resultados do teste de crenças com respostas dos alunos.



Fonte: Autoria própria.

Obtivemos 76% que a consideram verdadeira e 24% que a consideram falsa. Aqui nosso interesse era identificar se os alunos percebem sua fala mais descontraída em

momentos informais, de lazer, entre pessoas com quem possuem familiaridade, intimidade, de menor *monitoração estilística*. Sabemos que os papéis sociais desempenhados por cada um são construídos no processo de interação (BORTONI-RICARDO, 2004). As características linguísticas marcam cada papel, no caso dessa afirmativa, de amigo e membro de uma família.

A maioria dos alunos aqui, percebe que, quando estão em um momento de descontração ou junto de seus familiares, não há monitoração, ou seja, não há necessidade de muita atenção e planejamento com relação à forma da língua. Não importa em como comunicar, mas sim em comunicar, apenas. Nesse caso, podemos citar o contínuo de *monitoração estilística*, proposto por Bortoni-Ricardo (2004). Nele, a linguista propõe situar desde interações espontâneas até aquelas que precisam de planejamento e muita atenção do falante. A linha do contínuo ficaria assim:

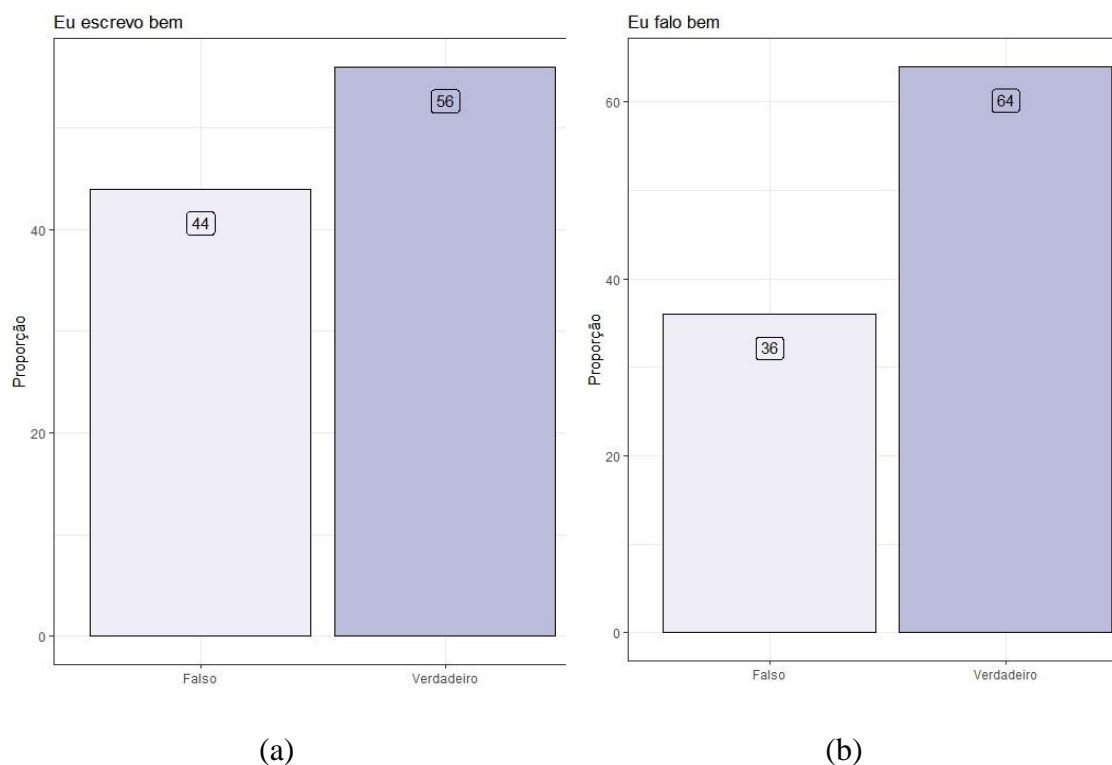
- monitoração ..... + monitoração

Fonte: Adaptado de Bortoni- Ricardo (2004)

Ao observar o contínuo e com base no gráfico com as respostas dos alunos, a situação conversa com amigos e familiares encontra-se próxima do pólo de – *monitoração*, pois, na maioria das vezes, essa interação não implica a tentativa de impressionar alguém ou algo que predetermine uma preparação.

Os próximos gráficos exploram afirmações sobre a autoestima linguística dos alunos e o jeito de falar do bairro São Francisco. Observemos os resultados:

**Gráfico 17** - Resultados da autoestima linguística dos alunos: (a) eu escrevo bem e (b) eu falo bem.



Fonte: Elaboração Própria

As afirmativas **Eu escrevo bem** e **Eu falo bem** averiguam a autoestima linguística dos alunos participantes do teste. Mosquera e Strobäus (2006, p.85) afirmam que

A autoestima é o conjunto de atitudes que cada pessoa tem sobre si mesma, uma percepção avaliativa sobre si próprio, uma maneira de ser, segundo a qual a própria pessoa tem ideias sobre si mesmo, que podem ser positivas ou negativas. (MOSQUERA E STROBÄUS, 2006, p.85).

Ainda segundo os autores, a autoestima não é estática, ela pode apresentar altos e baixos, estando imbricada com os acontecimentos sociais, emocionais. Vale ressaltar que ela surge no processo de interação em grupo, levando as pessoas a se entenderem e entender os outros que estão a sua volta.

Sendo assim, a escola é um espaço importante para a formação da autoestima do indivíduo, visto que é lá que os alunos passam a maior parte do tempo, convivendo com

peessoas diferentes de si, estando expostos a variadas situações de interação e relações de poder (aluno x professor; aluno x funcionários; aluno x direção/ coordenação).

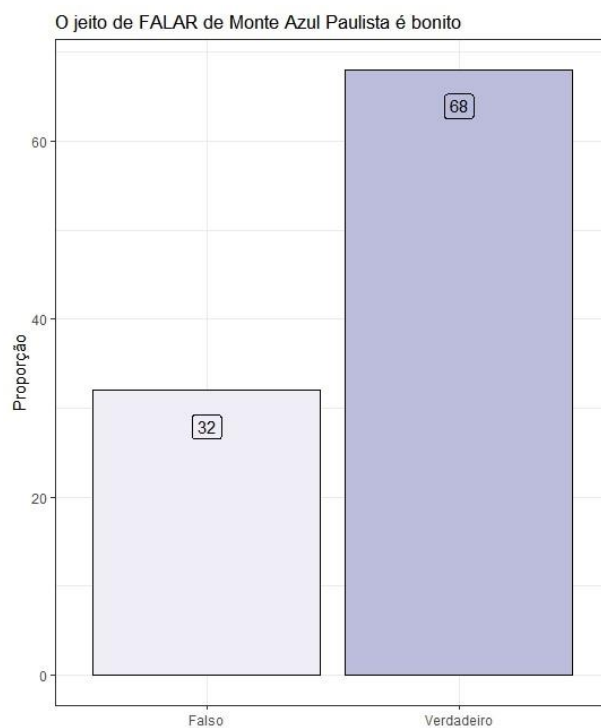
As aulas de língua portuguesa têm também papel fundamental para a autoestima linguística desses estudantes. Sabemos que, em nosso país, o preconceito linguístico ainda existe, diante de tanta desinformação a respeito de nossa língua, tanto culto ao que a gramática normativa prega. Como já citamos acima, muitos alunos falantes de variedades populares, advindos de camadas mais baixas da sociedade, chegam na escola com crenças negativas, de que falam “errado”, sentem que não sabem o português, sua língua materna, muito embora se comuniquem uns com outros com excelência.

Dessa forma, a autoestima linguística desses alunos fica comprometida. Uma autoestima positiva apresenta traços de segurança, confiança em si mesmo, além de deixar os indivíduos livres de tensões e com vontade de ir além do que já conquistaram. No processo de ensino-aprendizagem, uma crença positiva leva à autoestima positiva, tanto do professor, quanto do aluno, possibilita maior motivação em sala de aula, permite maior confiança nas potencialidades e propicia o desenvolvimento pleno e feliz de ambos.

Em nosso teste, 56% dos alunos afirmaram que sim, escrevem bem e 64% consideram que falam bem. Compreendemos que esses alunos, no momento, estão com a autoestima linguística positiva. Considerando que são alunos do 9º ano, eles estão sob a pressão escolar, consideram que já são usuários da variedade prestigiada e assim, aptos à ascensão social. Por outro lado, os 44% dos alunos que acham que não escrevem bem e os 36% que não creem falar bem, possuem baixa autoestima e podem se sentir incapazes e ineficientes nos estudos de língua portuguesa, contribuindo, dessa maneira, para ampliar o distanciamento entre a variedade usada por esse aluno ao chegar na escola e a variedade ensinada pela escola.

O gráfico abaixo também diz respeito à autoestima linguística desses alunos:



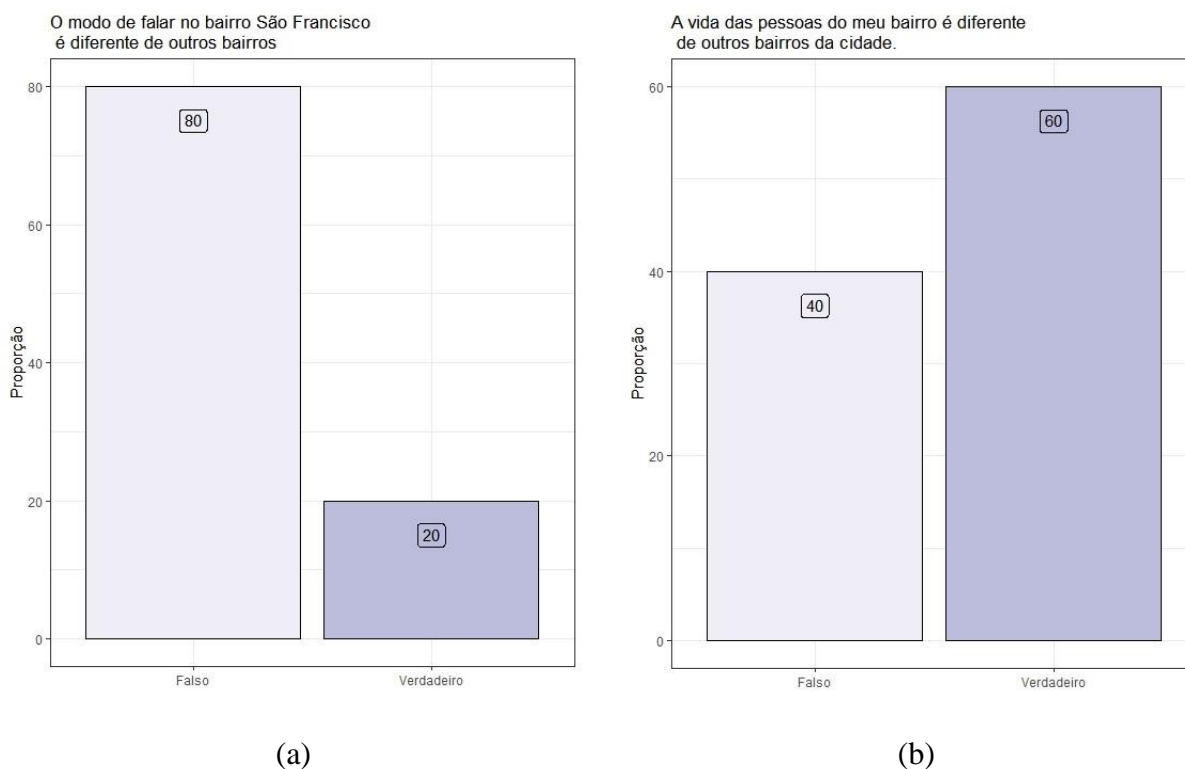
**Gráfico 18 - O jeito de falar de Monte Azul Paulista é bonito.**

**Fonte:** Elaboração Própria

A respeito dessa afirmativa, se o jeito de falar de Monte Azul é bonito, nossa intenção era sondar se eles gostam do modo de falar de sua cidade, se há uma apreciação positiva quanto a isso. A maioria dos alunos a considerou positiva. Mais uma vez, aventamos se tratar de uma crença positiva, que leva a uma autoestima linguística positiva.

Os gráficos referentes às afirmações **O modo de falar no bairro São Francisco é diferente de outros bairros** e **A vida das pessoas do meu bairro é diferente de outros bairros**, podem ser relacionados e são apresentados a seguir:

**Gráfico 19** – (a) O modo de falar no bairro São Francisco é diferente de outros bairros e (b) a vida das pessoas do meu bairro é diferente de outros bairros.



**Fonte:** Elaboração Própria

Observamos que 80% dos alunos acreditam que o modo de falar do São Francisco não é diferente de outros bairros. A partir desse resultado, podemos supor que a fala do bairro não é uma marca identitária<sup>36</sup> para esses moradores, pois não há algo que a diferencie dos outros modos de falar de outros bairros da cidade. Podemos levantar aqui também, a hipótese de que talvez esses alunos compreendam o modo de falar como algo unitário, homogêneo, livre de variações. À vista disso, esse resultado pode estar refletindo a deficiência do ensino de variação linguística na escola. Como Camacho (2001, p.50) expõe, “a relação entre língua e sociedade é encarada como indispensável, não mero recurso interdisciplinar”. Isso posto, ensinar a variação na escola não deve ser algo estanque, para apenas cumprir o currículo ou finalizar uma unidade do livro didático.

No entanto, quando perguntados sobre o modo de vida do bairro deles ser diferente da de outros bairros, 60% acreditam ser verdadeira e 40% creem ser falsa. Aqui, diferentemente do modo de falar, que não é saliente, o modo de vida parece ser algo

<sup>36</sup> Identidade aqui na concepção de Kiesling (2013, p.450 apud Oushiro, 2014), como “um estado ou processo de relação entre o “eu” e o “outro”. Seria o que os indivíduos definem de si mesmos com relação a outros seres ou grupos. Algo que os diferencia do outro.

perceptível para a maioria. Isso se deve, provavelmente, pelo *status* de vida, as casas, carros, roupas que os moradores de outros bairros possuem.

Dito isso, pedimos aos alunos que citassem um bairro diferente do seu. Verifiquemos as respostas através da nuvem de palavras abaixo.

**Figura 17** - Nuvem de palavras com as respostas dos alunos.

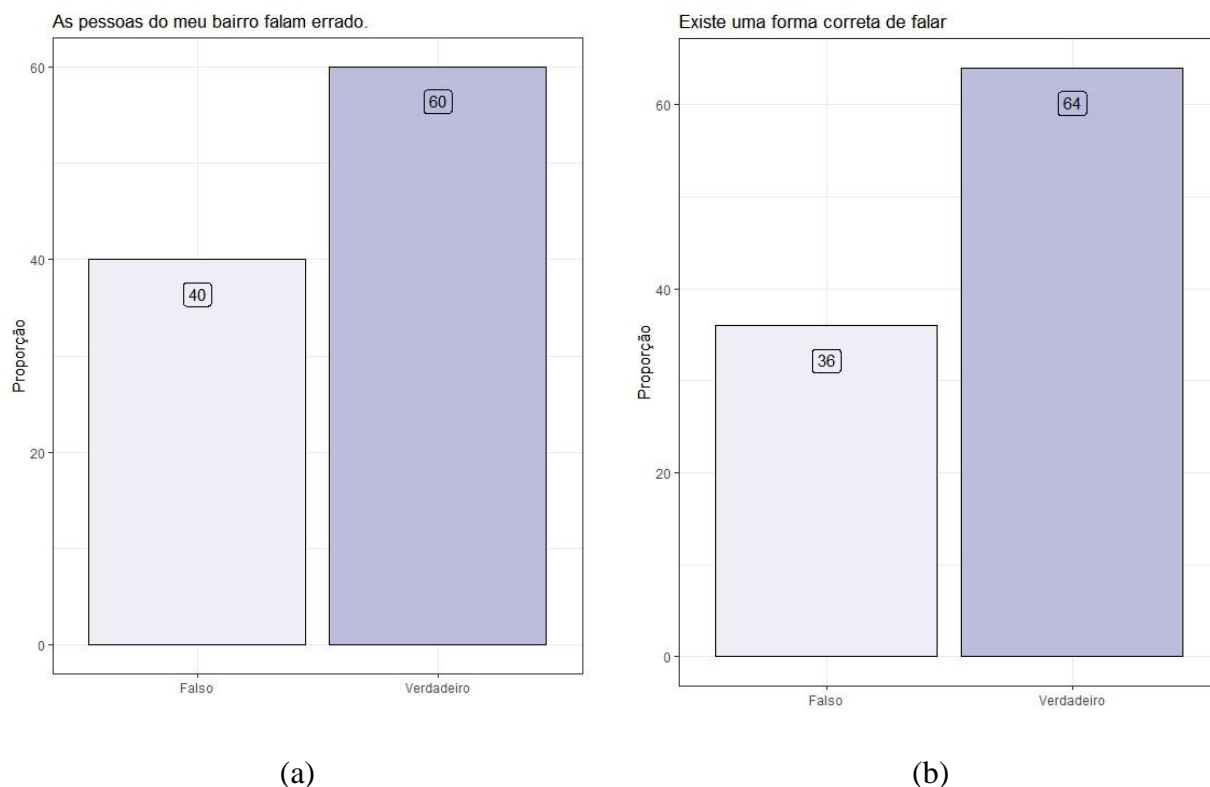


**Fonte:** Elaboração Própria

Podemos observar que o bairro “diferente” mais citado pelos alunos foi o Itamaraty, esse que possui o maior valor de terreno da cidade, segundo a prefeitura. A estrutura do bairro Itamaraty em comparação com o São Francisco é realmente díspar. Para construir uma casa naquele bairro, há que se seguir um padrão, também estipulado pela prefeitura. O resultado visto são casas grandes e vistosas, com grandes jardins, guardas particulares na rua, câmeras de segurança. Algo que não se verifica em outros locais.

Os resultados expostos nos gráficos relativos às afirmações **As pessoas do meu bairro falam errado** e **Existe uma forma correta de falar** podem ser correlacionados e são apresentados abaixo:

**Gráfico 20** – (a) As pessoas do meu bairro falam errado e (b) Existe uma forma correta de falar.



**Fonte:** Elaboração Própria

Os gráficos revelam que há uma convergência dos resultados: a maioria (64%) afirma que existe um modo correto de falar e a maioria (60%) acredita que o falar de sua comunidade é errado; ou seja, ou seja, não é essa maneira correta (e logo, prestigiada) de falar que está presente na sua comunidade. Isso contrasta com as respostas anteriores sobre o próprio falar e escrever dos alunos que responderam, pois a maioria considerou falar e escrever bem. Além do mais, esses resultados evidenciam a educação tradicionalista, em que o ensino de língua portuguesa é baseado no certo e errado como valores absolutos.

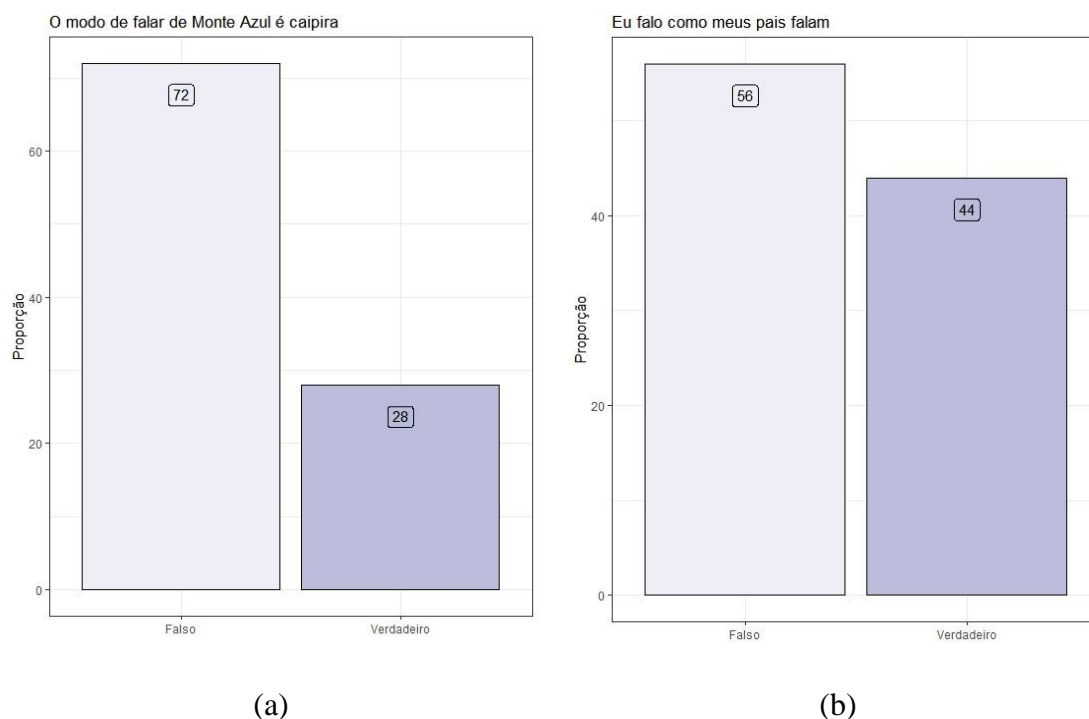
Faraco (2015) afirma que, em comparação ao português de Portugal, criaram-se mitos de que o português brasileiro é cheio de erros, de que os brasileiros falam e escrevem mal a língua. Esse pensamento se arraigou nas escolas, e é sustentado pela maioria dos professores de nossa língua materna. Os alunos creem que existe um jeito certo de falar, ensinado nas aulas de português e qualquer variação é um erro categórico.

Mais uma vez, reforçamos a importância do ensino da variação linguística, aliado a um ensino reflexivo, não apenas prescritivo e descritivo da gramática. Faraco (2015) expõe que o uso da gramática deve ser feito de maneira a desenvolver a competência

comunicativa do estudante, formando-o para que seja leitor, produtor, crítico e autônomo. O ensino da variação linguística, como mencionado acima, ainda é muito superficial.

O gráfico 21 abaixo exploram os resultados das assertivas **O modo de falar do monteazulense é caipira** e **Eu falo como meus pais falam**

**Gráfico 21** – (a) O modo de falar do monteazulense é caipira e (b) Eu falo como meus pais falam.



Fonte: Elaboração Própria

Diante da afirmação **O modo de falar do monteazulense é caipira**, 72% a consideram falsa. Apesar de Monte Azul situar-se no interior do estado de São Paulo, a maioria dos alunos participantes não relaciona seu falar à identidade caipira.

Segundo Picinato (2018), há uma desvalorização da identidade caipira. Nas primeiras décadas do século XX, no momento da industrialização das capitais e da tendência a seguir os padrões europeus, o modo de vida do interior passou a ser estigmatizado. Foi com Monteiro Lobato que esse desprestígio alcançou seu auge, com a criação de Jeca Tatu, relegando ao caipira a imagem de atraso social (CARVALHO, 2019). Essa visão se mantém ainda hoje:

a imagem do “caipira” como símbolo do atraso social ainda é muito difundida, principalmente, pela mídia televisiva. Como consequência

disso, a identidade “caipira” é, até hoje, construída a partir de elementos como: ruralidade, simplicidade e falta de estudo (CARVALHO, p. 6, 2019).

A maioria dos alunos, ao assinalar que não identificam o modo de falar de sua cidade como caipira, sinalizam o desejo de se distanciarem da figura veiculada pela mídia, que fala “errado”, como um ensino tradicionalista evidenciaria. Ao afirmar que não falam como “caipiras”, isso os aproximaria do modo de falar urbanizado, prestigiado, do qual gostariam de fazer parte.

Em relação à assertiva **Eu falo como os meus pais falam**, observamos que os alunos estão, de certa forma, divididos. 56% assinalaram falso, o que indica que não sentem uma correspondência entre sua fala e a fala dos pais. Uma das hipóteses para isso, seria a pressão escolar. Esses estudantes estão se encaminhando para o fim do ciclo no Fundamental II- Anos Finais, provavelmente alcançando anos de escolarização que os pais não têm. Dessa forma, eles não consideram que seu jeito de falar possa ser comparado ao de seus progenitores. Um outro aspecto que pode ser considerado é que os participantes da pesquisa são adolescentes. Nessa fase da vida os padrões de uso linguístico que são referência para o jovem são aqueles do grupo de pares, de seus iguais. Esse modelo pode suplantar o modelo que adquiriram na família.

Contudo, 44% acreditam que sim, falam como os pais. Aventando uma hipótese para essa questão, podemos pensar que alguns alunos não sentem que sua variedade em uso da língua, a que eles usam em suas casas, seja a mesma da escola. Para eles, a variedade da escola é algo distante, assim, creem que seu modo de falar seja mais parecido com a de seu círculo familiar que com um círculo externo.

Finalizando a discussão dos resultados do teste de crenças, havia um espaço para que os alunos escrevessem se haveria outros modos de falar mais bonitos que o de Monte Azul Paulista. Se afirmativo, era para que escrevessem o local (cidade, estado) que possui esse falar “mais bonito”. Analisemos a nuvem de palavras abaixo:

**Figura 18** - Falares “mais bonitos” que o de Monte Azul.

Minas Gerais  
Ribeirão Preto  
Rio de Janeiro  
NÃO E.U.A  
portugal  
SÃO PAULO  
Santa Catarina

**Fonte:** Elaboração Própria

Observamos que os alunos ficaram divididos entre São Paulo (capital), Rio de Janeiro, Ribeirão Preto e Minas Gerais. Curiosamente, os Estados Unidos foram citados, apesar de não ter o português como idioma materno. Isso ocorreu, muito provavelmente, pela globalização e valorização da língua inglesa, com seu poderio econômico e cultural frente aos países subdesenvolvidos. O estado de Santa Catarina também foi citado, assim como Portugal. A respeito desse último, Bagno (2015, p. 37) o caracteriza como um mito, de que “só em Portugal se fala bem o português”. Segundo o linguista, o português brasileiro é diferente do falado em Portugal, as diferenças são muitas, não há motivo para comparação.

Vale ressaltar que essa assertiva também está contaminada de preconceito linguístico. Interessa-nos avaliar a força da prescrição que recai sobre os alunos, por acharem que exista um modo de falar mais belo que outros. Ao citarem capitais como São Paulo e Rio de Janeiro, os alunos participantes mostram a importância dessas capitais para o país. São Paulo ocupa, desde 1960, a posição da capital mais rica e populosa do Brasil. Historicamente, tal status ocorreu a partir do cultivo do café no Vale do Paraíba. As estradas de ferro que ligavam a capital paulista e o estado ao Rio de Janeiro, então capital do país, contribuíram para esse desenvolvimento.

O Rio de Janeiro, foi capital do Brasil de 1763 a 1960, teve sua importância estabelecida devido à extração de metais preciosos no interior do país. A mudança da capital de Salvador para a cidade carioca se deu justamente por essa regular os lucros da

mineração e fazer com eles chegassem o mais rápido possível até Portugal. Mesmo não sendo mais capital do país, o Rio de Janeiro continua sendo um importante centro urbano e é conhecido como um dos mais belos cartões postais do Brasil.

A mídia também contribuiu para que o Rio de Janeiro se tornasse modelo de cidade. As novelas da TV Globo, em sua maioria, se passavam na cidade. O sotaque carioca, presente na fala de muitos atores, era evidenciado por todo o país. Sendo assim, compreendemos as escolhas dos alunos, diante da posição dessas capitais frente ao interior, como lugares de influência econômica, cultural e até linguística.

A cidade de Ribeirão Preto, que foi citada, é um dos principais polos comerciais e de serviços do interior do estado de São Paulo<sup>37</sup>. O município é o principal da região, com o 25º PIB do país<sup>38</sup>. Monte Azul Paulista é uma das cidades pertencentes a essa região sob domínio de Ribeirão, assim sendo, os moradores daquela sentem a influência dessa. Vale ressaltar que por serem cidades do interior, não há diferenças no sotaque, caracterizado pela presença do r retroflexo, típico do interior de São Paulo. Porém, percebemos a força que um grupo, ou nesse caso, uma cidade com grande poder econômico e cultural exerce sobre os demais, fazendo-os crer que até o modo de falar dessa cidade “imponente” (do ponto de vista de uma cidade do interior) seja mais bonito que o modo de falar de sua própria cidade.

O que nos parece até aqui é, que quando esses alunos pensam sobre esses lugares que consideram ter um modo de falar mais bonito que o de Monte Azul, não estão pensando apenas na língua, mas no que esses locais representam, como lugar cosmopolita, desenvolvido. Alguns alunos responderam que o estado de Minas Gerais também possui um modo de falar mais bonito que o de Monte Azul. No entanto, parecemos que ao considerar a fala mineira como bonita, isso estaria ligado mais a detalhes da língua, à prosódia, do que ao que o estado representa em termos de desenvolvimento.

Na internet, podemos observar vários estereótipos da fala mineira, como ilustram as imagens abaixo:

---

<sup>37</sup> Segundo site da Fecomercio (Fundação do comércio de bens, serviços e turismo do estado de São Paulo. Acesso em: <https://www.fecomercio.com.br/projeto-especial/interior-sp/regiao/regiao-de-ribeirao-preto>.

<sup>38</sup> Segundo o IBGE.



**Figura 19 - Falar mineiro.**



(a)



(b)



(c)



(d)

**Fonte:** <https://www.conhecaminas.com/2016/10/10-coisas-que-so-mineiro-fala-entende-e.html>. Acesso em: 27 de maio de 2022.

Vemos, através dessas imagens que circulam na internet, a valorização do falar mineiro, com traços linguísticos característicos.

### 8.1.3 Análise das atitudes sociolinguísticas dos alunos do bairro São Francisco

Nesta subseção, trataremos da análise do teste de atitudes sociolinguísticas. Reforçamos aqui, que entendemos as atitudes como um processo, e não apenas um resultado. Portanto, fez-se necessário uma apreciação de quem são esses alunos, quais suas crenças a respeito de si próprios, sua língua e do seu bairro. Conforme já mencionamos neste trabalho, as atitudes, das quais aqui tratamos, são sociais e linguísticas ao mesmo tempo, tratam da estrutura da língua e como elas afetam socialmente os indivíduos, por isso o termo atitudes sociolinguísticas (BISINOTO, 2007).

Nossa primeira pergunta explorou se as formas *nós + 1PP* e *a gente + 3PS* são valorizadas positivamente, conforme evidenciaram os resultados de produção linguística. A variante *nós + 1PP*, é descrita nas gramáticas normativas e escolas como forma de representação de 1PP, com o verbo “concordando” com essa pessoa gramatical. Essa forma, portanto, carrega prestígio, visto por muitos, como a forma “correta” de se falar. Contudo, a variante *a gente + 3PS*, mesmo não descrita nas gramáticas normativas, também é avaliada positivamente, não estando atrelada à noção de estigma, como observamos nos resultados de produção linguística deste trabalho. Vimos que os moradores, independente da escolaridade que possuem, utilizaram-se dessa forma. Além disso, o fato de ter sido a variante mais utilizada entre os falantes do bairro Itamaraty é bem significativo da avaliação positiva, ou pelo menos, de uma avaliação não negativa dessa variante. Em Pinto (2022) o *a gente* foi relacionado a indivíduos escolarizados, de classe social alta.

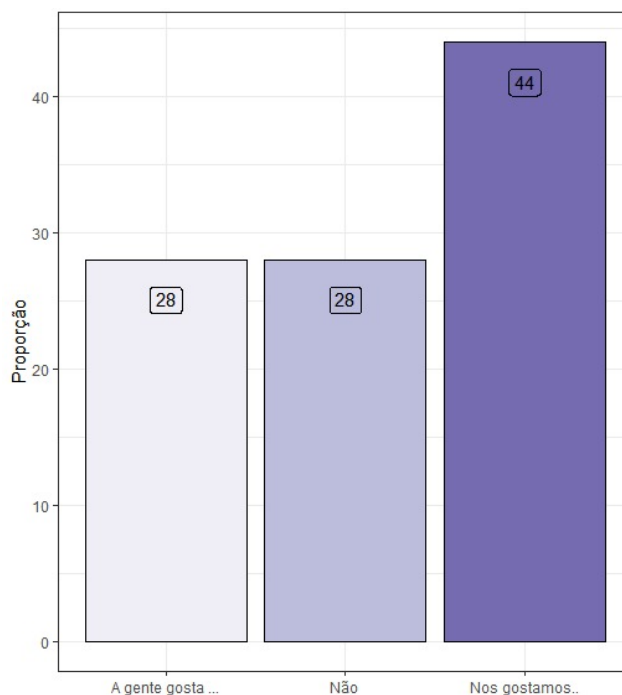
Assim, ao ler as sentenças “*Nós gostamos de chocolate*” e “*A gente gosta de chocolate*”, os alunos deveriam responder se achavam que uma dessas formas era a melhor e, se pudessem, explicar o porquê<sup>39</sup>. Nosso intuito era verificar se, consoante aos resultados de produção, essas formas apresentariam um valor social positivo. Não nos interessou, nesse momento do teste, acrescentar as variantes estigmatizadas socialmente *nós + 3PS* e *a gente + 1PP*, pois acreditamos que se as incluíssemos, elas se sobressairiam e os alunos responderiam qualquer alternativa que não as contivessem.

Observamos o gráfico a seguir, com os resultados:

---

<sup>39</sup> Nem todos os alunos responderam o porquê de sua escolha.

**Gráfico 22** - Observe as frases: “Nós gostamos de chocolate” e “A gente gosta de chocolate”.  
Você acha alguma delas a melhor?



**Fonte:** Elaboração Própria

Percebemos que, para a 44% dos alunos, a sentença que contém *Nós gostamos* soa melhor. Aqui, parece haver uma demonstração da força da prescrição normativa que recai sobre esses participantes. Por outro lado, se somarmos os percentuais de *A gente gosta* e *Não* (nenhuma das duas é melhor), o resultado (56%) suplanta aquele do *nós + IPP*. Nos resultados de produção, o uso de *a gente + 3PS* foi preferencial para todas as escolaridades, idades, sexo/gênero. Então, nos parece que, para a maioria dos alunos, o uso da variante *a gente + 3PS* não apresenta avaliação negativa, consoante aos resultados de produção.

Diante das explicações que alguns alunos forneceram, para justificar a escolha dessa variante como a “melhor”, destacamos:

- (12) Porque é um jeito fino de falar. [I.F.1]
- (13) É um jeito melhor de falar. [L.F.1]
- (14) Soa melhor. [K.M.1]
- (15) Porque é um jeito mais formal de falar. [R.F.1]
- (16) Porque é melhor de se explicar. [D.F.1]
- (17) Porque eu acho mais bonito e eu acho que é o correto. [R.F.1]

(18) Porque é uma forma mais correta de falar. [J.M.1]

(19) Pois acho mais bonito e coerente. [M.F.1]

Observamos que uns explicam suas escolhas com base no prestígio/*status* e formalidade que acreditam que variante *nós + 1 PP* possui (12) e (15). Um aluno justifica sua escolha com base na prosódia, que a forma “soa melhor” (14). O restante dos alunos relaciona sua opção no teste a um uso correto, bonito, jeito melhor de falar e de se explicar (13), (16), (17), (18), (19). Essas respostas dos alunos evidenciam o ensino normativo das aulas de Língua Portuguesa, em que lhes é apresentada apenas uma única forma para se expressar. A língua é vista como um bloco fechado, sem variação ou mudanças.

Por outro lado, a forma *A gente gosta* foi a escolhida por 28% dos alunos. Para essa opção, as justificativas foram:

(20) Porque é mais fácil de falar. [W.F.1]

(21) É o jeito que todos falam. [I.F.1]

Percebemos que há aluno que reconhece que essa forma é usada normalmente pelas pessoas (12), portanto não configura objeto de avaliação negativa. Tivemos também uma explicação de que essa forma é mais fácil de falar (11). Aventando uma hipótese para essa justificativa, parece-nos que esse aluno reconhece que o *a gente+ 3PS* como uma forma “simples” em termos de realizar sua concordância verbal. A exemplo disso, podemos citar o uso das proparoxítonas. Nos resultados de produção linguística, assim como em outras pesquisas (RUBIO, 2012), identificamos uma tendência de os falantes, em contexto com verbos de saliência esdrúxula, optarem por formas que não sejam tônicas na antepenúltima sílaba (*cantava x cantávamos*).

Alguns alunos, em resposta à nossa pergunta, disseram que não há uma forma que possa ser considerada melhor 28%. Abaixo, estão as justificativas para tal:

(22) Porque a gente usa as duas. [O.M.1]

(23) Para mim é tudo igual. [W.M.1]

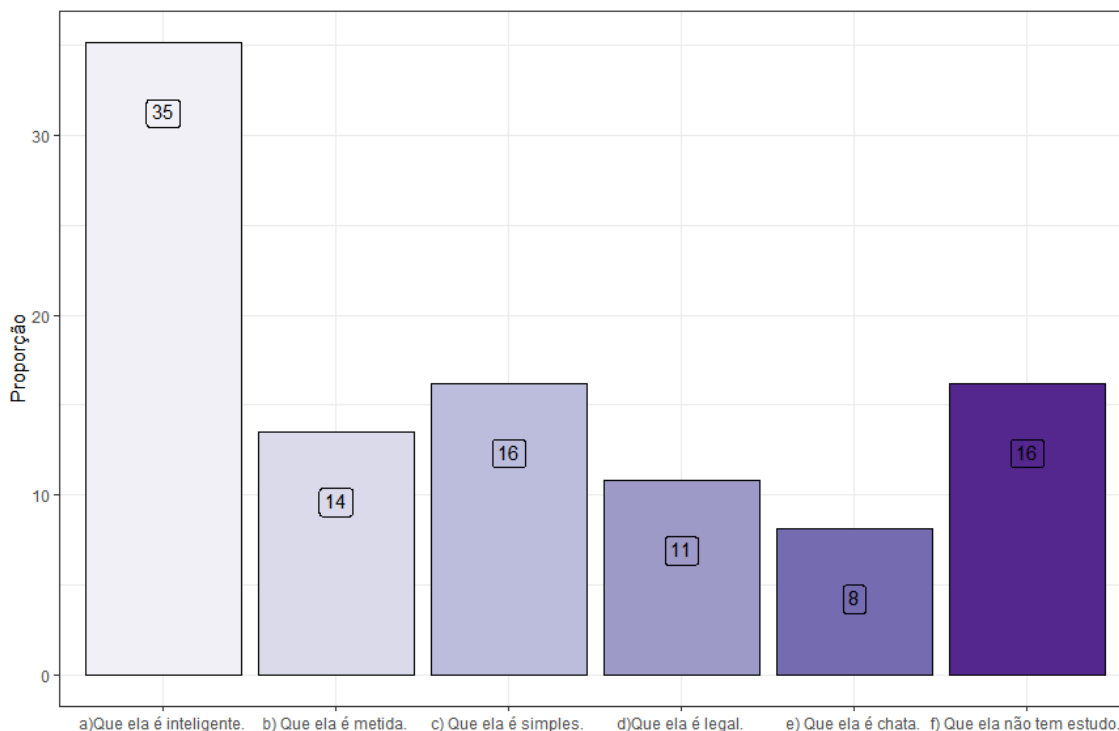
(24) São iguais. [O.M.1]

(25) Acho que elas têm o mesmo sentido, falando uma ou outra não interfere na compreensão. [M.M.1]

Diante dessas respostas, podemos dizer que esses alunos reconhecem as variantes apresentadas como pertencentes à língua e que ambas as sentenças possuem o mesmo sentido e valor. Reforçamos aqui, juntamente com Faraco e Zilles (2017) que a variação linguística precisa estar presente no ensino da língua. A variabilidade, intrínseca a toda língua, contribui para a significação das interações, construção de nossas identidades e como percebemos e avaliamos os outros. Portanto, permear o ensino da Língua Portuguesa com essa noção, torna o aluno mais crítico, sem julgamento de “erro” das variedades populares, ficando cada vez mais confiante para transitar em todos os espaços que quiser, além de ser um efetivo combate contra o preconceito linguístico.

A próxima pergunta “*Se uma pessoa falar pra você: “Nós gostamos de chocolate” em vez de “A gente gosta de chocolate”, o que você pensaria dessa pessoa?*” busca averiguar se os alunos relacionam valores positivos à variante *nós + IPP*. Para isso, observemos o gráfico 23:

**Gráfico 23** - Se uma pessoa falar pra você: “Nós gostamos de chocolate” em vez de “A gente gosta de chocolate”, o que você pensaria dessa pessoa?



**Fonte:** Elaboração Própria

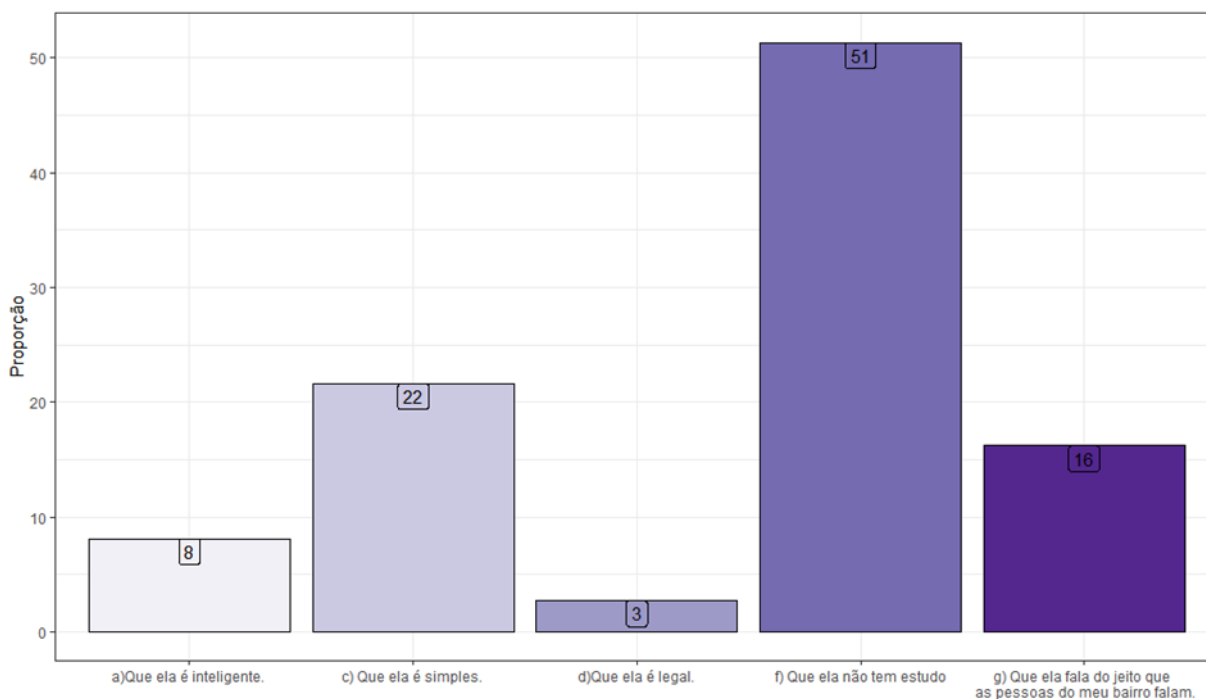
Como podemos perceber, 35% dos alunos considerariam essa pessoa inteligente pelo fato de ela usar a variante prescrita pelas gramáticas normativas. Aqui, parece-nos

claro o prestígio de tal forma. 16% dos estudantes marcaram que essa pessoa poderia ser simples ou que não têm estudo e 10% que ela é legal. Nesse caso, podemos pensar que, talvez, esses alunos reconheçam o uso dessa variante por pessoas de sua convivência que apresentem tais características. Vale lembrar que o bairro São Francisco, local com pessoas de menor poder aquisitivo, produziu mais sentenças com o uso de *nós + IPP* (20%) que o Itamaraty (8%). O fato de seus moradores serem menos abastados economicamente pode acarretar essa correlação com simplicidade e menos estudo.

Por outro lado, 14% alunos acreditariam que uma pessoa que pronunciasse tal sentença seria metida ou chata (8%). Diante disso, poderíamos apontar que esses estudantes fazem uma avaliação negativa de tal variante. Uma hipótese a ser levantada poderia ser por essa forma ser a que a escola exige, através de seu ensino reprodutivo. Esses alunos podem não reconhecer o uso dessa variante em seu modo de falar e de seus familiares, o que acarreta nesse julgamento ruim para quem usasse essa forma.

Sobre a pergunta “Se uma pessoa falar: “*Nós estuda muito na escola*”, o que você pensaria dessa pessoa?” analisemos o gráfico 24:

**Gráfico 24** - Se uma pessoa falar: “*Nós estuda muito na escola*”, o que você pensaria dessa pessoa?



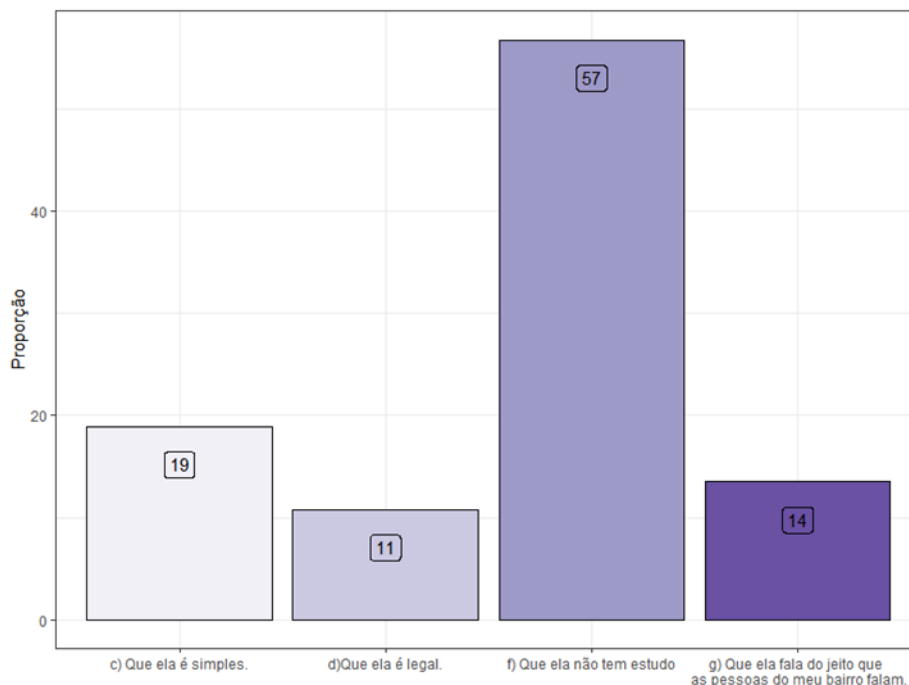
**Fonte:** Elaboração Própria

Nosso interesse, com essa pergunta era explorar qual atitude os alunos teriam diante da variante não contemplada nas gramáticas normativas e estigmatizada socialmente, o *nós + 3PS*. Conforme já mencionado na seção de produção linguística, o bairro São Francisco foi o que produziu essa forma (11%), ao passo que no Itamaraty não encontramos ocorrência dessa forma. Então, pretendíamos verificar se alguém de seu bairro fazendo uso dessa forma, os alunos moradores desse bairro teriam uma atitude negativa perante a uma pessoa que a utilizasse.

Como mostra o gráfico 24, 51% considerariam essa pessoa sem estudo, relacionando o uso dessa variante à falta de escolaridade. 22% achariam essa pessoa simples, podendo indicar uma associação entre essa forma e pessoas de menor poder econômico. 16% dos alunos identificaram essa forma ao jeito que as pessoas de seu bairro falam, o que, de fato, apresenta correspondência com resultado da produção, conforme mencionamos no parágrafo anterior.

O gráfico 25 mostra os resultados para a pergunta “*Se uma pessoa falar: “A gente vamos sair sábado?”*”, o que você pensaria dessa pessoa?”:

**Gráfico 25** - Se uma pessoa falar: “A gente vamos sair sábado?”, o que você pensaria dessa pessoa?



**Fonte:** Elaboração Própria

Os resultados de produção linguística não mostraram o uso da variante *a gente + IPP* em nenhum dos dois bairros. Nossa hipótese era de que ela era fortemente estigmatizada, portanto, foi nosso interesse colocá-la no teste, a fim de verificarmos quais as atitudes sociolinguísticas que os alunos teriam a respeito dela.

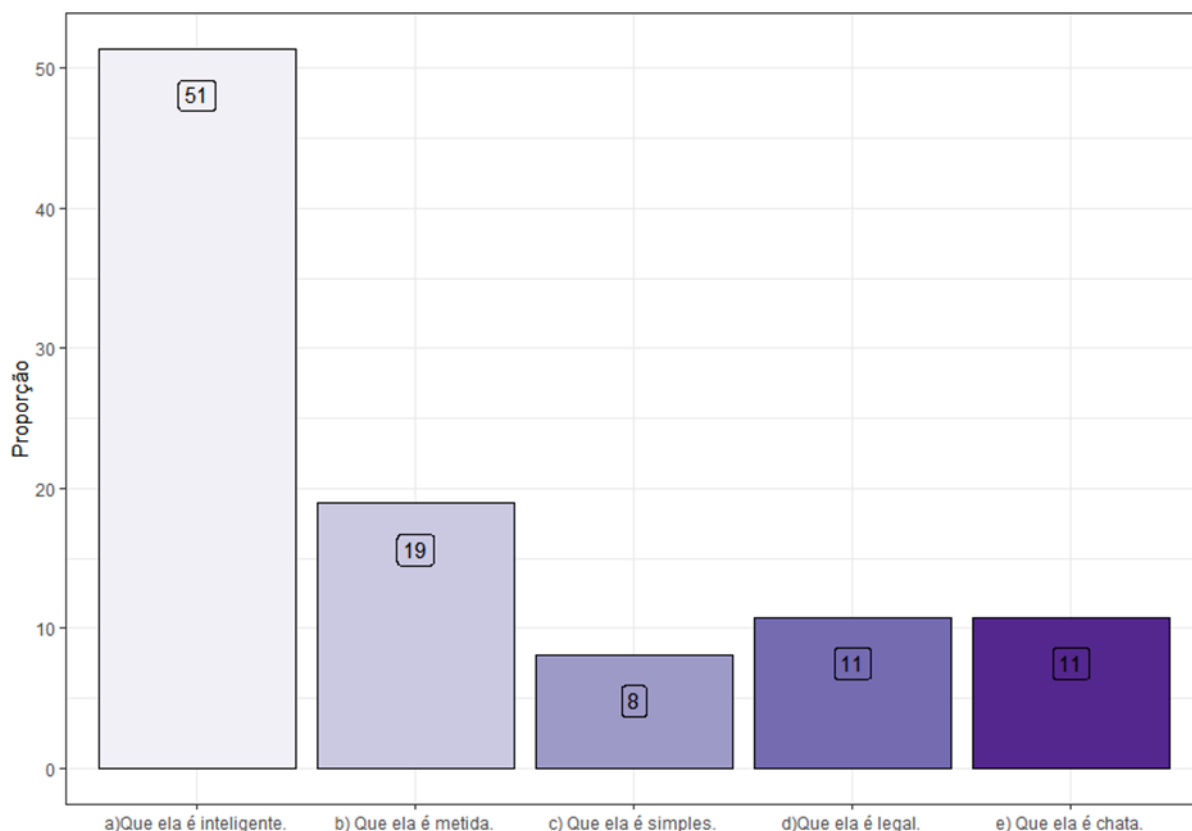
Observamos que 57% achariam que essa pessoa não teria estudo. Mais uma vez, como essa forma não é contemplada pela *norma-padrão* e pelas gramáticas normativas, os alunos tendem a relacionar seu uso com a falta de escolarização. No mesmo sentido, 19% achariam essa pessoa simples, o que indica essa tendência de relacionar essa forma estigmatizada a quem possui menor poder aquisitivo. No entanto, 11% considerariam quem fizesse uso dessa forma uma pessoa legal, indicando que, para esses alunos, essa variante não está atrelada a valores tão negativos como pensávamos.

Um dado que chama a atenção, é o fato de que 14% dos alunos achariam que quem usasse essa forma, indicaria o jeito que as pessoas do bairro falam, o que, como já mencionamos, não se verificou na produção linguística, pois nenhum dos bairros estudados produziram sentenças com essa variante. Porém, na produção escrita dos estudantes sim. Aliás, com poucas ocorrências, mas que representam, naquele computo um percentual razoável (2 de 7). De todo modo, o fato de não ter ocorrido nenhum uso dessa forma não significa que ninguém use tal variante na comunidade.

O gráfico 26 mostra os resultados para a pergunta “Se uma pessoa falar: “**Nós gostávamos** de Matemática” em vez de “**A gente gostava** de Matemática”, o que você pensaria dessa pessoa?”:



**Gráfico 26** - Se uma pessoa falar: “**Nós gostávamos** de Matemática” em vez de “**A gente gostava** de Matemática”, o que você pensaria dessa pessoa?



**Fonte:** Elaboração Própria

Com essa pergunta, objetivávamos identificar as atitudes dos alunos em relação ao uso do *nós + IPP* em contexto de saliência esdrúxula (proparoxítona). Para o bairro São Francisco, os resultados da produção linguística evidenciaram que, nesse contexto de saliência fônica, o falante tende a evitar formas proparoxítonas (por exemplo, *nós gostávamos*) e preferir usar formas que não levem à acentuação na antepenúltima sílaba tônica (*nós gostava, a gente gostava*). Como podemos observar, 51% considerariam quem falasse dessa forma, inteligente e 19% considerariam essa pessoa metida.

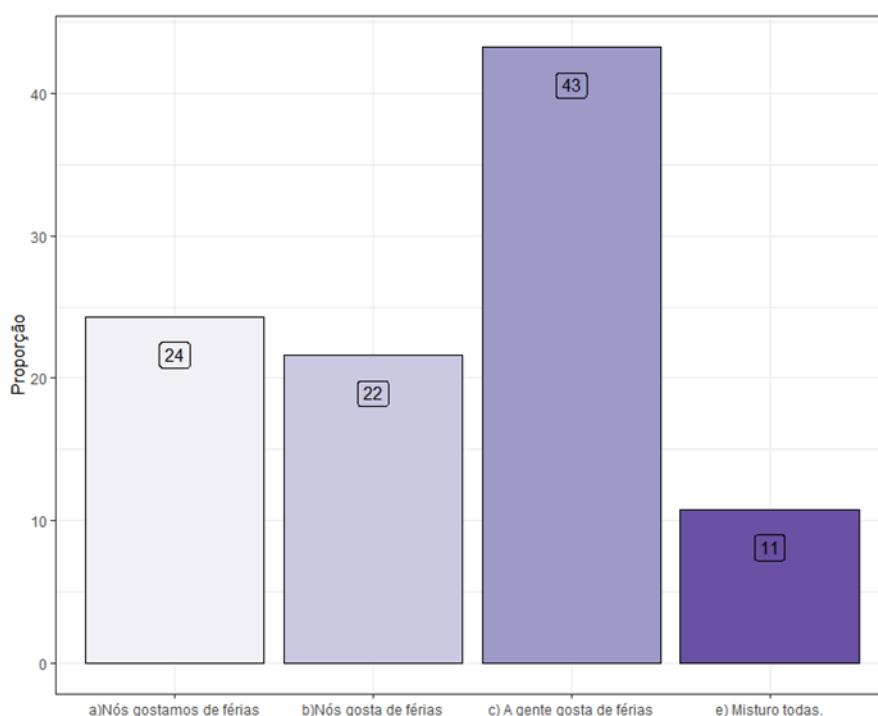
Baseando-se no trabalho de Cyranka (2007), que considera as dimensões de poder e solidariedade em associação com os usos linguísticos, parece-nos que, afirmar que quem fala desse modo seria *inteligente* atrela o uso dessa forma proparoxítona à *dimensão de poder*, pois essa variante (*nós + IPP- nós gostávamos,*) que a escola apresenta aos alunos, está relacionada ao poder, prestígio, qualificação da pessoa que a utiliza. O mesmo parece acontecer ao associarem o adjetivo *metida* à pessoa que usasse essa forma. Assim, esses 19% dos alunos parecem julgar quem usa “*nós gostávamos*” negativamente, pois, ao usar

uma forma que pertence à norma-padrão, ela está em uma posição superior, de prestígio, o que faz ela parecer *metida*.

Alguns alunos ficaram divididos entre considerar essa pessoa chata (11%) e legal (11%). Essa percepção parece ter relação com a *dimensão de solidariedade*: os estudantes que julgariam quem usasse essa forma como *chata*, não identificariam essa variante em seu grupo; por outro lado, os alunos que avaliariam a pessoa que fizesse uso dessa forma como *legal*, reconhecem esse uso em sua comunidade.

O gráfico 27 aborda qual(is) forma(s) os alunos acham que mais usam:

**Gráfico 27** - E você, qual/quais formas mais usa?



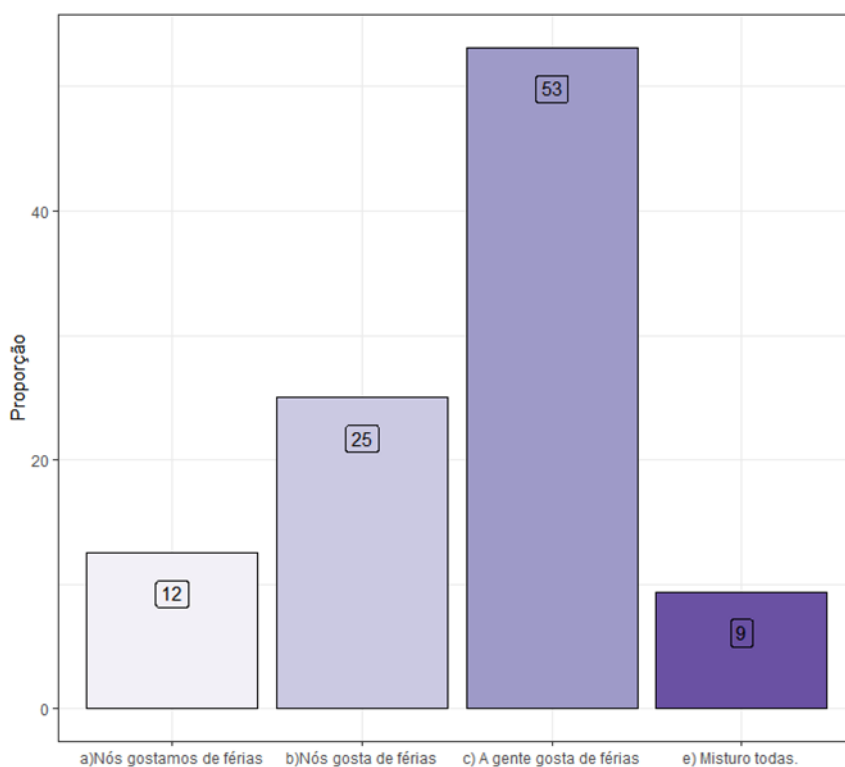
**Fonte:** Elaboração Própria

Como podemos observar, a maioria dos alunos (43%) acreditam que usam mais o *a gente + 3PS (A gente gosta de férias)*. Conforme já mencionamos na seção de produção linguística, essa forma não é avaliada negativamente. 24% dos alunos mencionaram usar mais *nós + IPP (Nós gostamos de férias)*. 22% assinalaram a opção de que usam a forma não prescrita pela gramática normativa *nós + 3PS (Nós gosta de férias)*. 11% afirmaram que misturam todas as formas. Vale ressaltar que dentre as opções de resposta a essa pergunta, havia uma alternativa que contemplava *a gente + IPP (A gente gostamos de férias)*, no entanto, nenhum aluno selecionou essa opção.

Podemos comparar esses resultados, de quais formas os alunos moradores do bairro São Francisco acham que usam, com o que encontramos no resultado de produção, para que possamos identificar se as percepções dos estudantes estão próximas da realidade linguística de sua comunidade. Então, na produção, nesse bairro, encontramos 69% de uso de *a gente + 3PS*, 20% de *nós + IPP* e 11% de *nós + 3PS*. Lembramos que, durante as entrevistas sociolinguísticas, nenhum morador produziu sentença com *a gente + IPP*. Percebemos, dessa forma, que as opções dos alunos, enquanto representantes do macrocosmo de seu bairro, se assemelham aos usos encontrados nesse local.

Os gráficos 28 e 29 contemplam os resultados sobre eventos de monitoração estilística (BORTONI-RICARDO, 2004).

**Gráfico 28** - Na sua casa e com seus amigos, qual/quais as formas mais usadas?



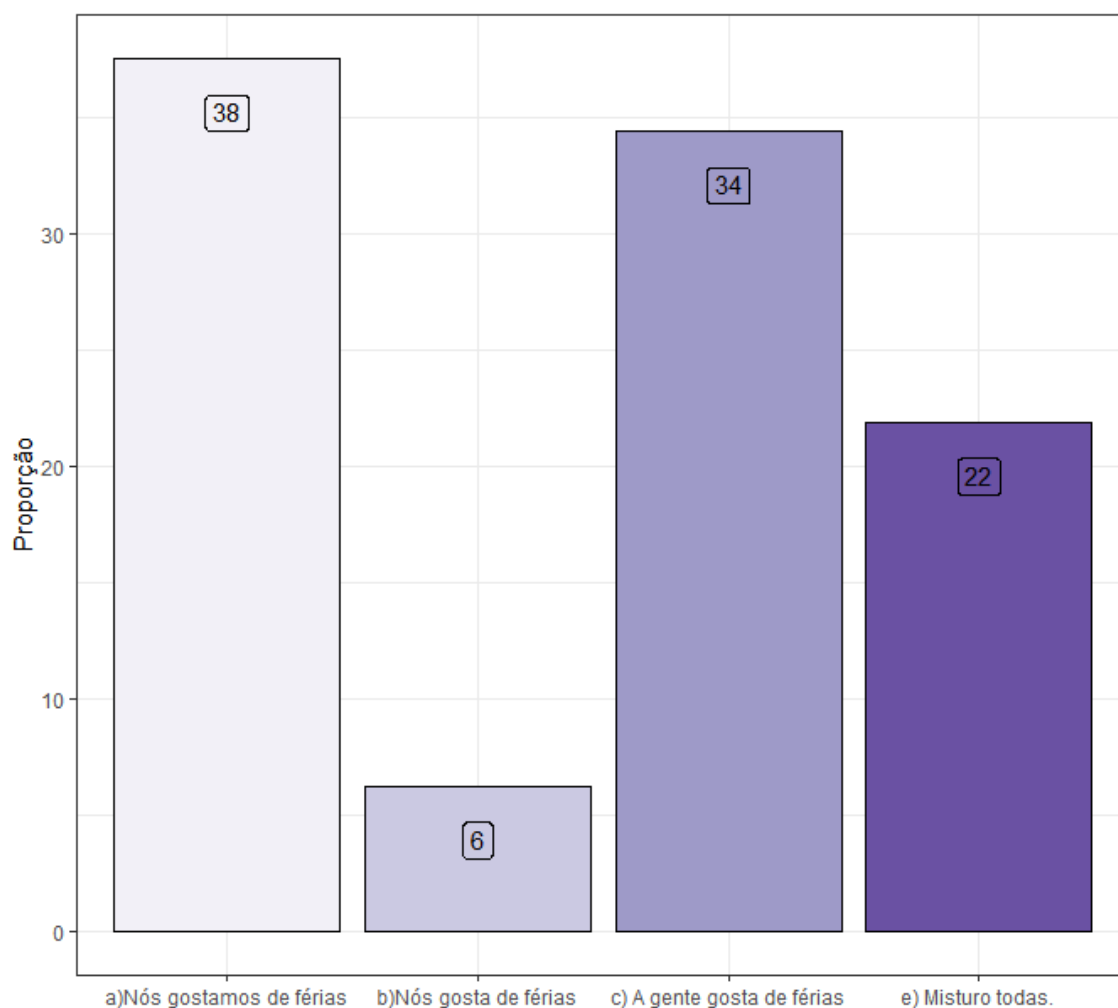
**Fonte:** Elaboração Própria

Bortoni-Ricardo (2004) propôs o contínuo de *monitoração estilística*, a fim de fornecer uma maneira de explicar a complexidade sociolinguística do PB. A linguista afirma que nesse contínuo se situam “desde as interações totalmente espontâneas até aquelas que são previamente planejadas e que exigem muita atenção do falante.” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 62). Dessa forma, os falantes alternam estilos

monitorados, aqueles que exigem atenção e planejamento (por exemplo, entrevista de emprego, apresentação de trabalho em escola) e estilos não monitorados, em que o falante não presta atenção às formas da língua (conversa entre amigos, familiares). Dito isso, nosso interesse foi investigar quais as formas os alunos afirmariam usar em seus lares e com seus amigos. Nossa hipótese era a de que, nessas situações, eles escolheriam formas não padrão, como *a gente + 3PS* e *nós + 3PS*, situando essas formas no lado – *monitoração* do contínuo:

-monitoração.....+ monitoração

Os resultados evidenciam que 53% dos alunos afirmam usar o *a gente + 3PS* (*A gente gosta de férias*). 25% dos alunos disseram que usam a variante *nós + 3PS* (*Nós gosta de férias*). 12% marcaram a opção de que usam *nós + 1PP* (*Nós gostamos de férias*) e 9% afirmaram misturar todas as formas. Nesse caso, verificamos uma tendência de, em estilos menos monitorados, os falantes afirmarem usar as formas não prescritas pela gramática normativa.

**Gráfico 29** - Na escola, qual/quais as formas mais usadas?

**Fonte:** Elaboração Própria

O gráfico 29 mostra os resultados das opções marcadas pelos alunos em um contexto de maior monitoração estilística, a escola. Pensávamos, ao elaborar essa pergunta, que os estudantes escolheriam a variante padrão, *nós + IPP*, por se tratar de um ambiente que requer uma postura formal e que o aluno queira causar uma boa impressão. Dessa forma, essa variante se situaria no polo + *monitoração* do contínuo:

-monitoração.....+ monitoração

Os resultados mostram que 38% dos alunos afirmam usar a variante *nós + IPP* (*Nós gostamos de férias*) quando estão na escola. Comparando esse resultado, como o gráfico 28, percebemos que o uso dessa forma em contexto de – *monitoração* foi bem

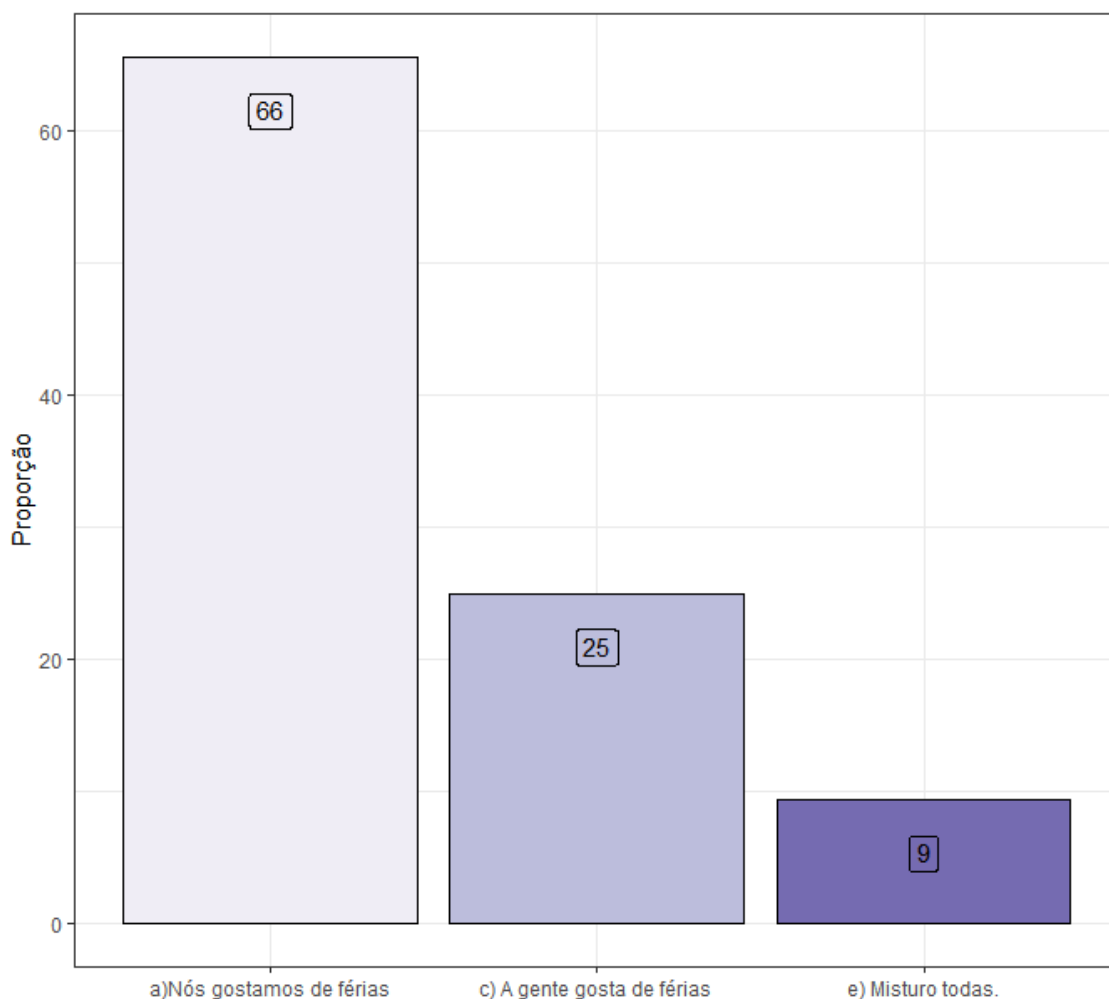
menor (12%). Portanto, nos parece que essa forma está relacionada a contextos que exijam mais atenção do falante.

34% dos alunos afirmaram que, na escola, usam a variante *a gente + 3PS* (*A gente gosta de férias*). Pensávamos que, por essa forma não estar descrita nas gramáticas normativas, os estudantes não relacionariam seu uso ao ambiente escolar. No entanto, verificamos, nos resultados de produção linguística, que essa variante não é avaliada negativamente, pois falantes de todas as faixas etárias e escolaridades a utilizam. Podemos afirmar que o *a gente + 3PS* situa-se no ponto intermediário do contínuo de *monitoração estilística*, podendo ser usado em qualquer ambiente, garantindo que o falante não seja vítima de preconceito linguístico.

22% dos alunos escolheram a opção de que misturam todas as formas. Vale destacar que, na escola, os alunos possuem momentos de *- monitoração* (recreio, conversa com seus colegas, trabalhos em grupo) e *+ monitoração* (apresentação de trabalhos, conversa com professor ou diretor), ou seja, o ambiente escolar é complexo e variável do ponto de vista estilístico. Dito isso, parece que esses alunos percebem que seja natural essa transição de estilos e, portanto o uso de dessas variantes.

Como esperávamos, apenas 6% dos alunos afirmaram usar *nós + 3PS* (*Nós gosta de férias*) na escola. Essa baixa proporção indica que essa forma é estigmatizada e em situações de *+ monitoração* os falantes tendem a não a utilizar.

O gráfico 30 diz respeito aos resultados de evento de oralidade-letramento (BORTONI-RICARDO, 2004).

**Gráfico 30** - Em um texto escrito, qual/quais as formas mais usadas?

**Fonte:** Elaboração Própria

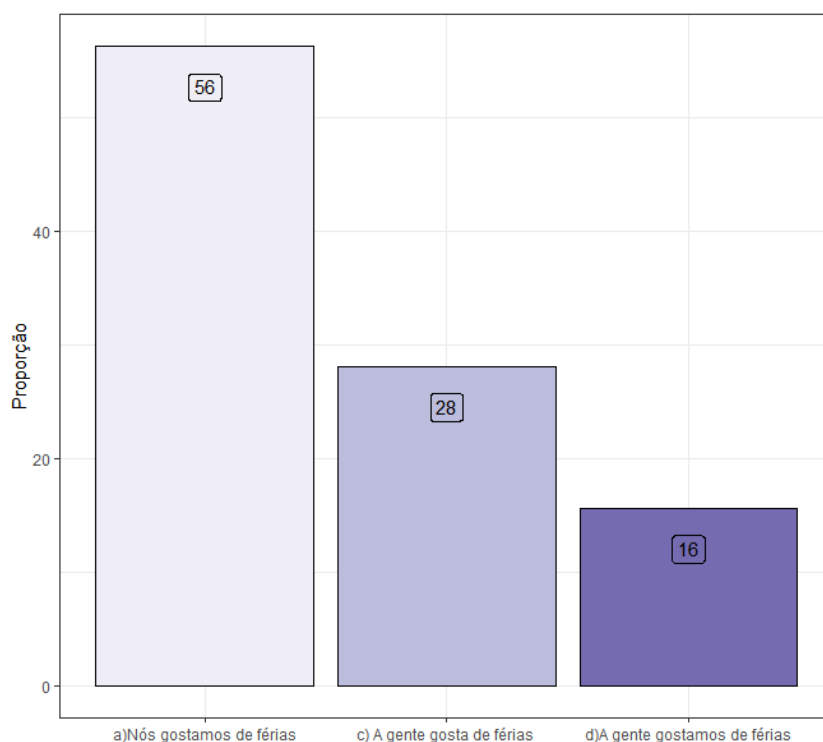
Bortoni-Ricardo (2004) chamou de *eventos de letramento* aqueles que sejam mediados pela língua escrita e *eventos de oralidade* aqueles que não possuem influência da língua escrita. A linguista afirma que o *contínuo de oralidade-letramento* é fluído, podendo haver sobreposições. Como exemplo, ela cita uma aula, durante a qual há evento de letramento, mas também de oralidade. Nossa pergunta objetivava analisar qual(is) forma(s) os alunos diriam que usariam na produção de um texto escrito (*evento de letramento*). Sendo assim, imaginávamos que os alunos optariam pela forma padrão, *nós + IPP*. Os resultados mostram essa tendência, já que 66% dos alunos marcaram usar essa variante nesse tipo de produção textual.

25% escolheram o *a gente + 3PS* (*A gente gosta de férias*). Aqui, relembramos que essa forma não é avaliada negativamente, podendo transitar muito bem em diferentes estilos de monitoração e eventos de oralidade e letramento, pois quem a utiliza não sofrerá

estigma. 9% dos alunos disseram misturar todas as formas. Como dissemos, as fronteiras dos eventos de oralidade-letramento são fluidas, podem se sobrepor. Se em algum momento, o aluno escrever um texto, em que há diálogos que reflitam relações pessoais, de intimidade, com diálogos, podemos dizer que esse evento de letramento passará a ter influências de oralidade, o que acarretará uma possível alternância de uso das variantes.

A figura 15 da parte do teste de crenças mostra os bairros que os alunos acreditam ser diferentes do seu, o São Francisco. O mais citado pelos alunos foi o Itamaraty que, como já afirmamos, possui o maior valor de terreno da cidade, segundo a prefeitura. Sendo assim, nosso interesse era saber quais formas os alunos relacionariam a esse local, cujos resultados vemos no gráfico 31:

**Gráfico 31** - No bairro diferente do seu, que você citou na parte 2 da pesquisa, qual/quais seriam as formas mais usadas lá?



Fonte: Elaboração Própria

Como o bairro Itamaraty foi o mais citado no teste de crenças, compararemos as respostas dos alunos aos resultados de produção que obtivemos desse bairro. Na produção, obtivemos uma proporção de 91% de *a gente* + *3PS* e 9% de *nós* + *IPP*. Não encontramos, nesse local, as formas não padrão e estigmatizadas socialmente.

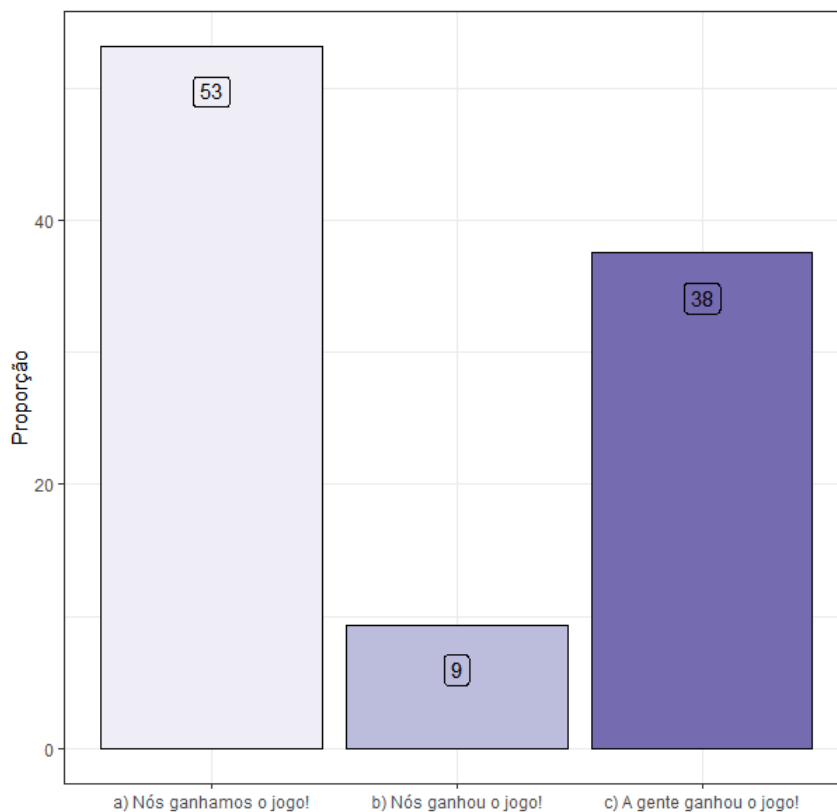


Nos resultados das opções que os alunos marcaram, observamos que 56% acreditam que os moradores do bairro diferente do seu usam a forma *nós + IPP* (*Nós gostamos de férias*). 28% afirmam ser o *a gente + 3PS* (*A gente gosta de férias*) a forma mais utilizada. Nesse sentido, se compararmos esses dados aos resultados da produção linguística do Itamaraty, percebemos que os alunos julgam o oposto do que o que realmente ocorre naquele local. Acreditar que lá, os moradores utilizam mais a variante *nós + IPP* pode indicar uma relação com o *status* socioeconômico que o bairro possui, como quem possui poder utiliza as formas padrão.

Curiosamente, 16% dos alunos assinalaram que esse bairro diferente do seu utiliza a variante *a gente + IPP* (*A gente gostamos de férias*). Já mencionamos que essa forma não foi produzida por nenhum morador, de nenhum dos bairros desta pesquisa. Assinalamos que a interpretação desse resultado demanda uma investigação mais profunda, que não poderia ser desenvolvida nesse trabalho.

Os gráficos 32 e 33 têm relação com os resultados de produção linguística, mais especificamente da variável dependente com o fator linguístico *tempo verbal*. Pesquisa de Scherre, Naro e Yacovenco (2018) afirma que o uso de *nós + IPP* relacionado ao pretérito perfeito se daria para a redução da ambiguidade que há entre esse tempo verbal (*nós dormimos*) e o presente de forma igual (*nós dormimos*). Sendo assim, os falantes prefeririam usar o pretérito com o *nós+ IPP* e para o presente, *nós+ 3PS* ou *a gente+ 3PS*.

**Gráfico 32** - Se você quer contar sobre alguma coisa que **já aconteceu** com você e seus colegas, qual seria a melhor forma a utilizar?



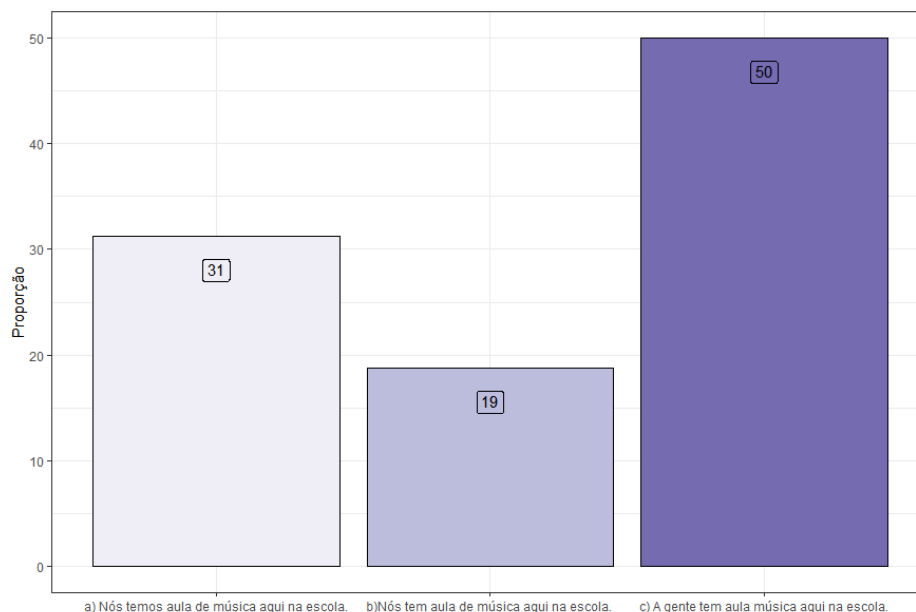
**Fonte:** Elaboração Própria

O gráfico 32 mostra os resultados das formas escolhidas pelos alunos para indicar algo que já aconteceu (pretérito perfeito). 53% escolheram a variante *nós + IPP* (*Nós ganhamos o jogo!*), evidenciando essa tendência de usar essa forma para enunciar fatos do passado. No resultado da produção linguística, observamos que, em contextos com verbos no pretérito perfeito, encontramos 57% de *a gente + 3PS* (maior proporção, pois foi a variante mais utilizada, em todos os tempos verbais), 43% de *nós + IPP* e 2% de *nós + 3PS*.

Na distribuição das formas no tempo presente, na produção linguística, a variante *a gente + 3PS*, ainda que tenha sido a forma mais usada em todos os tempos, ela foi ainda mais produtiva no presente (72%) em comparação ao pretérito perfeito (57%). Isso pode indicar uma correlação comparativamente maior entre *a gente + 3PS* e presente que *a gente + 3PS* e pretérito, o que vai no sentido dos resultados de Scherre et al (2018).

O gráfico 33 revela os resultados das variantes escolhidas pelos alunos em contextos de verbos no presente:

**Gráfico 33** - Se você quer contar sobre alguma coisa que **acontece todos os dias** comigo e meus colegas qual seria a melhor forma a utilizar?



**Fonte:** Elaboração Própria

Os resultados da produção linguística do bairro São Francisco mostraram que, com verbos no presente, houve 72% de uso da variante *a gente + 3PS*, 17% de *nós + 1PP* e 11% de *nós + 3PS*. Os resultados do teste com os alunos também indicam essa preferência de *a gente + 3PS* em contextos com verbo no presente.

## 8.2 Síntese dos resultados do teste de crenças e atitudes sociolinguísticas

Era nosso interesse verificar, a partir dos resultados da produção linguística, quais as crenças e atitudes sociolinguísticas os alunos moradores do bairro São Francisco possuem a respeito das formas aqui investigadas. Esse bairro foi o escolhido para a aplicação dos testes por ser o local onde emergiram, na produção, três variantes: *nós + 1PP*, *nós + 3PS* e *a gente + 3PS*.

Para a aplicação dos testes, foi necessário um recorte. Para tal, escolhemos que os participantes seriam os alunos que morassem no bairro e frequentassem a escola local. A justificativa se deu pelo fato de a escola ser um microcosmo do que ocorre na sociedade em geral (BORTONI-RICARDO, 2005). Os alunos estavam no 9º ano do Ensino Fundamental, pois já teriam estudado os conteúdos sobre pronomes e concordância verbal.

O teste foi concebido em três partes, a primeira contemplou o perfil social desses alunos. A segunda investigou as crenças que possuíam a respeito da língua (para verificar

se há uma força normativa recaindo sobre esses estudantes), do modo de falar do bairro e da cidade. Tomamos aqui o conceito de atitudes sociolinguísticas como um processo, como resultado de quem somos e de nossas crenças a respeito do mundo que nos cerca. Dessa forma, justificamos as duas partes anteriores para a terceira parte, que consistia no teste de atitudes. Nela, diante de perguntas que exploravam as variantes aqui em estudo, os alunos tinham que responder o que pensariam sobre a pessoa que as utilizasse.

Obtivemos a participação de 25 alunos. Na nuvem de palavras (figura 12) pudemos observar as ocupações dos pais e/ou responsáveis desses estudantes. Ao comparar as profissões desses com as dos participantes da entrevista sociolinguística para o teste de produção, verificamos que ambas seguem a mesma tendência: as ocupações não requerem curso superior e são menos prestigiadas. Dessa forma, conseguimos ter noção do nível socioeconômico das famílias dos alunos.

Para entender melhor quem são esses estudantes moradores do bairro São Francisco, averiguamos o que fazem nas horas vagas (mexer no celular) e o gosto musical, esse que sabemos ser crucial para a identidade dos jovens. Os ritmos mais citados foram o sertanejo, provavelmente pela cultura de festas do peão em cidades próxima a Monte Azul Paulista e o *funk*, ritmo que cresceu bastante nos últimos anos, graças às redes sociais. Os alunos também disseram como acham que o bairro São Francisco é reconhecido na cidade. Os adjetivos mais utilizados foram: *pobre*, *maconheiro* e *calmo*. Em investigação junto à Guarda Municipal da cidade, tivemos acesso ao número de ocorrências relativas à posse de entorpecentes, o que não se verificou como algo alarmante. Segundo a própria Guarda, há bairros que possuem mais números de ocorrências do tipo. O adjetivo *pobre* parece se relacionar com o poderio socioeconômico do bairro, frente a outros locais da cidade. *Calmo* parece refletir no fato de ser um bairro mais afastado do centro, em que as crianças brincam nas ruas.

De forma a identificar quais das variantes em estudo esses alunos utilizariam em um texto escrito, pedimos que escrevessem um pequeno parágrafo, contando alguma situação engraçada que tivesse acontecido com ele mais algum colega. Aventávamos que, por seu uma escrita, haveria um estilo mais monitorado, então os alunos usariam mais o *nós + IPP*. Obtivemos 12 alunos que utilizaram alguma das formas em estudo. Dentre essas, 7 utilizaram *nós + IPP* e 5 usaram *a gente + 3PS*. Dito isso, pudemos identificar que a última variante não possui avaliação negativa, conforme tendência observada nos resultados da produção linguística. Interessante lembrar que, nesse texto escrito pelos alunos, encontramos 2 ocorrências de *a gente + IPP*, variante não produzida em nenhum

dos bairros durante as entrevistas sociolinguísticas para a produção. Imaginamos aqui, se tratar de um fenômeno de hipercorreção.

O teste de crenças mostrou que os alunos acreditam que a língua escrita é mais correta que a falada e que, para escrever bem, é necessário conhecer as regras gramaticais. 76% reconhecem que falam de um jeito mais descontraído quando estão com pessoas com quem possuem intimidade. Sobre a autoestima linguística dos estudantes, podemos considerar positiva, pois 56% afirmaram escrever bem e 64% consideraram falar bem. Sobre o falar de Monte Azul Paulista, 68% acreditam que é um modo de falar bonito.

Quanto ao bairro onde residem, quanto ao jeito de falar, 80% não consideram que seja diferente de outros bairros da cidade. No entanto, em relação ao modo de vida do bairro São Francisco, 60% acham ser diferente de outros locais da cidade. Pedindo que os alunos pudessem citar um bairro diferente do seu, a maioria escolheu o Itamaraty, bairro que também foi objeto de nosso estudo na parte de produção linguística. Como já mencionamos, o São Francisco e o Itamaraty se diferem quanto ao poder socioeconômico de seus moradores, bem como quanto à estrutura do local.

Sobre o modo de falar do bairro São Francisco, 60% acreditam que as pessoas falam errado e 64% dos alunos acham que exista uma forma correta de falar. Evidencia-se, aqui, o ensino de língua baseado em noções de certo x errado, baseado em regras normativas. Como Monte Azul Paulista é uma cidade do interior, perguntamos aos alunos se acreditam que o modo de falar dos cidadãos que residem no local possa ser considerado caipira: 72% não acham que seja. Comparando o jeito de falar dos alunos com o de seus pais e/ou responsáveis, 56% dos estudantes não acham que falam como eles, muito provavelmente por estarem em uma faixa etária em que o modelo a ser seguido é o de seus amigos. Por fim, os alunos escolheram um local que, caso acreditassem, teria um modo de falar mais bonito que Monte Azul Paulista. Nas respostas, os locais mais citados foram São Paulo (capital), Rio de Janeiro e Ribeirão Preto. Entendemos que essas cidades são locais de influência para uma cidade do interior, tanto pela mídia, como pelo poderio econômico.

Na parte que contemplava o teste de atitudes, primeiramente, quisemos investigar se entre as variantes *nós + IPP* e *a gente + 3PS*, os alunos considerariam alguma melhor que a outra e o porquê. Não nos interessou acrescentar as formas estigmatizadas socialmente (*nós + 3PS* e *a gente + 3PS*), pois acreditamos que elas se sobressairiam, e não conseguiríamos saber o que pensam os alunos da forma *a gente + 3PS*, variante essa que, na parte da produção linguística, mostrou não ser avaliada negativamente. A maioria

(44%) dos alunos disse achar *nós + IPP* a melhor, por ser “mais correto”, “coerente”, “bonito”. 28% acharam o *a gente + 3PS* melhor, por ser mais “fácil de falar” e o “modo que todos falam”. 28% dos alunos consideraram não haver forma melhor, pois são “iguais”, “possuem o mesmo sentido”.

Diante das atitudes sociolinguísticas em relação aos usos da variável dependente, 35% dos alunos considerariam a pessoa que utilizasse a variante *nós + IPP* inteligente. Se uma pessoa usar *nós + 3PS*, 51% dos alunos achariam que, quem assim se comunicasse, não possui estudo. O mesmo acontece com a variante *a gente + IPP*, 57% também afirmaram que essa pessoa não tem estudo. Isso nos mostra a relação dessas variantes estigmatizadas com a falta de escolaridade.

O uso da variante *nós + IPP* com verbo no pretérito imperfeito (*nós gostávamos*) implica em 51% dos alunos considerando a pessoa que a utiliza inteligente. Quando perguntados sobre as formas que mais usam, a maioria (43%) disse ser *a gente + 3PS*, seguida por *nós + IPP* (24%) e *nós + 3PS* (22%). Houve alunos que afirmaram misturar todas as formas (11%). Comparando esses resultados com os da produção, identificamos que as percepções dos usos que os alunos têm das variantes em estudo se assemelha à realidade linguística de seu bairro.

Também perguntamos sobre quais as variantes usariam em situações de maior ou menor monitoração estilística. Em conversas entre amigos e familiares, 53% dos alunos afirmaram usar o *a gente + 3PS*. Na escola, os estudantes escolheram *nós + IPP* (38%) e *a gente + 3PS* (34%), mostrando que essa forma pode ser utilizada em situações formais e informais, pois quem a usa, não sofrerá estigma.

Em um texto escrito, 66% dos alunos disseram usar *nós + IPP*, evidenciando que, em eventos de letramento, a maioria opta pela forma padrão, prescrita pela gramática normativa. Os alunos também responderam sobre quais formas achariam que o bairro diferente do seu usaria. Na parte de crenças, o bairro mais mencionado como diferente do São Francisco foi o Itamaraty. Os alunos marcaram que a forma mais usada seria o *nós + IPP*. Se tomarmos os resultados da produção linguística do Itamaraty em comparação, não é o que, de fato, acontece nesse local. Lá, a forma mais utilizada foi *a gente + 3PS*.

Por fim, os últimos resultados do teste de atitudes dizem respeito à relação das variantes com o tempo verbal. Em suma, a forma *nós + IPP* seria favorecida por contextos com verbo no pretérito perfeito, enquanto o *a gente + 3PS* emergiria preferencialmente em contextos com verbos no presente. De fato, 53% dos alunos selecionaram a sentença com a variante *nós + IPP* para comunicar algo que já teria

acontecido. E 50% marcaram a sentença com *a gente* + *3PS* para dizer algo que acontece todos os dias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, a partir das inúmeras pesquisas que atestaram que o uso de *nós* e *a gente* em relação à concordância verbal é variável (COELHO, 2006; MATTOS, 2013; RUBIO, 2012), desejamos verificar se dois bairros com características distintas, de Monte Azul Paulista, possuiriam comportamento linguístico diferente. Além desse objetivo, foi de nosso interesse identificar quais as crenças e atitudes sociolinguísticas que o bairro de menor poder aquisitivo teria a respeito do fenômeno em questão.

Para isso, dividimos a pesquisa em duas etapas. A primeira consistiu na análise de produção linguística. Nela, pudemos identificar diferenças quanto aos usos linguísticos dos moradores. O bairro Itamaraty, com moradores de maior nível socioeconômico, produziu as formas *a gente + 3PS* e *nós + IPP*. Nesse local não houve ocorrência das formas estigmatizadas socialmente, *nós + 3PS* e *a gente + IPP*.

O bairro São Francisco, com moradores de menor poder aquisitivo, produziu as formas *a gente + 3PS*, *nós + IPP* e *nós + 3PS*. Diante desses resultados, verificamos a tendência de o *a gente + 3PS* ser avaliado positivamente, pois é a variante utilizada em maior frequência por falantes de todos os níveis de escolaridade e todos os níveis sociais. Por outro lado, a forma estigmatizada *nós + 3PS* restringe-se aos moradores sem escolarização, do bairro de menor poder aquisitivo. Em relação aos fatores linguísticos, observamos que, diante de contexto com forma verbal de saliência máxima, o uso da variante *nós + IPP* é favorecido. Em contexto de saliência esdrúxula, os moradores mostraram uma tendência a preferir se afastar do uso de formas verbais proparoxítonos (*nós cantávamos*) e fazer uso das formas *a gente + 3PS* e *nós + 3PS* (*a gente canta; nós canta*).

Desse modo, para a etapa do teste de crenças e atitudes sociolinguísticas, fizemos um recorte. Ele foi aplicado apenas no São Francisco, em alunos da escola local, moradores de tal bairro. Justificamos essa escolha pelo fato de ser nesse lugar onde as formas prestigiadas e estigmatizadas ocorreram, e pela escola ser um microcosmo, refletindo o que acontece na sociedade em geral (BORTONI-RICARDO, 2005). Os alunos escolhidos, além de morarem no São Francisco, deveriam estar no 9º ano do Ensino Fundamental, pois já teriam estudado os conteúdos referentes a pronomes e concordância verbal.

No que se refere às crenças desses alunos moradores do bairro, percebemos que em relação ao conteúdo gramatical, eles acreditam ser necessário sabê-lo para que se



tenha sucesso ao escrever e falar. Além dessas crenças, a maioria considerou que os moradores de seu bairro falam errado. Aqui, fica clara a força da prescrição normativa que recai sobre esses alunos, bem como a valorização de um ensino conservador, baseado em regras de certo x errado. Os estudantes também não creem que o modo de falar de seu bairro seja diferente de outro local da cidade, mas quanto ao modo de vida, esse sim lhes é saliente, muito provavelmente pela diferença estrutural entre os bairros. Além disso, ao serem perguntados se consideram o jeito de falar de sua cidade como caipira, mesmo sendo uma cidade do interior, a maioria crê que não.

Após responder a essas questões, os alunos foram convidados a escrever um parágrafo, contando algo que tivesse acontecido com eles e seus colegas. Observamos que em um texto escrito, as formas *nós + IPP* e *a gente + 3PS* foram utilizadas. Mais uma vez, há evidência de que a variante *a gente + 3PS* não é avaliada negativamente, pois mesmo em um texto escrito, os alunos a utilizaram. A forma *a gente + IPP* (2 ocorrências) também foi utilizada.

No teste de atitudes sociolinguísticas, observamos que, quando perguntados, a maioria dos alunos diz considerar a variante *nós + IPP* como a melhor, por ser a mais *correta, bonita*. Fica evidente o prestígio que essa forma carrega, provavelmente por ser descrita nos compêndios gramaticais e, assim, ser valorizada nas aulas de Língua Portuguesa. No entanto, alguns alunos também reconheceram a variante *a gente + 3PS* como melhor, com justificativa de que é assim que todos falam. Houve quem também optou por dizer que não há forma melhor, pois ambas comunicam a mesma informação, revelando, assim, uma certa compreensão de que ocorre variação linguística.

De forma geral, diante de pessoas que usassem em uma sentença a variante *nós + IPP* com verbo de saliência esdrúxula (pretérito imperfeito), a maioria dos alunos disse que consideraria essa pessoa inteligente. Em relação às formas *nós + 3PS* e *a gente + IPP*, os alunos afirmaram que achariam que essa pessoa não teria estudo. Dessa forma, observamos a associação das formas estigmatizadas à baixa escolaridade.

Observamos que a maneira como os alunos moradores do São Francisco acha que fala se assemelha aos resultados da produção linguística desse bairro, com usos de *a gente + 3PS*, *nós + IPP* e *nós + 3PS*. Ao investigar quais dessas variantes usariam em situação de maior e menor monitoramento estilístico, percebemos que o *a gente + 3PS* é a forma escolhida pelos alunos seja em situações de conversa entre amigos ou escola. Relembramos aqui que, isso mostra que essa forma não é avaliada negativamente na sociedade. No entanto, quando pedimos para os alunos indicarem qual forma usariam em

um texto escrito, a maioria selecionou o *nós + IPP*, evidenciando que a norma-padrão ainda possui grande poder sobre eventos de letramento.

A respeito de quais formas esses alunos escolheram para indicar a fala do bairro diferente do seu, a maioria indicou o *nós + IPP*. Se tomarmos o Itamaraty como base para a comparação, observamos que, na produção linguística, a variante mais utilizada foi o *a gente + 3PS*. Dessa forma, o que os alunos pensam acontecer em outro local da cidade, não se assemelha ao uso linguístico real. Podemos dizer que existe aí um imaginário, baseado no valor social da forma de mais prestígio, a forma autorizada pela norma gramatical.

Por fim, em contexto com verbos no pretérito perfeito os alunos optaram pela variante *nós + IPP*. Em contexto com verbos no presente do indicativo, a escolha se deu pela forma *a gente + 3PS*. Esse resultado se aproxima dos resultados da produção linguística e do que pesquisas como de Scherre, Naro e Yacovenco (2018) apontam.

Dito isso, observamos, nos resultados de produção, um comportamento linguístico diferente entre os bairros escolhidos para este trabalho. Muito disso se deve à diferença socioeconômica entre eles. Identificamos a forma *a gente + 3PS* como avaliada positivamente, pois os moradores de ambos os bairros a utilizam amplamente. As crenças possibilitaram entender que, em certos contextos, há a presença da força prescritiva, que age como instrumento de poder sobre os alunos participantes do teste. As atitudes sociolinguísticas apontam para a valorização de formas prescritas pela gramática normativa e do *a gente + 3PS*, bem como a associação das formas *nós + 3PS* e *a gente + IPP* a falantes menos escolarizados, mostrando o estigma atrelado a elas.

Isso significa que os alunos têm uma boa percepção de que as variantes variam estilisticamente. Quando consideramos *nós + IPP* e *a gente + 3PS*, acreditamos ser possível falar em marcador sociolinguístico, visto que o uso estaria condicionado estilisticamente e os falantes têm percepção disso. No entanto, as formas *nós + 3PS* e *a gente + IPP* seriam estereótipos, pois são traços marcados de forma consciente; os alunos relacionam esses usos na fala de pessoas com pouca escolarização.

Sabemos que muito já foi estudado sobre o fenômeno em questão. No entanto, consideramos importante que esses estudos sejam empreendidos em diversas comunidades, a fim de explorar os diversos sentidos que as variedades possam carregar e deste modo, contribuir para o mapeamento sociolinguístico do Brasil. Além do mais, acreditamos que estudos como este são relevantes para refletir sobre o ensino de língua

portuguesa, a fim de incluir a variação nas aulas, em busca de uma pedagogia da variação linguística que evidencie a realidade linguística heterogênea do país.

## REFERÊNCIAS

- ALI, M. S. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- ALMEIDA, N. M. de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 24ª ed. São Paulo: Saraiva, 1973.
- ALKIMIN, T. M. Sociolinguística: parte 1. In MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. *Introdução à Linguística I*. Domínios e Fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.
- AMARAL, A. *O Dialeto caipira: gramática e vocabulário*. 3. Ed. São Paulo: HUCITEC-SCET-CEC, [1920] 1976. 195 p.
- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Preconceito Linguístico*. 49. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2007.
- BARCELOS, A. M. F. *Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 109-138, 2007.
- BARCELOS, A. M. F. *Crenças sobre aprendizagem de línguas, Linguística Aplicada e ensino de línguas*. Linguagem & Ensino, 2004.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed., Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.
- BELL, A. Language style as audience design. *Language in Society*. n. 13, v. 2, p. 145-201, 1984.
- BERNARDI, J.B; CASTILHO, M. A. de. *A religiosidade como elemento de desenvolvimento humano*. Revista Interações (Campo Grande), v. 17, n.4, 2016.
- BEZERRA, N. *O Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC): uma conquista ainda não compreendida*. Monografia de especialização em Coordenação Pedagógica. UFMA. 2016.
- BISINOTO, L. S. J. *Atitudes sociolinguísticas: efeitos do processo migratório*. Campinas: Pontes, 2007.
- BORBA, F. S. *Introdução aos estudos linguísticos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2003.
- BORTONI-RICARDO, S.M. *Educação em língua materna: A Sociolinguística na sala de aula*, São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M.. *Do campo a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais* – São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BORTONI-RICARDO, S. M. *The urbanization of rural dialect speakers—a sociolinguistic study in Brazil*. University Press: Cambridge, 1985.

BOTASSINI, J. O. M. *A elipse do sujeito pronominal na linguagem falada do Paraná: uma análise variacionista*. Dissertação de Mestrado. UFPR, 1998.

BOTASSINI, J. O. M.; SOUZA, A. S. *A variação no uso dos pronomes-sujeito "nós" e "a gente"*. In: Anais, XII Simpósio Nacional de Letras e Linguística, 2009, Uberlândia, XII Silel, 2009.

BOTASSINI, J. O. M. *A importância dos estudos de crenças e atitudes para a sociolinguística*. SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 18/1, p. 102-131, jun. 2015.

CARVALHO, P. B. P. *Relação entre língua e identidade: a fala denuncia quem somos*. Revista Diálogos, v. 7, n. 1, 2019.

CAMPBELL-KIBLER, K. *Listener perceptions of sociolinguistic variables: the case of (ing)*. 2006. 282 f. Tese (Doutorado em Linguística) –Stanford University, Stanford, 2006.

CASTILHO, A. *A gramaticalização*. In: Revista de estudos lingüísticos e literários. Salvador: UFBA, 25-64. 1997.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHAMBERS, J. *Sociolinguistic Theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford: Blackwell, 1995.

COELHO, R. *É nós na fita! Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana*. São Paulo, 2006. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

COELHO, I. L. et al. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Universidade de São Paulo, 1979.

COSTA, J.; FIGUEIREDO-SILVA, M. C. *Notas Sobre a Concordância Verbal e Nominal em Português*. Estudos Lingüísticos, n. 35, 2006.

CUNHA, C; CINTRA, L. F. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

CYRANKA, L. F. M. *Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora – mg.* (Tese de doutorado). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007.

DAYRELL, J. *O rap e o funk na socialização da juventude*. Revista Em Foco: Educação e Sociedade midiática. Educ. Pesqui. 28 (1), 2002.

ECKERT, P. *The whole woman: Sex and gender differences in variation*. Language Variation and Change 1: 245-67, 1990.

\_\_\_\_\_. *Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation*. 2012. Annual Review of Anthropology. Palo Alto. 41: 87-100.

\_\_\_\_\_. *Linguistic variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.

\_\_\_\_\_. *Variation and the indexical field*. Journal of Sociolinguistics 12:453–476, 2008.

FARACO, C. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. *Para conhecer norma linguística*. São Paulo: Contexto, 2017.

FERNANDES, E. A. *Nós e a gente: Variação na cidade de João Pessoa*. Dissertação de Mestrado. UFPB, 1997.

FERNANDES, E. Fenômeno variável: nós e a gente. In: HORA, D. (Org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa, 2004.

FREITAG, R. M. K. *Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro*. D.E.L.T.A., n. 32, v.4, p. 889-917, 2016.

FREITAG, R. M. K. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (Org). *Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015, p. 17-74.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GÖRSKI, E.; COELHO, I. L. *Variação linguística e ensino de gramática*. Working Papers em Linguística, Florianópolis, UFSC, 2009.

GUY, G.R.; ZILLES, A.M.S. *Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HYMES, D. On communicative competence. In: BRUMFIT, Christopher; JOHNSON, Keith. (Org). *The communicative approach to language teaching*. Hong Kong: Oxford University Press, 1991. p. 3-26.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: *Cidades*. Disponível em: <http://mapasinterativos.ibge.gov.br/sigibge/>. Acesso em: 13 jul. 2022.

LABOV, W. (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]

\_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 1: Internal Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers. 1994.

\_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 2: Social Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers. 2001.

\_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 3: Cognitive Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers. 2010.

LAMBERT, W. E.; HODGSON, R.C.; GARDNER, R. C.; FILLENBAUM, S. Evaluation reactions to spoken languages. *Journal of Abnormal Social Psychology*, n. 60, p. 44-51, 1960.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia social*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

LAMBERT, W. E. A Social Psychology of Bilingualism. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Orgs.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2003 [1967].

LEMLE, M. NARO, A. J. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização/Fundação Ford, 1977.

LEVSHINA, N. *How to do Linguistics with R*. Data exploration and statistical analysis. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; SILVA, J. A. A. A concordância verbal. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 331-372.

LUCCHESI, D. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015, v. 1.

LOPES, C. R. dos S. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Rio de Janeiro, 1993.189f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LOPES, C. *A inserção de a gente no quadro pronominal português: percurso histórico*. Tese de doutorado, UFRJ, 1999.

LOPES, N.S. *Concordância nominal, contexto lingüístico e sociedade*. 2001. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador

LÓPEZ MORALES, H. *Sociolingüística*. 3ª ed. Madrid: Gredos, 2004.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

MATTOS, Shirley Eliany Rocha. *Goiás na primeira pessoa do plural*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MEILLET, A. *Linguistique historique générale*. Paris: Honoré Champion, 1965 [1911].

MENDOZA-DENTON, N. Language and Identity. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds) *The Handbook of Language Variation and Change*. Blackwell Publishing, 2002. Blackwell Reference Online.

MENON, Odete Pereira da Silva. *A gente, eu, nós: sintomas de uma mudança em curso no Português do Brasil?* In: Anais do II ELFE – Encontro Nacional sobre Língua Falada e Escrita. Maceió, 1997, p. 396-402.

MONTE, A. *Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. Autoimagem, autoestima e autorealização na universidade. In: ENRICONE, D. (Org.). *A docência na educação superior: sete olhares*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

MOURA, A. S.. *Música e construção de identidade*. In: XVII Congresso da ANPPOM, 2007, São Paulo. Anais do XVII Congresso da ANPPOM, 2007.

NARO, A. J.; GÖRSKI, E.; FERNANDES, E. Change without change. *Language Variation and Change*, v. 11, n. 2, 1999, p. 197-211.

OMENA, N. P. de. *A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural*. In: Naro, A. J. et al. Relatório final de pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação. Rio de Janeiro: UFRJ. 1986. P.286-319.

OLIVEIRA, K; SOUZA, V.; COELHO, J. S. B. Concordância nominal (cenas da variação em palcos do século XIX). In: LOBO, T. C. F. (Org.). *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 255-316.

OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: avaliação e percepção linguística na cidade de São Paulo*. 2015. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Doi: 10.11606/T.8.2015.tde-15062015104952.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Estatística para Linguistas* (1.0.0). Zenodo. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.822070>. Acesso em: 8 agosto. 2021.

\_\_\_\_\_. Avaliações e percepções sociolinguísticas. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), [S. l.], v. 50, n. 1, p. 318–336, 2021. DOI: 10.21165/el.v50i1.3100. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3100>. Acesso em: 20 abril. 2021.



PAJARES, M. F. *Teacher's beliefs and educational research: cleaning up a messy construct*. Review of Educational Research, v. 62, n. 3, p. 307-332, 1992.

PEIXOTO, M; CASSEL, P; BREDEMEIER, J. *Implicações neuropsicológicas e comportamentais na infância e adolescência a partir do uso de telas*. In: Research, Society and Development, v. 9, n. 9, e772997188, 2020.

PICINATO, P.B. *“O novo caipira”*: o olhar do “eu” e do “outro”. 2013 (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

\_\_\_\_\_. *Diga-me como falas e eu direi quem és*: um estudo Sociolinguístico da fala “caipira” na cidade de Sales Oliveira-SP. 2018. 331.f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2018.

PINTO, L. G. *“O que que nói vai fazê cuiisso?”*: Um estudo sobre alternância pronominal e significados sociais em Muzambinho-MG e Cabo Verde-MG. Araraquara, 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa)- Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, UNESP.

R Core Team (2021). R: *A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2018. Disponível em: <https://www.R-project.org/>.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

RODRIGUES, A. C. de S. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. São Paulo, 1987. 189f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

RODRIGUES, A. *Psicologia social*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

ROJO, R. *As relações entre fala e escrita: mitos e perspectivas - caderno do professor*. Belo Horizonte: Ceale, 2006.

RUBIO, C.F. *“Nós” versus “a gente” no português falado no noroeste paulista*. Estudos Linguísticos, v.40, n.2, 2011.

RUBIO, C. F. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

SAUSSURE, F. de [1916] *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1970. – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. *Dois dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil*. D.E.L.T.A.; v.9, n.1, p. 1-14, 1993.

SCHERRE, M. M. P. e NARO, A. J. *A concordância de número no português do Brasil* – um caso típico de variação inerente. In: HORA Dermeval da (org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia. 1997, p.93-114.

SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. *Sobre a concordância de número no português falado do Brasil*. In Ruffino, Giovanni (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509- 523, 1998.

SCHERRE, M.M.P. *Sobre a Influência de três Variáveis Relacionadas na Concordância Nominal em Português*. In: SCHERRE, M. M.P.; SILVA, G. M. de O e. (Org.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1998.

SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2005. (Lingua[gem]; 12)

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony J; YACOVENCO, Lilian Coutinho. *Nós e a gente em quatro amostras do português brasileiro: revisitando a escala da saliência fônica*. *Diadorim* (Rio de Janeiro), v. 20, n. 1, p. 420-450, 2018.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J; YACOVENCO, L. C. *Nós e a gente em quatro amostras do português brasileiro: revisitando a escala da saliência fônica*. *Diadorim* (Rio de Janeiro), v. 20, n. 1, p. 420-450, 2018.

SENE, M.G de. *Percepções sociolinguísticas, avaliações subjetivas e atitudes linguísticas: três domínios complementares*. São Paulo: Todas as letras., v. 21, n. 1, p. 304-323, jan./abr. 2019.

SILVA, M. R.; CAMACHO, R.G.. *Os pronomes 'nós' e 'a gente' no português falado em Rio Branco*. *ESTUDOS LINGUÍSTICOS (SÃO PAULO)*. 1978), v. 46, p. 311 - 321, 2017.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ed. Ática S.A., 2007.

TAMANINE, A. M. B. *A alternância nós/a gente no interior de Santa Catarina*. 2002. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1982. \_\_\_\_\_. *Manual de língua portuguesa (Portugal-Brasil)*. Coimbra Editora, 1989.

VIANNA, J.B.S. *A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – UFRJ. Rio de Janeiro, 2006.

VITORIO, E. G. de S. L. A. *Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso dos pronomes nós e a gente na cidade de Maceió/AL*. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.24, n.40, jan/abr. 2017.

ZILLES, A. M. S.; MAYA, L. Z.; SILVA, K. Q. da. *A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre-RS*. Organon, Porto Alegre, v.14, n.28-29, p.195-219, 2000.

ZILLES, A. M. S. *O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?* in Letras de Hoje. Porto Alegre, v.42, n.2, p. 27-44, junho de 2007.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

## APÊNDICE I

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Modelo de formulário Google a ser enviado individualmente para cada participante)**

Você, está sendo convidado (a) para participar da pesquisa “As atitudes linguísticas dos falantes de Monte Azul Paulista em relação à concordância variável com *nós e a gente*”, de forma apropriada, voluntária e gratuita, portanto, sua participação não é obrigatória. O objetivo dessa pesquisa é analisar questões de identidade linguística nos falantes da cidade de Monte Azul Paulista- SP. A pesquisa consiste em uma gravação (presencial ou através de ferramentas tecnológicas como Google Meet e áudios de Whatsapp) das respostas obtidas para os questionamentos realizados pela pesquisadora sobre vivências do dia-dia, temas como lazer, religião, memórias pessoais, dentre outros. Após a gravação, os dados obtidos são descritos, transcritos foneticamente e quantificados. É necessário ressaltar que os dados pessoais como nome e filiação serão sigilosos e que a sua identificação será feita de forma implícita, revelando apenas o sexo, a profissão, o grau de escolaridade, a região de origem e a faixa etária, religião e práticas sociais. Desta forma, sua identificação será mantida em completo sigilo, durante a pesquisa e após a publicação dos resultados. Qualquer citação de dados, que não os acima citados, só serão feitos mediante seu conhecimento e anuência prévios. A pesquisa comporta riscos mínimos para o participante e o pesquisador tomará todas as providências para minimizar ao máximo a possibilidade de eles ocorrerem. No caso de algum dano eventual decorrente da pesquisa, o pesquisador assumirá toda a responsabilidade e o encargo de indenizá-lo e você (entrevistado) também poderá se comunicar com o Comitê de Ética.

O resultado dessa pesquisa traz um benefício para a coletividade, pois permitirá chegar a um conhecimento sobre o fenômeno investigado que pode contribuir para o combate ao preconceito linguístico e social. Sua participação nessa pesquisa não lhe acarretará nenhum custo financeiro, mas caso ocorra alguma despesa imprevista, oriunda das gravações, o pesquisador ressarcirá todos os seus gastos.

A qualquer momento você poderá desistir de participar, não acarretando nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição à qual essa está

vinculada. Durante todos os momentos da pesquisa você poderá ter acesso às informações. Para isso, você receberá uma cópia deste formulário via e-mail, em que consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Preencha com os dados solicitados:

E-mail: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Telefone celular: \_\_\_\_\_

Assinale na caixa de seleção a opção “Eu aceito participar desta pesquisa”, caso deseje:

Eu aceito participar desta pesquisa.

Eu NÃO aceito participar desta pesquisa.

**OBS.: Cópia do termo preenchido será enviado ao e-mail do responsável legal.**

Nome Pesquisadora: Larissa Campoi Peluco	Cargo/Função: Aluna de Doutorado	
Instituição: FCIAr/UNESP		
Endereço: Marechal Costa e Silva, 174		
Telefone: (17) 99181-7179		

Projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do FCIAr/UNESP	
--	--

Rod. Araraquara-Jaú Km 1- Machados- Araraquara/SP- CEP 14800-901	
---	--

Araraquara/SP – Fone (16) 3334-6224	
-------------------------------------	--

## APÊNDICE II

### TERMO DE ESCLARECIMENTO AOS RESPONSÁVEIS POR PARTICIPANTES MENORES DE IDADE DA COMUNIDADE ( MODELO DE FORMULÁRIO)

#### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução 510/2016)

Seu (Sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) está sendo convidado a participar como voluntário desta pesquisa sob responsabilidade da pesquisadora Larissa Campoi Peluco. Através de um formulário online, serão feitas perguntas sobre a cidade, o bairro, as práticas sociais, lazer, gostos musicais e televisivos dos participantes. Na segunda parte, o participante deverá escrever um pequeno trecho sobre um momento que ele e seus colegas de classe vivenciaram antes da pandemia.

Você poderá consultar a pesquisadora responsável em qualquer época, pessoalmente ou pelo telefone da instituição, para esclarecimento de qualquer dúvida. Seu (Sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) está livre para, a qualquer momento, deixar de participar da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Todas as informações fornecidas por você e pelo(a) seu (sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) e os resultados obtidos serão mantidos em sigilo e, estes últimos só serão utilizados para divulgação em reuniões e revistas científicas. Você será informado de todos os resultados obtidos, independentemente do fato de estes poderem mudar seu consentimento em autorizar seu (sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) a participar da pesquisa. Você e seu (sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) não terão quaisquer benefícios ou direitos financeiros sobre os eventuais resultados decorrentes da pesquisa. Este estudo é importante porque seus resultados fornecerão informações para melhoria do ensino de língua portuguesa em nossa região e dar voz aos diferentes grupos e identidades locais.

Diante das explicações, se você concorda que seu (sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) participe desta pesquisa, forneça os dados solicitados e assinale na caixa de seleção a opção “Eu permito a participação do meu (minha) filho (a) ou menor sob minha responsabilidade nesta pesquisa”, caso permita a participação.

**Menor participante:**

Nome: \_\_\_\_\_

**Responsável(is)**

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Assinale na caixa de seleção a opção “Eu permito a participação do meu (minha) filho (a) nesta pesquisa”, caso permita a participação:

Eu permito a participação do meu (minha) filho(a) ou menor sob minha responsabilidade nesta pesquisa.

Eu NÃO permito a participação do meu (minha) filho(a) ou menor sob minha responsabilidade nesta pesquisa.

**OBS.: Cópia do termo preenchido será enviado ao e-mail do responsável legal.**

Nome Pesquisadora: Larissa Campoi Peluco	Cargo/Função: Aluna de Doutorado	
Instituição: FCIAr/UNESP		
Endereço: Marechal Costa e Silva, 174		
Telefone: (17) 99181-7179		
Projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do FCIAr/UNESP Rod. Araraquara-Jaú Km 1- Machados- Araraquara/SP- CEP 14800-901 Araraquara/SP – Fone (16) 3334-6224		



### APÊNDICE III

#### TESTE DE CRENÇAS E ATITUDES

##### DADOS PESSOAIS

Gênero: Masculino ( ) Feminino ( ) Outro ( )

Idade: \_\_\_\_\_ anos

Série: \_\_\_\_\_

Ocupação/profissão do pai ou responsável: \_\_\_\_\_

Ocupação/profissão da mãe ou responsável: \_\_\_\_\_

O que gosta de fazer nas horas livres: \_\_\_\_\_

Que tipo de música você mais gosta de ouvir: \_\_\_\_\_

Que tipo de programas/séries/filmes você gosta de assistir: \_\_\_\_\_

Você faz aulas ou cursos fora do horário da escola? \_\_\_\_\_

Você costuma sair com seus amigos nos fins de semana? \_\_\_\_\_

Seus amigos moram no bairro São Francisco como você? Se não, onde moram?

\_\_\_\_\_

Você frequenta alguma religião? Algum grupo de igreja? \_\_\_\_\_

Como você acha que seu bairro é reconhecido na cidade? Quando pensam no São Francisco e nas pessoas que moram aqui, que ideia as pessoas têm? \_\_\_\_\_

##### PARTE 1

Escreva um parágrafo sobre alguma situação engraçada ou diferente que aconteceu com você junto com seus amigos ou colegas da escola.

## PARTE 2-

Você encontra, abaixo, algumas afirmações sobre a língua portuguesa. Diga se cada uma delas é verdadeira (V) ou falsa (F)

Afirmações	V	F
1. A língua ESCRITA é mais correta do que a FALADA.		
2. Para ESCREVER e FALAR bem basta conhecer as regras gramaticais.		
3. Para ESCREVER bem, deve-se melhorar o jeito de FALAR.		
4. Quando estou com meus amigos e família, não ligo para o jeito que falo.		
5. Eu escrevo bem.		
6. Eu FALO bem		
7. O modo de falar no bairro São Francisco é diferente de outros bairros.		
8. As pessoas do meu bairro falam errado.		
9. O modo de falar do monteazulense é caipira.		
10. A vida das pessoas do meu bairro é diferente de outros bairros da cidade.		
11. Se eu pudesse citar um bairro bem diferente do meu seria: _____	x	x
12. Eu falo como os meus pais falam.		
13. Existe uma forma correta de FALAR.		
14. O jeito de FALAR de Monte Azul Paulista é bonito.		
15. Há outras FALAS mais bonitas que a de Monte Azul, como a de: _____	x	x

## PARTE 3

1-) Observe as frases: “**Nós gostamos** de chocolate” e “**A gente gosta** de chocolate”. Você acha alguma delas a melhor? Por quê?

2-) Se uma pessoa falar pra você: “**Nós gostamos** de chocolate” em vez de “**A gente gosta** de chocolate”, o que você pensaria dessa pessoa? Marque todas as alternativas que quiser.

- Que ela é inteligente.
- Que ela é metida.
- Que ela é simples.
- Que ela é legal.
- Que ela é chata.
- Que ela não tem estudo.
- Que ela fala do jeito que as pessoas do meu bairro falam.

3-) Se uma pessoa falar: “**Nós estuda** muito na escola”, o que você pensaria dessa pessoa? Marque todas as alternativas que quiser.

- Que ela é inteligente.
- Que ela é metida.
- Que ela é simples.
- Que ela é legal.
- Que ela é chata.
- Que ela não tem estudo.

n) Que ela fala do jeito que as pessoas do meu bairro falam.

4-) Se uma pessoa falar: “**A gente vamos** sair sábado?”, o que você pensaria dessa pessoa? Marque todas as alternativas que quiser.

- a) Que ela é inteligente.
- b) Que ela é metida.
- c) Que ela é simples.
- d) Que ela é legal.
- e) Que ela é chata.
- f) Que ela não tem estudo.
- g) Que ela fala do jeito que as pessoas do meu bairro falam.

5-) Se uma pessoa falar: “**Nós gostávamos** de Matemática” em vez de “**A gente gostava** de Matemática”, o que você pensaria dessa pessoa? Marque todas as alternativas que quiser.

- a) Que ela é inteligente.
- a) Que ela é metida.
- b) Que ela é simples.
- c) Que ela é legal.
- d) Que ela é chata.
- e) Que ela não tem estudo.
- f) Que ela fala do jeito que as pessoas do meu bairro falam.

6-) E você, qual/quais formas mais usa? Marque todas as alternativas que quiser.

- a) Uso “**Nós gostamos** de férias”.
- b) Uso “**Nós gosta** de férias”.
- c) Uso “**A gente gosta** de férias”.
- d) Uso “**A gente gostamos** de férias”.
- e) Misturo todas.

7-) Na sua casa e com seus amigos, qual/quais as formas mais usadas? Marque todas as alternativas que quiser.

- a) Uso “**Nós gostamos** de férias”.
- b) Uso “**Nós gosta** de férias”.
- c) Uso “**A gente gosta** de férias”.
- d) Uso “**A gente gostamos** de férias”.
- e) Misturo todas.

8-) Na escola, qual/quais as formas mais usadas? Marque todas as alternativas que quiser.

- a) Uso “**Nós gostamos** de férias”.
- b) Uso “**Nós gosta** de férias”.
- c) Uso “**A gente gosta** de férias”.
- d) Uso “**A gente gostamos** de férias”.

e) Misturo todas.

9-) Em um texto escrito, qual/quais as formas mais usadas? Marque todas as alternativas que quiser.

- a) Uso “**Nós gostamos** de férias”.
- f) Uso “**Nós gosta** de férias”.
- a) Uso “**A gente gosta** de férias”.
- b) Uso “**A gente gostamos** de férias”.
- c) Misturo todas.

10-) No bairro diferente do seu, que você citou na parte 2 da pesquisa, qual/quais seriam as formas mais usadas lá? Marque todas as alternativas que quiser.

- a) Usam “**Nós gostamos** de férias”.
- b) Usam “**Nós gosta** de férias”.
- c) Usam “**A gente gosta** de férias”.
- d) Usam “**A gente gostamos** de férias”.
- e) Misturam todas.

11-) Se você quer contar sobre alguma coisa que **já aconteceu** com você e seus colegas, qual seria a melhor forma a utilizar? Marque todas as alternativas que quiser

- a) **Nós ganhamos** o jogo!
- b) **Nós ganhou** o jogo!
- c) **A gente ganhou** o jogo!
- d) **A gente ganhamos** o jogo!

12-) Se você quer contar sobre alguma coisa que **acontece todos os dias** comigo e meus colegas qual seria a melhor forma a utilizar? Marque todas as alternativas que quiser.

- a) **Nós temos** aula de música aqui na escola.
- b) **Nós tem** aula de música aqui na escola.
- c) **A gente tem** aula música aqui na escola.
- d) **A gente temos** aula de música aqui na escola.

## APÊNDICE IV



**SECRETARIA MUNICIPAL DE SEGURANÇA E TRÂNSITO**  
**GUARDA CIVIL MUNICIPAL "LEI E ORDEM"**

Rua Marechal Deodoro da Fonseca, nº 557-Telefone (17) 3361-2782 ou 199 (Defesa Civil)  
[guardamunicipal@monteazulpaulista.sp.gov.br](mailto:guardamunicipal@monteazulpaulista.sp.gov.br) – Monte Azul Paulista/SP



**ESTATÍSTICA – PRINCIPAIS OCORRÊNCIAS**  
**BAIRRO SÃO FRANCISCO**

Ano: 2020

QTDE	NATUREZA	OBSERVAÇÃO
01	Abandono de Incapaz	
02	Acidente de Trânsito s/ Vítima	
03	Agressão	
02	Ameaça	
01	Averiguação de Violência Doméstica	
03	Captura de Procurado	
06	Comunicação de Fato	
05	Desinteligência	
02	Desobediência	
01	Fornecer Bebida á Menor (ECA 243)	
02	Furto	
04	Tráfico de Drogas/Associação p/ o Tráfico de Drogas	
02	Lesão Corporal	
01	Omissão na Cautela da Guarda de Animal	
03	Perda de Documento	
01	Perda de Placa de Veículo Automotor	
02	Perturbação de Sossego	
05	Porte de Entorpecente	
01	Sequestro/Cárcere Privado/Lesão Corporal/Ameaça/Violência Doméstica	
01	Tentativa de Suicídio	
04	Violência Doméstica	



**SECRETARIA MUNICIPAL DE SEGURANÇA E TRÂNSITO**  
**GUARDA CIVIL MUNICIPAL "LEI E ORDEM"**

Rua Marechal Deodoro da Fonseca, nº 557-Telefone (17) 3361-2782 ou 199 (Defesa Civil)  
 guardamunicipal@monteazulpaulista.sp.gov.br – Monte Azul Paulista/Sp



**ESTATÍSTICA – PRINCIPAIS OCORRÊNCIAS**  
**BAIRRO SÃO FRANCISCO**

Ano: 2021

QTDE	NATUREZA	OBSERVAÇÃO
03	Abandono de Incapaz	
02	Acidente de Trânsito c/ Vítima	
03	Acidente de Trânsito s/ Vítima	
02	Agressão	
03	Ameaça	
01	Ato Infracional/Gesto Obsceno	
01	Averiguação de Estupro de Vulnerável	
03	Averiguação de Furto	1 - FLAGRANTE
01	Averiguação de Incêndio Criminoso	
01	Averiguação de Tentativa de Homicídio	
01	Averiguação de Violência Doméstica/Maus Tratos a Criança	
01	Averiguação Maria da Penha	
02	Captura de Procurado	
06	Comunicação de Fato	
02	Dano	
01	Desacato	
02	Descumprimento da Lei Municipal 2287 (Junho/2021) Artigo 268	
01	Descumprimento de Medida Protetiva	1 - FLAGRANTE
08	Desinteligência	
01	Estelionato	
01	Feminicídio/Importunação Sexual	
06	Furto	
05	Lesão Corporal	
01	Localização de Objetos Produto de Furto	
01	Omissão na Cautela da Guarda de Animal	
01	Perda de Documento	
03	Perturbação de Sossego	
13	Porte de Entorpecente	
01	Porte de Entorpecente/Ato Infracional	
01	Preservação de Direito	
01	Recolhimento de Veículo	
01	Subtração de Incapaz	
01	Tentativa de Homicídio	
04	Tráfico de Drogas/Associação p/ o Tráfico de Drogas	1 - FLAGRANTE
01	Via de Fato	
03	Violência Doméstica	2 - FLAGRANTE



**SECRETARIA MUNICIPAL DE SEGURANÇA E TRÂNSITO**  
**GUARDA CIVIL MUNICIPAL "LEI E ORDEM"**  
 Rua Marechal Deodoro da Fonseca, nº 557-Telefone (17) 3361-2782 ou 199 (Defesa Civil)  
[guardamunicipal@monteazulpaulista.sp.gov.br](mailto:guardamunicipal@monteazulpaulista.sp.gov.br) – Monte Azul Paulista/SP



**ESTATÍSTICA – BAIRRO SÃO FRANCISCO**  
**PRINCIPAIS OCORRÊNCIAS**

Ano: 2022

QTDE	NATUREZA	OBSERVAÇÃO	
01	Acidente de Trânsito c/ Vítima		
02	Acidente de Trânsito s/ Vítima		
01	Ameaça/Ato Infracional		
01	Ato Infracional/Agressão/Bullyng		
01	Ato Infracional/Desacato a Funcionário Público		
01	Ato infracional/Estupro de Vulnerável (Artigo 217 A)		
01	Averiguação de Ameaça de Morte		
04	Comunicação de Fato		
02	Dano		
02	Descumprimento de Medida Protetiva		1 – FLAGRANTE
01	Desinteligência		
01	Extravio de Objeto (Celular)		
06	Furto		1 – FLAGRANTE
01	Furto Consumado		
01	Furto Qualificado de Autoria Conhecida/Objeto Apreendido		
03	Lesão Corporal		
02	Maus Tratos a Idoso		
01	Perturbação de Sossego		
01	Porte de Entorpecente ✓		
01	Tentativa de Roubo		
01	Violência Doméstica		

Informações: Até o dia 16.05.2022